

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**AQUISIÇÃO DE SUJEITOS E OBJETOS PRONOMINAIS NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO: UM ESTUDO LONGITUDINAL DOS NULOS, PESSOAIS E SEUS
CASOS NA PERSPECTIVA DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA**

Julieane Pohlmann Bulla

Dr Lilian Cristine Scherer
Orientadora

Data de defesa: 26 / 08 / 2013

Instituição depositária:
Biblioteca Central Irmão José Otão
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, agosto de 2013

JULIEANE POHLMANN BULLA

**AQUISIÇÃO DE SUJEITOS E OBJETOS PRONOMINAIS NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM ESTUDO LONGITUDINAL
DOS NULOS, PESSOAIS E SEUS CASOS NA PERSPECTIVA
DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA**

Tese apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor em Letras
junto ao Programa de Pós Graduação em
Letras da Faculdade de Letras da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra Lilian Cristine Scherer

Porto Alegre
2013

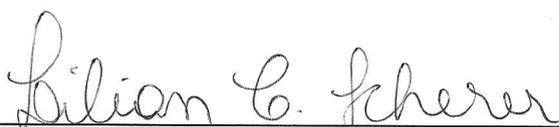
JULIEANE POHLMANN BULLA

**AQUISIÇÃO DE SUJEITOS E OBJETOS PRONOMINAIS NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM ESTUDO LONGITUDINAL DOS
NULOS, PESSOAIS E SEUS CASOS NA PERSPECTIVA DA
MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA**

Tese apresentada como requisito para
obtenção do grau de Doutor, pelo
Programa de Pós-Graduação em
Letras da Faculdade de Letras da
Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul.

Aprovada em 26 de agosto de 2013

BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Lilian Cristine Scherer - PUCRS

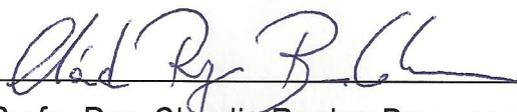
Prof. Dr. Kenneth Wexler - Massachusetts Institute of Technology



Profa. Dra. Cíntia da Costa Alcântara - UFPel



Profa. Dra. Ana Maria Tramunt Ibaños - PUCRS



Profa. Dra. Cláudia Regina Brescancini - PUCRS

Aos meus gurizinhos Ângelo e Bernardo

AGRADECIMENTOS

Seria injusto discorrer aqui sobre o significado desse passo. Perceber em palavras a dimensão e a alegria de terminar uma tese de doutorado é uma tarefa mais complicada do que o percurso em si. Quero, portanto, direcionar um pouquinho da energia do sentimento envolvido nessa conquista para dizer um enorme OBRIGADA a todos vocês que doaram seu tempo, suas orações e seu carinho para que eu pudesse chegar até aqui.

Ao meu amor, Guilherme, por se doar por inteiro para que a nossa família tivesse paz em meio às tempestades. Obrigada por manter os sorrisos nos rostos dos nossos filhos enquanto estive ausente.

À minha mãe, Rosemary, por doar suas férias, por deixar seu bebê para ajudar a cuidar dos meus. Obrigada por acreditar sempre e tanto.

Ao meu pai, Carlos Alberto, por me emprestar a mãe e por aguentar as frias noites de julho sem a sua amada. Obrigada por enxergar sempre um passo à frente e, assim, me fazer crescer para te orgulhar.

À minha sogra, Maria Alice, por sua energia de maratonista e por sua dedicação integral. Obrigada por deixar sua casa para cuidar da nossa. Obrigada pelo quintal.

À minha orientadora, Lilian, por encarar o meu projeto com tanta fé. Obrigada por me aceitar e por acreditar em mim. Tua sensibilidade e dedicação me inspiram imensamente.

Ao Prof. Kenneth Wexler, por se interessar por meu projeto e por me receber no MIT.

À Prof. Denise Issler, pelo *corpus* impecavelmente coletado. Obrigada por todos os esforços para a localização dos sujeitos e por disponibilizar esse precioso material para a pesquisa.

À Profa. Nina Hyams, por me receber na UCLA com tanto entusiasmo.

Às Profas. Ana Ibaños, Cíntia Alcântara, Cláudia Brescancini e ao Prof. Wexler por aceitarem fazer parte da banca.

Ao colega Prof. Gabriel Othero, pelas dicas sempre valiosas.

À Profa. Ingrid Finger, por me falar da Morfologia Distribuída.

Ao Prof. Rafael Minussi, por responder as minhas dúvidas sobre a teoria.

À Profa. Regina Lamprecht, por me inspirar para a aquisição da linguagem, por me levar até o *Corpus Issler*.

Às amigas Bárbara, Ângela, Cristiane, Gabriele e Ana Paula, pelo suporte emocional, pelo carinho e pelas palavras de incentivo.

RESUMO

Esta tese trata da aquisição dos pronomes pessoais no português brasileiro (PB) na perspectiva da Morfologia Distribuída. Com base em um *corpus* composto por falas de três crianças gravadas de forma naturalística e longitudinal entre 1 ano e 7 meses e 3 anos de idade, a investigação apresenta dados quantitativos e qualitativos da produção de pronomes pessoais nas posições de sujeito e objeto, bem como da expressão de sujeitos e objetos plenos e nulos. Por meio de análises morfossintáticas de contextos de 1ª pessoa, verificou-se que as crianças do *corpus* passam por um *Estágio de Pessoa Opcional*, em que alternam entre verbos flexionados e com flexão *default*, igual à de 3ª pessoa. Na exploração do caso morfológico, constataram-se apenas dois casos na aquisição do PB: o acusativo, responsável pela inserção dos clíticos *me* e *te*; e o oblíquo, inserindo as formas tônicas *mim* e *ti*. Propôs-se que o *Merger Morfológico Descendente* (EMBICK & NOYER, 1999; 2005) determina o caso acusativo para pronomes de 1ª e 2ª pessoas em posição interna a sintagmas verbais (VP) e caso oblíquo para pronomes de 1ª e 2ª pessoas internos a sintagmas preposicionais (PP). Após a inserção de itens acusativos, há ainda a atuação do *Merger Morfológico de Deslocamento Local*, que reordena linearmente os pronomes para a posição proclítica, típica do PB. Assim, a pesquisa contribuiu com dados longitudinais da aquisição de pronomes e da flexão verbal por crianças brasileiras, o que poderá servir como base para novas pesquisas, incluindo as que comparem a aquisição destes aspectos por crianças falantes de outras línguas.

Palavras-chave:

Aquisição de pronomes pessoais – Morfologia Distribuída – Morfossintaxe – caso morfológico – aquisição de flexão verbal

ABSTRACT

This thesis investigates the acquisition of personal pronouns in Brazilian Portuguese (BP) from the perspective of Distributed Morphology. Based on a *corpus* composed by interactions of 3 toddlers recorded naturalistic and periodically from 1 year and 7 months to the age of 3, the study presents quantitative and qualitative data of the production of personal pronouns in subject and object positions, as well as null and overt subject and object production. From morphosyntactic analyses of 1st person contexts, it was found that the children in this *corpus* do pass through an *Optional Person Stage*, during which they alternate between agreeing inflected verbs and *default* inflected ones, being the last identical to 3rd person inflected forms. Exploring the morphological case issue, only two cases came out in the acquisition of BP: the accusative, responsible by the insertion of the clitics *me* and *te*; and the oblique, causing the insertion of the stressed pronouns *mim* and *ti*. It is proposed that case attribution may take place via *Lowering Morphological Merger*: accusative case is given to 1st and 2nd person pronouns which are VP-internal and oblique case to 1st and 2nd person pronouns that are PP-internal. After the accusative item insertion, there may still be the action of *Local Dislocation Morphological Merger* to rearrange the pronoun to a proclitic position, typical of BP. Thus, this research has contributed with longitudinal data of pronoun and verbal inflection acquisition by Brazilian children, what may engage future investigations, including those which compare the acquisition of these aspects by other languages speaking children.

Keywords:

Acquisition of personal pronouns – Distributed Morphology – Morphosyntax – morphological case – acquisition of verbal inflection

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Índícios de Caso nos pronomes.....	27
Figura 1 – Projeção de NP em vez de PP.....	34
Figura 2 –Projeção em IP.....	35
Figura 3 – Projeção em VP.....	35
Figura 4 – Arquitetura da Gramática na MD.....	43
Quadro 2 – <i>Spell-Out</i> de dois morfemas.....	44
Quadro 3 – <i>Spell-Out</i> de radical, categorizador e sufixo.....	45
Figura 5 – Estrutura da Gramática com a Morfologia.....	47
Figura 6 – Estrutura sintática básica do verbo português.....	50
Figura 7 – Estrutura morfológica básica do verbo português.....	51
Figura 8 – Formação da 1ª pessoa singular do presente.....	52
Figura 9 - Formação da 1ª pessoa singular do Pret. Perfeito.....	53
Quadro 4 - Regras fonológicas na formação do Pretérito Perfeito.....	55
Figura 10 - Etapas do mapeamento de /me/ acusativo e dativo.....	58
Figura 11 – Estrutura morfossintática de infinitivo sem auxiliar.....	72
Figura 12 - Estrutura morfossintática em vP com nP interno.....	72
Gráfico 1 – Crescimento do emprego adequado da 1ª pessoa do singular.....	78
Quadro 5 - Presente do indicativo do verbo <i>querer</i>	81
Quadro 6 – Inserção de itens vocabulares do verbo <i>passar</i> no Pret. Perfeito.....	82
Figura 13 – Verbo no infinitivo sem verbo auxiliar.....	83
Figura 14 – Verbo na 3ª pessoa em contexto de 1ª pessoa.....	84
Figura 15 – Verbo na 3ª pessoa em contexto passado de 1ª pessoa.....	85
Figura 16 – Verbo no infinitivo com auxiliar na 3ª pessoa em contexto de 1ª pessoa.....	86
Gráfico 2 – Empregos de sujeitos pronominais pessoais, nulos e outros por Tati.....	89
Gráfico 3 – Empregos de sujeitos pronominais pessoais, nulos e outros por João.....	90
Gráfico 4 – Empregos de sujeitos pronominais pessoais, nulos e outros por Rafael.....	92
Gráfico 5 – Sujeitos nulos na 1ª, na 3ª e nas outras pessoas do discurso.....	93
Gráfico 6 – Sujeitos pronominais de 1ª, de 3ª e de outras pessoas gramaticais.....	94
Figura 17 – Estrutura morfossintática de sujeito nulo e verbo sem traço de pessoa.....	94
Figura 18 – Estrutura morfossintática de sujeito nulo e verbo com traço de pessoa.....	97
Figura 19 - Estrutura morfossintática de sujeito expreso e verbo com traço de pessoa.....	99
Figura 20 - Estrutura morfossintática de sujeito expreso e verbo sem traço de pessoa.....	99

Figura 21 - Projeção de sujeito oblíquo em Spec de vP.....	103
Figura 22 - Projeção de sujeito oblíquo em Spec de AgrP.....	103
Figura 23 – <i>Merger</i> Morfológico de atribuição de caso oblíquo.....	105
Gráfico 7 – Emprego de objetos pronominais pessoais, nulos e outros por Tati.....	109
Gráfico 8 – Emprego de objetos pronominais pessoais, nulos e outros por João.....	110
Gráfico 9 – Emprego de objetos pronominais pessoais, nulos e outros por Rafael.....	111
Figura 24 – Estrutura sintática de clítico <i>me</i>	114
Figura 25 – <i>Merger</i> Morfológico de atribuição de caso oblíquo.....	118
Quadro 7 – Caso morfológico dos pronomes encontrados nos dados das 3 crianças.....	119
Esquema 1 – Mapeamento do Estágio de Pessoa Opcional na aquisição do PB.....	121
Esquema 2 – Mapeamento do caso morfológico na aquisição dos pronomes	122

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantidade de verbos finitos e infinitivos produzidos em contextos finitos.....	70
Tabela 2 – Quantidade de verbos produzidos em contextos de Pretérito Perfeito com marcas de pessoa com e sem traço de passado.....	73
Tabela 3 - Quantidade de verbos infinitivos e finitos produzidos em contextos infinitivos.....	75
Tabela 4 – Quantidade de verbos em 1ª e em 3ª pessoas produzidos em contextos de 1ª pessoa.....	77
Tabela 5 – Quantidade de verbos em 3ª e em 1ª pessoas produzidos em contextos de 3ª pessoa.....	79
Tabela 6 – Tipos de sujeitos produzidos: quantidade de pronomes pessoais, nulos e outros.....	88
Tabela 7 – Quantidade de orações produzidas com traços de AGR concordante com sujeito explícito e nulo, e AGR discordante de sujeito explícito e nulo.....	96
Tabela 8 – Caso morfológico produzido nos sujeitos pronominais pessoais.....	101
Tabela 9 – Tipos de objetos produzidos: quantidade de pronomes pessoais, nulos e outros.....	108
Tabela 10 – Caso morfológico produzido nos objetos pronominais pessoais em VP.....	112
Tabela 11 – Caso morfológico produzido nos objetos pronominais pessoais em PP.....	117

SUMÁRIO

PRIMEIRAS PALAVRAS	17
INTRODUÇÃO	18
1 A LINGUAGEM, UM POUCO DE TEORIA E ALGUNS ESTUDOS	21
1.1 A Linguagem na Teoria da Gramática	22
1.2 A Teoria do Caso e a aquisição da linguagem.....	24
1.2.1 A aquisição do caso no Português Brasileiro	25
1.3 A relação entre a flexão verbal e o preenchimento das posições subjetivas	30
1.4 A omissão de argumentos na primeira infância.....	36
2 A MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA: TEORIA E APLICAÇÕES	41
2.1 MD: A explosão do léxico.....	41
2.1.1 A Teoria em três listas.....	43
2.1.2 Spell-Out e as propriedades da MD	44
2.1.3 Operações morfológicas	47
2.2 O paradigma verbal no PB segundo a MD.....	49
2.3 O paradigma pronominal do PB segundo a MD.....	56
3 O MÉTODO	61
3.1 Tipo de pesquisa	61
3.2 Objetivos.....	61
3.3 Hipóteses	62
3.4 Corpus	62
3.5 Procedimentos para organização e análise dos dados	63
3.6 Critérios de inclusão e exclusão de dados	67
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	69
4.1 A chegada dos verbos, seus tempos e concordâncias	69
4.2 Pronomes subjetivos: presença, ausência e caso	87
4.2.1 O caso no sujeito pronominal pessoal	100
4.3 Pronomes objetivos: presença, ausência e caso.....	107
4.3.1 O caso no objeto pronominal pessoal	112
4.4 Um modelo da aquisição dos pronomes pessoais e do caso morfológico.....	119
4.4.1 Estágio de Pessoa Opcional.....	120
4.4.2 O caso morfológico nos pronomes.....	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS	127
ANEXOS.....	135

ANEXO A – Primeiras ocorrências de cada pronome de acordo com o Caso (Tati).....	135
ANEXO B – Primeiras ocorrências de cada pronome de acordo com o Caso (João)	136
ANEXO C – Primeiras ocorrências de cada pronome de acordo com o Caso (Rafael)	138
ANEXO D – Detalhamento dos arquivos de Tati	140
ANEXO E – Detalhamento dos arquivos de João	141
ANEXO F– Detalhamento dos arquivos de Rafael	142
ANEXO G – Parecer de aprovação do projeto desta pesquisa pelo Comitê de Ética da PUCRS.....	142

PRIMEIRAS PALAVRAS

O verbo é do ser humano e o ser humano é um ser verbal. A linguagem que conhecemos é a característica mais nossa que temos e, mesmo que não possamos afirmar que é a única forma de comunicação que existe, podemos dizer que é certamente uma das mais completas e complexas. No primeiro ano de vida, o homem desenvolve habilidades motoras que o permitem segurar objetos, levar comida à boca e até caminhar. Embora tudo pareça surpreendentemente rápido para os pais e cuidadores, esse processo é bem mais lento e gradual do que para a maioria dos animais, que ao final de um ano já podem ser confundidos facilmente com adultos da espécie, não só por seu tamanho, mas também por suas habilidades e independência. Nenhum animal que conhecemos, no entanto, vai falar de forma autônoma e voluntária. Nem em um ano, nem na vida inteira.

O nosso sistema cognitivo tem na linguagem sua guia, seu centro expressivo e seu manifesto audível e calado. Não conseguimos imaginar uma forma de organizar nossos pensamentos sem o uso das palavras e é a própria natureza de nossa habilidade verbal que nos dá o título de seres racionais. Segundo Locke (2011, p. 14), aos seis meses a maioria dos bebês já ouviu o bastante para reconhecer algumas palavras e para experienciar alguma reorganização perceptual, envolvendo palavras. Desde o nascimento, o bebê já está com os ouvidos e a mente voltados para a aquisição dessa ferramenta social que o faz indivíduo e o insere no grupo. O olhar nesta tese é para o fenômeno observável do desenvolvimento linguístico, para o produto em processo de maturação e evolução e suas propriedades formais que o inserem no complexo sistema da Gramática.

Tomando como ponto de partida o estudo qualitativo de aquisição do caso no Português Brasileiro (doravante PB) publicado em minha dissertação de Mestrado (2009), foi pensada esta pesquisa, quantitativa, qualitativa e longitudinal em sua essência, que traz um registro mais acurado do curso da aquisição de pronomes pessoais no PB. Uma motivação importante para a continuidade da investigação iniciada no Mestrado foi a apresentação daqueles achados para o Prof. Dr Kenneth Wexler (MIT¹) durante uma conferência de Bilinguística na UQAM², em Montreal, em meados de 2010. Na ocasião, Dr Wexler destacou a relevância daquela pesquisa e sugeriu que registros numéricos dos achados seriam de enorme valia dentro do universo da aquisição da linguagem, visto que ele próprio já discutira fenômenos de aquisição do caso nos pronomes de diversas línguas mas não se tinha

¹ Massachusetts Institute of Technology.

² Université du Québec à Montréal.

conhecimento de estudos semelhantes para o PB. Assim, surgiu uma parceria: Dr Wexler participou pessoalmente da elaboração das perguntas que geraram as tabelas-base para o estudo quantitativo. O desenvolvimento desta pesquisa também contou com o apoio da Profa. Dr Nina Hyams (UCLA³), que revisou as perguntas e tabelas e colaborou com relevantes referências teóricas.

O caráter inovador desse estudo merece ser destacado não apenas pelo seu tema, motivador de interlocuções importantes no cenário internacional, mas também por ser longitudinal e por apresentar análises em uma teoria que reformula e reorganiza a estrutura da Gramática Gerativa. A escolha da Morfologia Distribuída foi fundamental para se trazer um novo olhar para os dados publicados em 2009 e para colaborar em uma interface de vanguarda nos estudos linguísticos no Brasil, essa entre a aquisição de primeira língua e o mapeamento da Gramática pelo viés da Morfologia Distribuída.

³ University of California, Los Angeles.

INTRODUÇÃO

O foco desta pesquisa em seu nascedouro era a aquisição do caso estrutural marcado nos pronomes pessoais singulares do PB. Após a publicação de Pohlmann-Bulla (2009), com análises da marcação de Caso nas falas das 3 crianças do *Corpus* Issler à luz da Teoria Gerativa (Princípios e Parâmetros), a investigação aumentou seu escopo para a análise da flexão verbal e da aquisição das formas pronominais pessoais singulares. A percepção empírica de que a flexão verbal se relacionava de forma tão importante com a verbalização dos pronomes e com o preenchimento das posições de sujeito gerou também a necessidade de que fossem feitas contagens para quantificar as ocorrências e melhor entender essas relações. A adoção de uma outra teoria para as análises – desta vez a Morfologia Distribuída (HALLE & MARANTZ, 1993) –, foi de especial valor para este trabalho, à medida que permitiu um renovado olhar para os mesmos dados.

A Morfologia Distribuída (doravante MD) possibilita um detalhamento analítico porque vai além da sintaxe, invade a palavra e guia o linguista também para o estudo dos sentidos. A teoria eleita para esta pesquisa prevê e explica as idiossincrasias e, embora não seja possível dar conta da enorme complexidade dos fenômenos de aquisição da linguagem em apenas uma tese, portas ficam abertas para novas investigações do mesmo tema em variados âmbitos.

A fim de se chegar à grande meta de mapear a aquisição de pronomes pessoais na primeira infância, considerando sua distribuição contextual e suas relações com a flexão verbal, os objetivos desta pesquisa foram analisar, registrar e quantificar o emprego da flexão verbal e a sua concordância subjetiva e temporal, bem como o emprego dos pronomes pessoais, suas omissões nas posições de sujeito e objeto e seus casos; e verificar as relações e a influência da flexão verbal concordante com o preenchimento das posições subjetivas e com o emprego do caso nos pronomes pessoais nas posições de sujeito e objeto.

As hipóteses que esta pesquisa busca verificar estão relacionadas a achados iniciais de Pohlmann-Bulla (2009), e versam que a flexão verbal de 3ª pessoa é a primeira a ser adquirida pelas crianças, mesmo que em discordância com o sujeito discursivo; que sujeitos e objetos nulos representam um número expressivo na fala infantil e suas ocorrências se mantêm de forma intensa mesmo após a aquisição dos pronomes; que o primeiro caso a aparecer na fala das crianças é o nominativo, seguido do acusativo e do oblíquo; que há um período em que as crianças empregam a flexão de 3ª pessoa em contextos discursivos de 1ª pessoa; e que

enquanto as crianças não concordam o verbo com o sujeito discursivo, elas tendem a também não utilizar pronomes pessoais, não demonstrando assim conhecimento acerca do sistema de casos de sua língua.

Esta pesquisa é descritiva, pois busca fazer um mapeamento do processo de aquisição dos pronomes pessoais singulares do PB e discorrer sobre suas relações com a flexão verbal; é quantitativa e qualitativa, pois expõe os achados em números e percentuais e os analisa à luz da MD com exemplificações particulares, comparativas e ilustrações contextuais; e longitudinal, pois abrange o desenvolvimento da linguagem de três participantes pelo período de um ano e meio, o que possibilita a compreensão evolutiva das fases das crianças com clareza mensurável.

A pesquisa apresentada nesta tese foi desenvolvida com base no *Corpus Issler*, um banco de dados longitudinais com interações de 3 crianças com suas respectivas mães. Nas primeiras gravações, os participantes tinham 1 ano e 7 meses de idade e, nas últimas, eles já estavam com 3 anos. As falas relevantes para o estudo foram analisadas sintaticamente, observados a flexão verbal e as marcas de passado, os tipos de sujeito e objeto, o emprego dos pronomes pessoais nas duas posições e o caso desses pronomes. Contagens foram realizadas e então analisadas as proporções de cada ocorrência ao longo do período.

A tese está organizada da seguinte forma: no primeiro capítulo são discutidas linhas gerais sobre linguagem e aquisição, a teoria da Gramática que rege boa parte dos estudos do último século, para então serem apresentados os estudos que deram direção a esta pesquisa. No capítulo dois, é apresentada a teoria que embasa as análises apresentadas nesta tese – a Morfologia Distribuída. Trata-se do histórico da teoria, em que são brevemente apresentados seus mais relevantes estudos e, a seguir, destacados estudos na descrição do PB que se relacionam de alguma forma com o presente trabalho. No capítulo três, encontra-se detalhado o método através da topicalização dos objetivos e das hipóteses, da apresentação do *corpus* e dos procedimentos de seleção, análise das falas e quantificação dos dados. Por fim, o capítulo quatro é composto pelas análises dos dados e pela discussão dos achados, com um percurso que se encerra com o mapeamento da aquisição das formas pronominais e suas relações com o verbo e seus contextos.

1 A LINGUAGEM, UM POUCO DE TEORIA E ALGUNS ESTUDOS

Entender o que é a linguagem humana é um objetivo buscado há séculos por estudiosos de todo o globo. No entanto, o empenho em cientificar o estudo da linguagem, em delinear e conceitualizar seu objeto, apresenta novas dimensões no século XXI. Com a globalização do conhecimento e talvez com o avistamento do fim da linha no escrutínio estreito para um fenômeno tão multiforme, evoluímos para círculos linguísticos⁴ mais amplos tanto nas especialidades de cada estudioso quanto no emprego de recursos tecnológicos antes não disponíveis ou não acessíveis.

Segundo Locke (2011), ainda em um passado recente, parecia difícil conceber a ideia de buscar entender o desenvolvimento da linguagem antes de entender exatamente o que era que se desenvolvia. Precisava-se conhecer primeiro o objeto da linguagem. O autor, no entanto, sugere atenção aos méritos da chamada “engenharia reversa” e propõe uma abordagem colaborativa entre questões evolutivas e desenvolvimentais. Sendo a linguagem uma característica biológica do ser humano, seu surgimento pode ser visto como o desenvolvimento de mecanismos adaptativos – a criança observa padrões de comportamentos linguísticos e sociais, vai estocando esse material por determinado tempo enquanto busca protótipos, organiza princípios e só então se sente pronta para gerar seus próprios enunciados. Pensa-se que crianças precisam ter uma massa crítica de palavras em seu léxico mental antes de começarem efetivamente a aplicar as regras da morfologia linguística, algo em torno de setenta verbos e quatrocentas palavras no total (PLUNKET & MARCHMAN, 1993). Olhar para a linguagem também sob a ótica evolutiva dá a ela um *status* de órgão vivo, encrustado na natureza humana de forma dinâmica, variável e particular. Cada novo ser falante se adapta à língua de sua sociedade e também a adapta de forma peculiar as suas próprias necessidades, dando à linguagem características idiossincráticas. Assim sendo, nos parece impossível objetificá-la nos moldes linguísticos da década de cinquenta, para criar teoria, deixando de fora a observação do processo, do desenvolvimento que nos ajuda a redesenhar esse objeto.

A percepção do fenômeno sob diversos pontos de vista auxilia na compreensão do processo de aquisição sem excluir, no entanto, o papel do linguista formal. As análises

⁴ Faço referência a círculos linguísticos para registrar ciência da existência do Círculo Linguístico de Praga (entre outros), que reuniam teóricos de áreas diversas para discutir o fenômeno da linguagem. Nesse Círculo, também conhecido como Escola de Praga, eram abordadas questões estruturalistas com contribuições importantes nas áreas da fonética e da fonologia e no desenvolvimento de novas vertentes, como o Estruturalismo Funcional.

estruturais são muito relevantes e sua participação simboliza a evolução daquela Psicolinguística liderada por psicólogos simpatizantes dos estudos linguísticos. Se de um lado havia estudos linguísticos estruturais isolados e intrateóricos sem comprovação empírica na área da Linguística, de outro estavam os estudos experimentais sobre linguagem com revisões linguísticas superficiais na área da Psicologia. A união das áreas beneficia a temática da linguagem em ambas com o lançamento de estudos mais aprofundados e com suporte teórico mais sólido. Luria (1976) já destacava a importância das contribuições inter-áreas quando sugeriu a criação de uma “Biolinguística”. Ele justificou que a estrutura da linguagem formal, mais alguns fatos já sabidos sobre linguagem e estrutura cerebral, mais os avanços no conhecimento da organização cerebral fornecido pelos médicos poderiam representar um salto na exploração biológica da mente humana, por exemplo. Wexler (2011, p. 2), por sua vez, considera a união da Teoria da Linguagem à Psicolinguística Desenvolvimental o movimento mais empolgante das ciências cognitivas no último quarto de século.

Na próxima seção, é apresentada uma breve revisão da Teoria da Gramática da linha de Chomsky (1975; 1981; 1988) e sua concepção de linguagem. Essa revisão é o prefácio para a apresentação de estudos relacionados com a pesquisa desenvolvida nesta tese. Os estudos destacados são aqueles que trazem análises de dados experimentais e estão inseridos no ambiente científico do século XXI, como representantes de um momento em que a Teoria Gerativa passou a admitir um olhar real para o fenômeno ideal sobre o qual antes buscava teorizar.

1.1 A Linguagem na Teoria da Gramática

A Teoria Gerativa já passou por inúmeras transformações e reformulações desde a sua primeira versão em 1957. Já no primeiro momento, porém, foi apresentado o conceito da Gramática Universal (GU), que rege a filosofia de Chomsky e seus seguidores até o último modelo, o Minimalismo (CHOMSKY, 1995). A ideia central da Teoria Gerativa é de que a GU é um dom inato peculiar à espécie humana e que serve de base para se adquirir uma língua. Trata-se de um sistema de princípios, condições e regras que são propriedades de todas as línguas, segundo Chomsky (1975, p.29). A GU é, para os gerativistas, a essência da linguagem humana. Assim sendo, o termo “Gramática” denota o conhecimento inconsciente do falante acerca de sua língua, ou seja, quem sabe se uma sentença é gramatical ou não é o

falante nativo e esse conhecimento recebe o nome técnico de Competência Linguística. Quando o sistema é colocado em uso, a fala gerada revela o Desempenho Linguístico daquele falante (CHOMSKY, 1957).

O objeto de estudo do teórico gerativista é a GU e não as línguas em particular ou o desempenho do falante na manifestação da linguagem. A Teoria propõe-se a revelar o sistema que está na fonte da fala, buscando princípios para explicar como a linguagem é produzida. Entende-se, no entanto, que a GU não é auto-suficiente, ela não permite que uma pessoa fale independente de exposição aos dados de uma língua (HAEGEMAN, 2006, p.13). A criança começa a falar a língua do ambiente dentro do qual está inserida e fixa, com base na amostragem que colhe desse ambiente e de acordo com os princípios da GU, os parâmetros daquela que será sua língua materna. A realização da fala seria, então, um encontro do externo com o interno (POHLMANN-BULLA, 2009, p. 10).

A questão central da Teoria Gerativa, no entanto, é entender o problema lógico da aquisição da linguagem e não o problema empírico e por isso os estudos mais significativos para a Teoria não lidam com dados da linguagem infantil, segundo Simões (1997, p.15). Os dados finais seriam dados empobrecidos diante da complexidade da linguagem natural, aquela que está na mente do falante ideal. Nos termos da mesma autora:

A gramática gerativa está, portanto, muito próxima do estudo da aquisição da linguagem, na medida em que o problema da aquisição figura como uma de suas indagações fundamentais. Ao mesmo tempo, considerando que sob o ponto de vista metodológico o dado infantil difere em aspectos fundamentais daquele que serve às análises gerativistas, ela se afasta dos estudos de aquisição de cunho empírico e desenvolvimentista (SIMÕES, 1997, p. 16-17)

Embora o objetivo dos teóricos gerativistas de base não fosse trabalhar com dados reais ou entender o desenvolvimento da linguagem, muitos estudiosos vêm se valendo da teoria ao longo dos últimos anos para entender os processos da aquisição da linguagem infantil. As ferramentas disponibilizadas nos variados módulos elaborados por Chomsky e seus parceiros são valiosas à medida que buscam resolver muitas das questões deixadas nas exceções às regras da clássica Gramática Tradicional. Assim sendo, a utilidade e aplicabilidade das subteorias perpassam os limites das resoluções de questões propriamente gerativas. Ou seja, a defesa aqui é que não é necessária uma postulação de inatismo ou de qualquer concepção fundamental de linguagem para se esmiuçar uma sentença e suas

dependências nos termos da Teoria X-Barra⁵, por exemplo. Há uma rede de conceitos e nomenclaturas que podem ser úteis na discussão de dados reais, como já vêm fazendo alguns estudiosos da própria Teoria da Gramática, por exemplo, com a Teoria do Caso, que ganha dimensão quando ilustrada por dados de línguas diversas.

1.2 A Teoria do Caso e a aquisição da linguagem

A Teoria do Caso compõe um dos grandes braços da Teoria da Regência e Ligação dentro dos estudos gerativistas. O caso tomado em si como categoria gramatical tem uma longa tradição na Linguística; no entanto, parece não haver para essa categoria uma teoria consistente que atribua ao caso um sentido uniforme dentro da corrente tradicional, como já apontava Miotto et al (2000:11). Assim, com base no histórico da Gramática Clássica e, principalmente, nos estudos de Rouveret e Vergnaud (1980) e Vergnaud (1985), foi que Chomsky (1981; 1986a), também com contribuições de Grimshaw (1981) e Pesetsky (1982), desenvolveu a Teoria do Caso, que assume o caso Abstrato como parte da Gramática Universal (Ver Haegeman, 2006).

Em estudos um pouco mais recentes, como Duarte (2006b), pode-se observar um paralelo entre a visão de caso pela Gramática Descritiva e o enfoque dado ao caso pela teoria específica elaborada dentro dos padrões Gerativistas, bem como a relação entre a atribuição de caso e a função sintática. Há ainda estudos que buscam descrever os mecanismos de atribuição de caso em línguas indígenas brasileiras, como Duarte (2007) com sua pesquisa em Tenetehára e Duarte (2006a) que busca verificar uma cisão no sistema de caso da língua Ka'apor em nominativo-absolutivo utilizando o Parâmetro de Caso Obrigatório (OCP). A cisão do caso em línguas Ergativas já havia sido constatada por Laka (1993) e Bobaljik (1993), que propõem a inclusão desta terceira possibilidade na parametrização das línguas.

Com o intuito de explicar parâmetros das línguas, fundamentar princípios linguísticos já descobertos ou mesmo desvelar os latentes, os pesquisadores do paradigma gerativista têm publicado inúmeros trabalhos também na área da aquisição da linguagem com base em dados empíricos. A aquisição do caso no PB, porém, segundo nosso conhecimento, só começou a ser documentada com Pohlmann-Bulla (2009), cuja sequência em novo viés é apresentada nesta tese. Há uma quantidade significativa de trabalhos na aquisição do caso em outras

⁵ A Teoria X-Barra foi desenvolvida a fim de formalizar as relações e encontrar o que é comum na estrutura sintagmática. Busca explicar a natureza do constituinte (Ver POHLMANN-BULLA, 2009, p. 15).

línguas como o russo (BABYONYSHEV, 1993), o holandês (POWERS, 1995), o alemão (SCHÜTZE, 1995), o feroês (JONAS, 1995) e o inglês (SCHÜTZE; WEXLER 1996), o que tornou possível uma observação mais panorâmica do que se poderia esperar no PB. Seriam os erros de marcação de caso cometidos pelas crianças brasileiras do mesmo tipo que aqueles percebidos nas produções de falantes de língua inglesa? Os achados de Pohlmann-Bulla (2009), apresentados a seguir, respondem a essa pergunta.

1.2.1 A aquisição do caso no Português Brasileiro

A pesquisa apresentada em Pohlmann-Bulla (2009) nasceu ancorada nas questões discutidas em dois artigos dos anos 90, Schütze e Wexler (1996) e Vainnika (1994). Ambos os estudos apresentam a problemática dos desvios na atribuição de caso nos pronomes pessoais, principalmente na posição de sujeito, por crianças de até 3 anos falantes de língua inglesa. As crianças adquirindo essa língua, segundo os autores, tendem a empregar pronomes na forma acusativa e, algumas vezes até na genitiva, em posição de sujeito de oração, no lugar do pronome nominativo. Seguem exemplos:

- 1a Him fall down. (Nina, 2;3⁶)
 1b Her have a big mouth. (Nina, 2;2)

(SCHÜTZE E WEXLER, 1996, p.670)

Nesse extrato do artigo de Schütze e Wexler (1996), as formas acusativas de terceira pessoa do singular, *him* e *her*, foram utilizadas no lugar das formas nominativas *he* e *she*. Esse tipo de desvio acontece, quase que exclusivamente, no estágio dos Infinitivos Opcionais⁷(*OI Stage*), quando a criança não flexiona o verbo, como se pode observar nos exemplos acima.

Em várias outras línguas, no entanto, a situação não foi registrada. Pesquisas com o holandês (POWERS, 1995), com o alemão (SCHÜTZE, 1995) e com o russo (BABYONYSHEV, 1993) mostraram uma quantidade insignificante de erros na posição de

⁶ A representação das idades das crianças ao longo deste texto, dar-se-á da seguinte forma: **anos; meses: dias**.

⁷ Do inglês, *Optional Infinitive Stage*. É o período em que as crianças flexionam o verbo esporadicamente (WEXLER, 1994). Nesse estágio, elas tendem a alternar entre o uso de formas flexionadas e de infinitivos. Por volta dos dois anos de idade, o falante costuma desconsiderar em suas construções as marcas de tempo e concordância, gerando sentenças que diferem sintaticamente das sentenças dos adultos e mesmo de outras geradas outrora pela própria criança.

sujeito, mas em alguns estudos com o russo e com o alemão, por exemplo, foram verificados erros na atribuição de caso na posição do objeto. Frente ao problema, Schütze e Wexler (1996) e Vainikka (1994) apresentam, respectivamente, duas distintas explicações:

- 1) Sujeitos não-nominativos acontecem durante o estágio dos Infinitivos Opcionais e sua ocorrência estaria relacionada à ausência do traço AGR⁸. As crianças nessa fase já sabem que quando o verbo tem concordância o sujeito deve ser nominativo.
- 2) Sujeitos não-nominativos acontecem durante um período em que a criança não tem disponível a categoria IP⁹. As categorias frasais seriam adquiridas gradativamente e, quando a projeção de IP se desenvolve, elementos flexionais e sujeitos nominativos começariam a aparecer.

Com base em conhecimentos prévios e após uma rápida verificação em bancos de fala infantil, já se havia percebido que o erro na marcação de caso não era um fenômeno tão evidente e constante na aquisição da língua portuguesa como era na aquisição do inglês. Questionou-se, então, que direção tomaria um estudo experimental similar realizado com crianças adquirindo o português. Seria interessante olhar apenas para aquelas formas que mantêm uma variação perceptível na morfologia com o foco nos possíveis desvios na marcação de caso, ou um traçado do perfil da aquisição com base na cronologia da aparição dos pronomes pessoais traria contribuições mais relevantes? A segunda opção foi a eleita. Registrariam-se os possíveis, mas provavelmente raros, erros, mas a meta maior da pesquisa seria fazer um panorama da aquisição do caso, com atenção a indícios que pudessem colaborar com alguma das duas hipóteses.

Falar de aquisição do caso é falar da aquisição dos pronomes pessoais. Em português, eles têm três formas para cada pessoa do verbo e o que as difere é o caso que cada uma carrega, como se pode ver no quadro a seguir:

⁸ Do inglês, *Agreement*. Refere-se ao traço de concordância verbal.

⁹ Do inglês, *Inflectional Phrase*. Refere-se a Sintagma Flexional, uma categoria da Gramática descrita pela Teoria X-Barra.

Quadro 1 – Índícios de caso nos pronomes

Pessoa, número	casos		
	Nominativo	Objetivo <i>ou</i> <i>Acusativo</i>	Oblíquo
1º pessoa singular	eu	Me	mim
2º pessoa singular	tu	Te	ti
2º pessoa singular	você	Você	lhe
3º pessoa singular	ele / ela	o, a	lhe
3º pessoa plural	eles / elas	os, as	lhes
1º pessoa plural	nós	Nos	

Fonte: Lobato (1986, p.450)

Embora se observe uma riqueza de formas nesse sistema pronominal, apenas as formas da primeira (*eu, me, mim*) e da segunda pessoa do singular (*tu, te, ti*) se mantêm iguais no PB coloquial contemporâneo. Na fala coloquial adulta, as formas nominativas das terceiras pessoas singular e plural (*ele, ela, eles, elas*) já ocupam também as colunas do acusativo¹⁰ e do oblíquo¹¹ e, conseqüentemente, essa tendência também foi registrada na fala das 3 crianças analisadas (POHLMANN-BULLA, 2009).

O *Corpus* utilizado em Pohlmann-Bulla (2009) foi o mesmo que serviu de base para a pesquisa apresentada nesta tese: interações mãe-filho, gravadas em sessões de 30 minutos, quinzenalmente, no período em que as crianças tinham entre 1 ano e 7 meses e 3 anos. As 3 crianças, chamadas pelos nomes fictícios Tati, João e Rafael, têm ritmos diferentes para a aquisição da linguagem, mas a sequência de aquisição dos pronomes pessoais foi a mesma. As análises obedeceram à ordem cronológica de aparição dos pronomes e foram desenhadas tabelas individuais contendo a primeira aparição de cada pronome, o arquivo em que este foi registrado seguido da idade da criança e a sentença amostra do primeiro registro (Ver ANEXOS A, B e C).

Foi constatada uma grande diferença na evolução da aquisição dos pronomes pelas 3 crianças. Embora os três passem pelos mesmos processos e a ordem na aquisição dos

¹⁰ Por exemplo: “Chamei ele para conversar” em vez de “O chamei para conversar”.

¹¹ Por exemplo: “Entreguei as chaves pra ela” em vez de “Entreguei-lhe as chaves”.

pronomes e dos casos seja praticamente a mesma, há uma defasagem de até um ano entre a manifestação de um estágio para uma criança e para outra. O primeiro pronome nominativo na fala de Rafael, por exemplo, aparece aos 1;7:12¹² enquanto que para João o primeiro nominativo só aparece aos 2;7:23. Por consequência, ao mesmo tempo em que não se conseguiu registrar a fala inicial de Rafael, que já em seu A2 pronuncia *eu* e em seu A3 pronuncia *ele*, os pronomes acusativos e oblíquos não chegaram a ser registrados nas gravações de João, que em seu 23º arquivo pronunciava recém seu terceiro nominativo *ela* e no último arquivo, aos 3;0:29, não havia pronunciado ainda a segunda pessoa do singular.

Observou-se nessa pesquisa que o primeiro caso a ser empregado pelas crianças é o nominativo, inicialmente no pronome de primeira pessoa *eu*, depois no pronome masculino de terceira pessoa *ele* e então o caso acusativo começa a aparecer, também para a primeira pessoa *me*. O erro na atribuição de caso ao sujeito pronominal não foi registrado nos dados das 3 crianças, a não ser em duas situações na fala de Rafael em que houve Marcação Excepcional de caso (*ECM*¹³) na oração subordinada:

- 2a Cadê lobo mau pra mim botá aqui? (Rafael – A18 – 2;6:6)
- 2b Depois tu tira isso pra mim fazê isso. (Rafael – A25 – 2;10:2)

A *ECM* não configura erro em línguas como o inglês, mas em português se reconhece a presença do traço [+Agr]¹⁴ no verbo da oração interna ao sintagma preposicionado. O infinitivo pessoal é uma característica do português e, como nas regras de atribuição de caso o traço +AGR é responsável pela marcação do sujeito, pede-se nominativo nessa situação. Esse desvio, no entanto, é frequentemente encontrado na linguagem do falante adulto de PB e alguns autores, como Miotto, Silva e Lopes (2007, p. 186), reconhecem a ocorrência desse tipo de *ECM* em língua portuguesa como gramatical.

Os outros desvios registrados nesses dados estão no objeto ou dentro de sintagmas preposicionados. Nas gravações de Tati, apenas 1 erro foi encontrado:

¹² 1 ano; 7 meses: 12 dias.

¹³ Chomsky (1981) chama de Marcação Excepcional de Caso (*Exceptional Case Marking*), abreviada por *ECM*, quando o sujeito de sentenças infinitivas recebe Caso de um elemento externo à oração. Segundo Ouhalla (1994, p.171), a *ECM* acontece quando uma categoria transitiva atribui caso a um NP que não é seu argumento, por exemplo, em uma situação onde o sujeito de uma oração não finita recebe caso acusativo de um regente externo ou, como nesta situação, em que o caso é dado pela preposição.

¹⁴ A presença do traço +AGR é melhor percebida quando pluralizamos a oração: “Cadê lobo mau pra nós botarmos aqui.” Ou “Depois tu tira isso pra eles fazerem isso.”

3 Eu também. Eu quero o teu bolo, Pateta. Pra **eu** também. (Tati – A17 – 2;4;29)

O pronome nominativo (em negrito) *eu* foi aqui utilizado no lugar do pronome oblíquo *mim*. O pronome oblíquo de primeira pessoa só aparece na fala de Tati a partir do A21, três meses mais tarde (Ver ANEXO A). Rafael, mesmo já conhecendo o pronome oblíquo de segunda pessoa (primeira aparição no A5 – 1;9:16), comete um erro parecido, onde troca o *ti* pelo *tu*. Mais uma ocorrência de nominativo no lugar de oblíquo:

4 É só um pouco pra tu. (Rafael - A24 – 2;9:19)

Os outros dois erros encontrados nesse material são também de Rafael, desta vez com uso de pronomes nominativos em vez de acusativos:

5a Qué vê eu, mãe? (Rafael - A15 - 2;3:26)

5b O lobo vai pegá tu. (Rafael - A25 – 2;10:2)

Como se pode ver, ao contrário do que acontece com crianças adquirindo o inglês, crianças falantes iniciais de PB não cometem erros na atribuição de caso ao sujeito pronominal, mas cometem alguns erros no caso do objeto pronominal. Como já se havia constatado comportamento similar no alemão e no russo, Schütze e Wexler (1996) defendem que, por ser o nominativo o caso *default* dessas línguas, os erros não são percebidos na posição sujeito, visto que essa posição já exige o licenciamento com o caso nominativo. A teoria do caso *default* é sustentada quando as crianças brasileiras cometem erros em posições outras que não a de sujeito: os preenchimentos pronominais incorretos no PB são sempre nominativos.

Default é chamado o caso dado ao pronome forte¹⁵, que pode variar de uma língua para outra, segundo Kato (2001, p.105): em língua inglesa é o acusativo e para as línguas portuguesa, russa, alemã, holandesa e muitas outras é o nominativo. Assim, quando crianças falantes dessas línguas produzem o *default* em um sujeito, a estrutura é considerada correta,

¹⁵ Os pronomes fortes são aqueles que aparecem primeiro na linguagem infantil, segundo Kato (2001:102). As primeiras referências são feitas através de nomes, seja para designar a primeira, a segunda ou a terceira pessoa e, com o tempo, a criança começa a usar os pronomes fortes de sua língua. Então, se em inglês as crianças têm uma grande tendência a colocar o *me* em posição de sujeito, crianças francesas usariam o *moi* e crianças falantes de língua portuguesa colocariam direto o *eu*, forma nominativa do pronome, e, portanto, a forma adequada para ser topicalizada na função de sujeito.

ao contrário de crianças falantes de inglês produzindo seu caso *default*. Schütze e Wexler (1996) acrescentam ainda que quando as crianças produzem o caso *default* no objeto direto, a produção soa correta em inglês, mas não em outras línguas. Babyonyshev (1993), estudando o russo, e Schütze (1995) estudando o alemão, conforme já dito, constataram que para essas línguas os erros quanto à marcação de caso no objeto eram mais comuns, na maioria das vezes devido à generalização do uso do nominativo, seu caso *default*.

A utilização dos pronomes licenciados pelo caso adequado em língua inglesa está, segundo Schütze e Wexler (1996), fortemente relacionada ao emprego da flexão verbal: quando há o traço +AGR, a criança licencia corretamente o sujeito porque essa regra faz parte de sua Gramática. Para Vainikka (1994), a relação entre o correto licenciamento dos sujeitos e a flexão verbal existe, mas é explicada por uma teoria de aquisição gradual das categorias lexicais. O sintagma flexional (*IP*), cujo núcleo dá caso ao sujeito que o especifica, não está presente na Gramática em construção e, por isso, os sujeitos não são licenciados com o caso adequado.

A seguir, esses e outros estudos são utilizados na discussão dos achados de Pohlmann-Bulla (2009) no que tange à flexão do verbo e ao preenchimento das posições argumentais. Que questões ainda permanecem sem respostas e como os dados quantitativos do PB apresentados nesta tese podem ajudar na busca por essas respostas?

1.3 A relação entre a flexão verbal e o preenchimento das posições subjetivas

A aquisição da flexão no PB, segundo Pohlmann-Bulla (2009), precede a aquisição das formas pronominais. As crianças desse estudo começaram a se expressar verbalmente com o imperativo e com verbos flexionados para a terceira pessoa, mesmo quando se referiam a elas mesmas. A flexão sempre esteve presente, mesmo que incoerente com o sujeito contextual, enfraquecendo a possibilidade de que as crianças falantes de PB passem por um *OI Stage*, como sugere Wexler (1994) para as crianças falantes de inglês. Esse achado reforça a tese de Grinstead (1998; 2000), que considera a terceira pessoa do singular como uma forma *default* não-finita para as línguas românicas. Regularmente, Tati e João utilizam verbos flexionados em 3ª pessoa para se manifestarem sobre si mesmos:

6a Mãe: O João vai papar? Tu quer continuar papando ainda mais um pouquinho.

Cadê a bola?

João: **Não sabe.** (João – A5 – 1;9:1)

6b Tati: Qué. (Tati – A1 – 1;7:17)

A flexão de 3ª pessoa no lugar da flexão de 1ª pessoa pode significar que as crianças estejam em um estágio de unipessoalidade. Quando uma criança pequena é confrontada com o espelho, é comum que o seu reconhecimento seja verbalizado com o próprio nome. Os dados de Pohlmann-Bulla (2009) confirmam isso. A mãe pergunta à Tati quem está refletida no espelho:

7a Mãe: Quem é essa menininha?

Tati: Tatá! (Tati – A3 – 1; 8:15)

7b Mãe: Quem é essa aqui?

Tati: Eu! (Tati – A5 – 1; 9:13)

Em 7a, a criança usa um apelido para dizer quem ela é; já em 7b, cerca de um mês depois, ela já é capaz de empregar o pronome forte *eu* ao se reconhecer.

No início, todos os sistemas pronominais são unipessoais, segundo Kato (2001), momento em que o parâmetro *pro-drop*¹⁶ ainda está ausente. Com o tempo e a interação, o pequeno falante começa a perceber as configurações de sua língua e a entender a alternância dos sujeitos de fala eu-tu, reconhecendo também os pronomes fortes de sua língua. O pronome nominativo *eu* é o primeiro a figurar na fala de Tati, comprovando que o caso nominativo é o caso *default* do PB. Antes da manifestação desse pronome, porém, a alternância entre formas flexionais de primeira e terceira pessoas no verbo representam um momento na fala de crianças adquirindo o PB, conforme pode se confirmar com os dados de Pohlmann-Bulla (2009). Além da teoria de que a flexão de 3ª pessoa seja uma flexão *default*, pode ser que nesse momento a unipessoalidade ainda esteja em vigor. Quando a menina pronuncia 6b, ela pode, na verdade, querer dizer “Tatá quer” e quando João diz 6a, ele pode querer dizer “João não sabe”. Essa manifestação de unipessoalidade na fala infantil recebe incentivo ou pode até ser causada pela

¹⁶ Línguas *Pro-drop* são aquelas que permitem que o pronome subjetivo seja omitido em suas sentenças. Se uma língua tem o traço *+pro-drop*, nela são possíveis construções com sujeito nulo, como é o caso do português; se o parâmetro da língua é configurado em *-pro-drop*, a língua não permite a supressão do sujeito, como é o caso do inglês.

fala facilitadora dos pais, a chamada *baby talk*, caracterizada por um diálogo mais referencial, como se pode ver abaixo:

8 Tati: Vai caí.

Mãe: Não vai caí não, a mamãe já fechô bem fechadinho, vô levá lá longe esse cocô bolinha, lá longe, [riso] já venho. (Tati – A10 – 2;0)

No entanto, é a implantação de novas formas e elementos sintáticos na linguagem infantil e as relações entre eles que fazem com que se busquem explicações para as particularidades e a sistematicidade da aquisição da linguagem. O Modelo de Omissão de Tempo e Concordância (*ATOM*¹⁷) que diz que na língua inglesa sujeitos não-nominativos acontecem com verbos no infinitivo não pode ser usado para descrever a aquisição de pronomes no PB. Com crianças falantes de inglês, o modelo prevê que sujeitos não-nominativos com marcas verbais sem AGR acontecem tão pouco que são considerados ruído nos dados (SCHÜTZE 2001, p. 508); no PB, sujeitos não-nominativos em orações principais não foram encontrados nas pesquisas de que se tem notícia e verbos sem flexão não aparecem mal empregados nos dados de Pohlmann-Bulla (2009). Assim sendo, de conhecimento dos fatos da aquisição de outras línguas e do PB, há teorias como a de Kato, que trata da existência de um período pré-paramétrico, em que o sujeito não é de fato sujeito gramatical, licenciado com Caso como diz a regra sintática, mas sim um tópico não-argumental e, por isso, seu preenchimento é feito com o pronome forte. Em PB, como vimos, isso não configura erro porque o pronome forte é o nominativo, ao contrário do inglês. Algumas falas de João podem fortalecer essa hipótese:

9a Eu vai guadá. (João – A19 – 2;7:23)

9b Eu qué mostá. (João – A19 – 2;7:23)

9c Eu qué botá. (João – A21 – 2;8:18)

Nessas três amostras, o menino utiliza o sujeito pronominal nominativo com o verbo flexionado em 3ª pessoa. Ao se considerar que o verbo com flexão inadequada tem o traço [-AGR], não há elemento flexional para licenciar com Caso o sujeito. Logo, a presença do

¹⁷ Do inglês, *Agreement/Tense Omission Model* (Ver SCHÜTZE & WEXLER, 1996).

pronome forte *eu* não basta como evidência de que haja um caso bem marcado nesse sujeito. Quando não há locução verbal, no entanto, o menino utiliza a flexão adequada:

- 10a Eu achei pecinha. (João – A19 – 2;7:23)
 10b Eu quero colo. (João – A21 – 2;8:18)

A teoria de Vainikka (1994), também conforme Radford (1990), propõe que no início só a categoria *VP*¹⁸ está disponível. Enquanto a primeira defende que a aquisição de projeções mais altas IP e CP são desenvolvidas gradualmente através da interação entre alguns gatilhos e a Teoria X-barras, a segunda defende uma abordagem maturacional para a aquisição dessas categorias. Adotando-se a ideia de que a flexão de 3ª pessoa é uma flexão *default* com traço [-AGR] para a análise de contextos em que não há concordância com o sujeito situacional, é possível considerar uma análise de aquisição gradual das categorias IP e CP, com as primeiras projeções em VP, segundo Pohlmann-Bulla (2009). Para exemplificar o caminho de aquisição dessas categorias, seguem amostras em ordem cronológica de falas de Tati. No primeiro arquivo, apenas uma palavra por frase:

- 11a Abre.
 11b Pato.
 11c Qué. (Tati – A1 – 1;7:17)

Ainda em arquivos iniciais, ela começa a explicitar sujeitos que, na teoria de Vainikka, estariam internos na categoria VP. Visualizar essa internalização fica ainda mais fácil com as inversões da ordem *SV*¹⁹, comum no PB:

- 12a Esse é o porco. (Tati – A3 – 1;8:15)
 12b Caiu au-au. (Tati – A5 – 1;9:13)
 12c Caiu o nenê. (Tati – A5 – 1;9:13)

Outras estruturas como 13, a seguir, evidenciam o nível VP em que se encontra a criança à medida que nelas há deficiência clara de projeções sintagmáticas essenciais, como o *PP*²⁰:

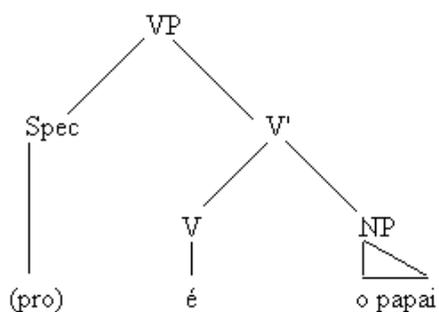
¹⁸ Do inglês, *Verb Phrase*, equivale a sintagma verbal.

¹⁹ Sujeito e Verbo. É sabido que a língua portuguesa segue a ordem canônica de SVO: Sujeito, Verbo e Objeto.

- 13 Mãe: De quem é essa mão?
Tati: É papai. (Tati – A1 – 1;7:17)

A árvore sintática para essa fala de Tati, considerando a Teoria X-barra e a hipótese de Vainikka (1994) é a seguinte:

Figura 1 – Projeção de NP em vez de PP



Fonte: Pohlmann-Bulla; Ibaños (2008, p.8)

Nota-se que, em vez de uma projeção PP interna ao VP, é projetado um NP²¹. Com base neste mesmo exemplo, pode-se perceber onde fica no VP inicial o preenchimento do sujeito. Nesse caso, o sujeito nulo é simbolizado por (pro). As sentenças iniciais das 3 crianças de Pohlmann-Bulla (2009) são quase que inteiramente orações de sujeito nulo, e quando o sujeito contextual é de 1ª pessoa e a flexão do verbo é de 3ª pessoa, nessa visão o traço flexional é [-AGR] e o nível sintagmático ainda é VP (Ver exemplos 6a, 6b e 11c).

O começo da aquisição da categoria IP no PB pode ser ilustrado com as amostras abaixo, em que o sujeito contextual de 1ª pessoa é marcado morfologicamente na flexão verbal, mesmo que ainda não apareça expresso:

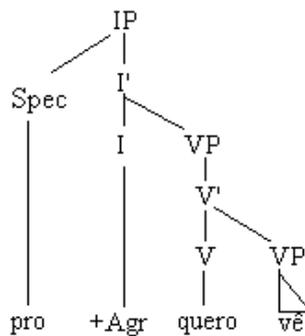
- 14a Achei.
14b Quero vê. (Tati – A6 – 1;10:21)

²⁰ Do inglês, *Prepositional Phrase*. Equivale a Sintagma Preposicional.

²¹ Do inglês, *Noun Phrase*. Equivale a Sintagma Nominal.

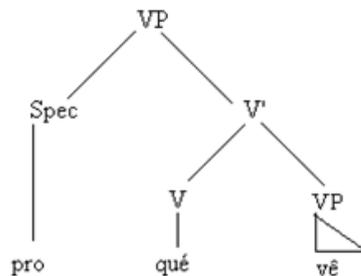
A presença da flexão de 1ª pessoa é alternante para as 3 crianças com a flexão de 3ª em contextos de primeira, o que possibilita a analogia desse período de alternância com o *OI Stage*. Não há no PB um estágio de infinitivos opcionais, mas há um período em que a criança ora projeta suas sentenças em IP, ora em VP. As duas árvores abaixo representam esse revezamento de empregos flexionais:

Figura 2 – Projeção em IP



Fonte: Pohlmann-Bulla (2009, p. 102)

Figura 3 – Projeção em VP



Fonte: Pohlmann-Bulla (2009, p. 102)

A próxima etapa evidente na aquisição de Tati é o início do preenchimento pronominal da posição sujeito pelo pronome nominativo de primeira pessoa. Esse

preenchimento, quando acompanhado da correta flexão verbal, pode servir de comprovação da presença do traço [+AGR] e, assim, da projeção IP.

Como se pode ver, a aquisição da flexão verbal e o preenchimento das posições de sujeito podem ser vistas sob diferentes óticas que não chegam a se contradizer, mas se complementam na explicação das peculiaridades e sistematicidades da implementação da Gramática. O próximo passo, desenvolvido nesta tese, é quantificar os empregos pronominais e examinar os seus tipos a fim de correlacionar esses dados com a utilização adequada ou não das marcas flexionais do verbo. Para o exame desses achados, foi convidada uma nova teoria: a Morfologia Distribuída, com o intuito de revelar minúcias não desvendadas com a Teoria Gerativa.

A quantificação dos dados e a continuidade da pesquisa apresentada em Pohlmann-Bulla (2009) inclui a observação do fenômeno do sujeito nulo, do objeto nulo e as relações dessas ocorrências com seus referentes. Há mais sujeitos nulos para 1ª pessoa do que para 3ª pessoa? Em que percentual sujeitos e objetos nulos aparecem no decorrer dos arquivos? Essas e outras perguntas são endereçadas no capítulo 4, na exploração dos dados. A seguir, são brevemente apresentados estudos sobre a aquisição de sujeitos e objetos nulos em PB e feitas algumas relações com o preenchimento ou não dessas posições em outras línguas.

1.4 A omissão de argumentos na primeira infância

Os sujeitos e objetos nulos são estudados por diversas vertentes da Linguística, seja como característica paramétrica que compartilha com línguas como o italiano e o português europeu na Sintaxe Gerativa, seja como representação mental desenhando interessantes quadros semânticos nas teorias cognitivas, ou mesmo como lacuna textual preenchida no contexto dos estudos textuais e discursivos.

Dentre os estudos gerativos está uma pesquisa quantitativa apresentada na tese de Simões (1997). A autora observa de forma naturalística uma criança em fase de aquisição do PB, entre 2;4 e 3;4 de idade e analisa o uso de sujeitos e objetos nulos durante esse período. Além de registrar o percentual de usos de argumentos nulos na fala dessa criança, a autora ainda apresenta uma rica discussão qualitativa referente aos achados dentro do paradigma gerativo.

O trabalho de Simões (1997) é o mais completo de que se tem notícia porque, além da contribuição com dados empíricos, há nele uma revisão teórica riquíssima não só sobre o fenômeno do sujeito nulo, mas também sobre a aquisição da sintaxe desde os estudos dos diários²².

A pesquisa de Simões dialoga com várias outras sobre sujeitos nulos e constata que os achados em seu estudo de caso não se assemelham àqueles de pesquisas em aquisição de línguas de sujeito nulo típicas, como o português europeu e o italiano. Algumas vezes, no entanto, como por exemplo na proporção do uso de pronomes, seus achados se comparam a dados da aquisição do inglês e não do italiano, como se esperava. Para chegar nesse resultado, a autora adapta seus dados aos critérios utilizados na pesquisa de comparação, como fez com essa de Valian (1991) que traz dados do italiano e do inglês. Simões (1997) também compara os percentuais de sujeito nulo na aquisição do PB com os percentuais do francês e do alemão, buscando as semelhanças paramétricas entre as línguas.

Outros estudos sobre a omissão de argumentos na aquisição surgiram após Simões (1997). Lopes (2003) analisou longitudinalmente os sujeitos produzidos por uma criança entre 1;9 e 3;0:3. O estudo traz percentuais que verificam a distribuição dos tipos de sujeito encontrados, a saber: pronominais, nulos, DPs e nomes nus. Há também Gonçalves (2004) e Magalhães (2006), que comparam a aquisição de sujeitos e objetos no PB e no Português Europeu (PE). Os estudos chamam a atenção para a total ausência de clíticos de 3ª pessoa e destacam que os poucos clíticos encontrados são de 1ª e 2ª pessoas.

O estudo apresentado nesta tese, no entanto, não tem o intuito de ser comparativo por três motivos principais: primeiro porque os dados das 3 crianças serão analisados com ferramentas de outra teoria, a Morfologia Distribuída; segundo, porque o número de questões envolvidas nesta pesquisa é grande e diversificado, o que a direciona mais para uma pesquisa descritiva e analítica do que comparativa entre línguas, como algumas das supracitadas. Entretanto, este estudo considera uma observação importante levantada na tese de Simões (1997). A autora sugere que sua pesquisa “não testemunhou mudança gramatical nos dados do PB infantil” possivelmente porque a gramática da criança analisada já estava altamente desenvolvida desde o início da amostra (SIMÕES 1997, p. 202-203). Assim sendo, a presente

²² Os diários são registros de fala infantil que resultaram nas primeiras pesquisas em Aquisição da Linguagem. Tratavam-se de anotações pouco sistemáticas da fala espontânea das crianças, geralmente pelos próprios pais, linguistas e filólogos.

pesquisa traz amostras que vão desde 1;7, momento em que as 3 crianças ainda têm MLU²³ bem abaixo de 2, enquanto que a criança de Simões (1997) já estava com 2;4 no primeiro inquérito, com MLU de 2,11 (p.146). As comparações dos resultados aqui obtidos com outros estudos passados (como LOPES, 2003 e MAGALHÃES, 2006) e futuros ou mesmo uma réplica, serão possíveis ao passo que esta pesquisa se compromete com um alto grau de detalhamento de seus métodos e procedimentos (Ver capítulo 3).

No quadro global, outras investigações que abordam o tema do sujeito nulo merecem atenção. Uma visão bem geral é apresentada em Hyams (2011). O trabalho discute diferentes abordagens gramaticais para o fenômeno do sujeito nulo, com referências a línguas que permitem e que não permitem a omissão de argumentos. A autora visita tanto as hipóteses da Sintaxe Gerativa como as maturacionais e aquelas baseadas estritamente no uso. Em estudos prévios, Hyams (1983, 1986) já havia apontado confluências na aquisição do sujeito nulo em diversas línguas, concluindo que todas as crianças começariam a falar suas línguas particulares sem explicitar os sujeitos, como é possível no italiano e, de acordo com Simões (1997), também no PB. Kato (1999), por sua vez, trabalha com a questão de pronomes fortes e fracos, buscando estabelecer relações entre a riqueza da morfologia de concordância verbal com a possibilidade ou impossibilidade de se ocultar o sujeito. Nesse sentido situam-se também Jaeggli e Hyams (1988) e Jaeggli e Safir (1989).

Dentro das análises paramétricas para o sujeito nulo há Valian (1991), já citado na comparação de Simões (1997) do PB com o italiano e o inglês, que sugere que múltiplas escolhas de parâmetros estariam disponíveis para a criança em um estágio inicial até que as evidências que encontrassem no *input* estabeleceriam a fixação da língua como pro-drop ou não. Uma versão mais formal e atualizada dessa hipótese pode ser encontrada em Yang (2002). Outra hipótese é a que relaciona a ausência de sujeitos em línguas não pro-drop com a infinitividade verbal (KRAMER, 1993; POEPEL e WEXLER, 1993; SANO e HYAMS, 1994). Há ainda Rizzi (2005a e 2005b) propondo que a adoção de valores paramétricos pela criança, como o sujeito nulo, reduz a carga a ser processada pelo sistema de produção de linguagem infantil. Quando esse comportamento é contrariado por evidências no *input*, ele é então abandonado ou, caso contrário, fixado na gramática da criança.

Com uma visão mais exógena estão os estudos de Bloom (1991) e Hyams e Wexler (1993). Ambos os estudos atentam para as limitações de processamento como causadoras do

²³ Sigla do inglês *Mean Length of Utterance*. Equivale a Extensão Média do Enunciado e se caracteriza por apresentar o número médio de morfemas por enunciado. Essa medida é amplamente utilizada desde Brown (1973) como critério para se detectar o nível de desenvolvimento linguístico infantil.

fenômeno do sujeito nulo: o primeiro sugere que sujeitos lexicais seriam mais pesados para o sistema de produção linguística do que sujeitos pronominais e que a omissão desses sujeitos seria a menor carga possível para o início da sentença, ponto de produção já crítico por exigir grande esforço mental; o segundo estudo propõe o Modelo de Omissão de Saída (*Output Omission Model – OOM*), em que sujeitos nulos seriam originalmente representados na sentença de forma lexical ou pronominal sendo omitidos somente durante a produção devido a uma restrição no *output*. Esses estudos representam associações metodológicas importantes visto que põem em discussão os princípios da Teoria Gerativa através de análises experimentais com dados de fala infantil.

A aquisição do objeto nulo no PB também abordada em Simões (1997), Lopes (2003) e Magalhães (2006) ganha mais destaque nos estudos de Lopes e Cyrino (2005) e Casagrande (2006; 2007; 2010). Tais trabalhos consideram fatores semânticos como animacidade do antecedente na determinação dos contextos de ocorrência de nulo ou de preenchimento pronominal. Embora suas abordagens sejam pelo modelo de Princípios e Parâmetros, esses estudos precisam contar ainda com observações diacrônicas, contribuições de pesquisas variacionistas, dada a mudança por que passa o PB desde o século XVIII no que tange ao uso de clíticos. O apagamento dos clíticos de 3ª pessoa ou o preenchimento de suas posições por pronomes lexicais já constituem um fenômeno encravado na sintaxe do PB, segundo todos os estudos citados e, por isso, já geraram um número sem fim de investigações.

A pesquisa aqui apresentada contribui para essa rede à medida que apresenta registros longitudinais das ocorrências de objeto nulo e de preenchimento pronominal da posição, identifica o caso do pronome utilizado e sua adequação ou não e traz análises incipientes desses dados da aquisição do PB pelo viés da Morfologia Distribuída.

A seguir, os principais conceitos da Morfologia Distribuída são apresentados.

2 A MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA: TEORIA E APLICAÇÕES

Neste capítulo, será apresentada a teoria que serviu de base para as análises dos dados apresentados nesta tese. O que é a Morfologia Distribuída (MD), quais as suas linhas gerais e o que a diferencia das teorias lexicalistas que movimentaram os estudos linguísticos nas últimas décadas? Nos estudos que buscam descrever o PB, o que há de semelhante e passível de diálogo com o tema desta tese²⁴?

2.1 MD: A explosão do léxico

Desde o início dos anos 50, a lei da Gramática rezava somente sobre a Sintaxe. A sintaxe era a grande articuladora e a grande articulada, sobre a qual todas as regras da GU atuavam e da qual o Léxico era mero servo. Chomsky (1970), com sua Teoria Lexicalista, defendia que o Léxico era o único gerador de palavras, ideia que mais tarde viria a dividir opiniões, formando duas vertentes que o tratavam com dois níveis de rigidez: a Hipótese Lexicalista Forte (DI SCIULLO & WILLIAMS, 1987) e a Hipótese Lexicalista Fraca (ANDERSON, 1982). Na primeira hipótese, se considerava que todas as palavras eram formadas no Léxico, por processos distintos dos processos sintáticos, e, na segunda, era defendido que apenas algumas palavras – principalmente as derivadas – eram formadas no Léxico e as palavras flexionadas eram formadas na Sintaxe. Fato é que, para os Lexicalistas em geral, o processo de estruturação das palavras é diferente do processo de estruturação das frases. Para esses teóricos, a Sintaxe retira do Léxico vocábulos já prontos, com os traços e especificações de categoria. Em meados dos anos 90, a manutenção da visão Lexicalista é formalizada com Chomsky (1995), o que faz com que muitos estudos lançados por seguidores do Gerativismo já neste século ainda se fundamentem naquela concepção.

A Morfologia Distribuída, doravante MD, vem para “explodir o Léxico”, segundo Marantz (1998, p. 2), e colocar no lugar dele três listas que contêm juntas as características formadoras de vocábulos. A ideia de que para se elaborar uma teoria é necessário o

²⁴ Não foram encontrados estudos para o PB na interface entre a Morfologia Distribuída e a Aquisição da Linguagem. Portanto, alguns estudos internacionais que trazem teorias de aquisição com enfoque morfossintático serão citados apenas no capítulo 4, à medida que interajam com os dados exibidos nesta tese. Neste capítulo, serão citados apenas os estudos base para a compreensão da teoria e aqueles que apresentam descrições do PB pelo viés da MD e têm relação com os temas nesta tese discutidos.

reconhecimento de elementos atômicos ainda existe; só que o antigo átomo agora tem três partes. Essas três camadas de informação se tornam então o *input* da Sintaxe no lugar das unidades lexicais. Na MD, não há a seleção de palavras por *numeration*²⁵ como no Minimalismo; as palavras nessa teoria são formadas pelos mesmos processos que geram sentenças. Assim, os traços passam por operações *merge*²⁶ e *move*²⁷ para gerar palavras, que por sua vez passam por operações *merge e move* para gerar sentenças (LOURENÇO DA SILVA, 2010).

O texto que anuncia o nascimento da MD é Halle e Marantz (1993). Esse artigo trabalha com a versão da Sintaxe Gerativa conhecida como Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981) adicionando o nível da estrutura morfológica na interface entre sintaxe e fonologia (HALLE & MARANTZ, 1993, p. 114). O desenvolvimento da teoria, que reconhece uma Sintaxe Gerativa *all the way down* – até dentro da palavra – estendendo as análises sintáticas até o nível morfológico, segue mais tarde o Modelo Minimalista (por ex., EMBICK & NOYER, 2005). No Minimalismo, é decretado que uma Gramática deve conter:

- 1) Um conjunto de primitivos
- 2) Um sistema derivacional para combinar esses primitivos em objetos complexos
- 3) Uma interface com o sistema conceitual/intencional (LF²⁸) e
- 4) Uma interface com o sistema articulatório/perceptivo (PF²⁹).

(Adaptado de EMBICK & NOYER, 2005, p. 3)

Assim sendo, esse sistema funciona como um sistema *default* que serve tanto para a Sintaxe quanto para a Morfologia. O conjunto de primitivos está distribuído em três módulos na MD; são listas que contém diferentes tipos de informações que juntas formarão os objetos complexos.

A seguir, o conteúdo de cada uma das listas será apresentado com o intuito de favorecer a compreensão do sistema de distribuição dos elementos gramaticais nos moldes da MD.

²⁵ Em português, numeração: descrito pelo Minimalismo de Chomsky (1995), processo pelo qual são retirados do Léxico vocábulos e traços formais e aglutinados para posteriormente sofrerem processos sintáticos geradores da sentença.

²⁶ Em português, juntar: descrito pelo Minimalismo de Chomsky (1995), processo de ligar elementos para gerar sentenças.

²⁷ Em português, mover: descrito pelo Minimalismo de Chomsky (1995), processo de mover elementos de um lugar para outro na sentença.

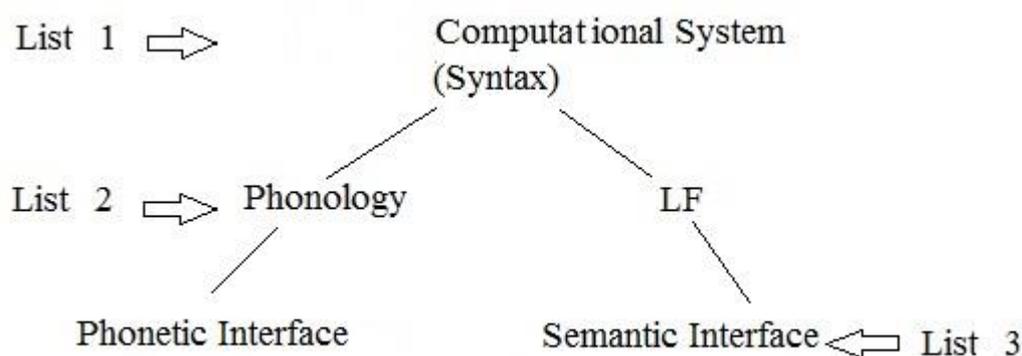
²⁸ Do inglês, Logical Form. Equivale a Forma Lógica.

²⁹ Do inglês, Phonological Form. Equivale a Forma Fonológica.

2.1.1 A Teoria em três listas

O que era o Léxico para a Teoria de Chomsky (1970) encontra-se tripartido na MD. Abaixo, um esquema da arquitetura da Gramática com a inserção das três listas:

Figura 4 - Arquitetura da Gramática na MD



Fonte: Marantz (1998, p. 2)

A lista 1 é a que mais se aproxima do antigo Léxico, pois nela estão as unidades com as quais a Sintaxe opera. Estão nessa lista os feixes de traços gramaticais abstratos, como nominalizador, verbalizador, tempo, etc, e as posições ocas para os radicais: todos desprovidos de traços fonológicos. A ausência de traços fonológicos no início da derivação é uma diferença crucial entre a MD e o Lexicalismo, segundo Lemle (2005). Essa fase é a única que opera com *merge* e *move*, a única fase gerativa e computacional.

A lista 2 contém os itens de vocabulário, já com substância fônica, que preencherão os nós terminais da estrutura sintática ou morfológica. Essa lista não tem capacidade gerativa, apenas acumulativa e composicional. Aqui estão os prefixos, os sufixos, as marcas de concordância, e os radicais que preencherão as posições ocas da lista 1.

A lista 3, também conhecida como enciclopédia, é o módulo semântico do sistema, ligada à forma lógica. É de onde vem o significado arbitrário, “a sede da arbitrariedade saussureana” (LEMLE, 2005, p. 8). É no acesso a essa lista que se dá a negociação do significado convencional e, portanto, idiossincrático. Os conceitos contidos nessa lista são ligados à estrutura morfossintática composta por um radical e pelo primeiro traço categorizador.

A interação das três listas em processos cíclicos possibilita a realização da palavra. A seguir, as características vitais da MD na relação entre a Sintaxe e o *Spell-Out* são descritas.

2.1.2 *Spell-Out* e as propriedades da MD

O *Spell-Out*, ou Inserção Vocabular³⁰, na MD, possui a peculiaridade de realização em ciclos. O primeiro ciclo começa com uma raiz e o categorizador mais profundo: a inserção acontece quando informações fonológicas preenchem a posição oca de raiz e o primeiro morfema abstrato ganha substância fônica. Então um novo ciclo começa para a inserção de outros morfemas sufixais. Assim, os componentes do vocábulo vão sendo inseridos um a um nos nós terminais gerados pela sintaxe. O item de vocabulário é, então, a relação entre uma expressão fonológica e um traço abstrato, uma posição oca ou até um contexto de inserção (Ver BASSANI & LUNGUINHO, 2011; NOYER, 1999). Exemplo simplificado e simbolizado da operação de *Spell-Out* de dois morfemas segue expresso no quadro 2 a seguir:

Quadro 2 – *Spell-Out* de dois morfemas

Nó terminal Sintático (Lista 1)	Inserção Lexical	Conteúdo fonológico (Lista 2)
[√]	↔	/am-/
[v]	↔	/-ar/

Fonte: A autora

Acima, pode-se ver que o símbolo $\sqrt{\quad}$ é utilizado para representar o radical, entre colchetes para mostrar que é um traço abstrato; o conteúdo fonológico é apresentado entre barras. No processo de *Spell-Out*, a raiz foi preenchida com o morfema antepositivo que, junto com o primeiro traço categorizador [v], forma o verbo “amar”. Importante notar que raízes são acategoriais e somente após operação *merge* recebem um traço categorizador, que pode ser um [v], mas também um [n] ou um [a] (Ver HARLEY, 2005). A seguir, o vocábulo recebe conteúdo idiossincrático proveniente da Lista 3, a enciclopédia, exatamente nesse ponto: na união do radical com o primeiro traço categorizador; nesse caso, um verbalizador.

³⁰ Os termos em inglês, *Spell-Out*, e em português, Inserção Vocabular, serão usados indiscriminadamente ao longo do texto, visto que se referem à mesma operação.

As informações semânticas posteriores acontecem de forma composicional, não mais computacional como no preenchimento dos primeiros nós.

Para a realização fonológica de um vocábulo, são necessários vários ciclos que se iniciam com a formação de conjuntos de traços abstratos no componente computacional, a partir de operações sintáticas. Após a etapa gerativa em que os nós terminais são formados, a realização das peças vocabulares acontece; portanto, no módulo pós-sintático. Essa propriedade da MD é chamada de *Late Insertion*³¹ e diz respeito ao acesso à lista 2. Para que um item seja eleito, ele precisa competir com outros que muitas vezes têm matrizes de traços bem semelhantes. O item escolhido será aquele que compartilha o maior número de traços com o nó terminal – gerado na sintaxe – que pretende ocupar. A inserção é sensível ao contexto e é essa sensibilidade ao contexto que faz com que toda a estrutura arbórea esteja disponível para essa operação, segundo Alcântara (2003, p.26). A operação de *Spell-Out* é governada pelo *Subset Principle*, ou Princípio do Subconjunto, que diz que haverá inserção de um item se todos ou um subconjunto dos traços gramaticais que o especificam combinar com o conjunto de traços do nó terminal para o qual o item compete. Não são inseridos os itens que têm traços conflitantes com o morfema terminal. A seguir, para explicar a noção de subconjunto, modelos de *Spell-Out* de radical, categorizador e sufixo, apresenta-se o quadro:

Quadro 3 – *Spell-Out* de radical, categorizador e sufixo

Nó Terminal Sintático	Item de Vocabulário
[√, v]	/am-/ ↔ [√, v]
[1 , sing, pres, subjuntivo]	/-o/ ↔ [1, sing, pres, indicativo]
[3 , sing, pres, subjuntivo]	/-es/ ↔ [2, sing, pres, subjuntivo]
	/-e/ ↔ [sing, pres, subjuntivo]

Fonte: A autora.

Para a formação de um determinado vocábulo, pode-se ver no quadro 3 que o conjunto de traços [√, v] recebeu o morfema antepositivo do verbo “amar”. Essa inserção acontece no momento em que o conteúdo semântico (arbitrário e intencional) vindo da enciclopédia encontra o morfema com conteúdo fonológico do vocabulário que preenche perfeitamente a posição do nó sintático, já dentro de um devido contexto. O próximo ciclo preencherá o nó

³¹ Equivale a Inserção Tardia, ou seja, o conteúdo fonológico é inserido tardiamente, após as operações gerativas.

sintático que exige os seguintes traços gramaticais: primeira [1] ou terceira [3] pessoa, singular [sing], presente [pres] e subjuntivo. Analisando os itens apresentados um a um, pode-se ver que /-o/ tem um traço conflitante [indicativo], /-es/ também tem um traço conflitante [2] e todos os traços de /-e/ combinam com os traços do nó, não havendo traços conflitantes. Os traços de /-e/ compõem um subconjunto do nó sintático: trata-se de um item subespecificado. A Subespecificação, ou *Underspecification*, é uma propriedade da MD que diz que um item não precisa estar plenamente especificado para ser inserido em uma dada posição; basta que esse item tenha um subconjunto dos traços do nó sintático para o qual compete e que não possua nenhum traço conflitante.

Conforme o exposto neste capítulo até então, a MD possui três propriedades que a diferenciam das teorias lexicalistas (Ver HALLE & MARANTZ, 1994):

- 1) *Syntaxe all the way down*: a sintaxe vai até dentro da palavra, ou seja, as estruturas constitutivas da morfologia são do mesmo tipo das estruturas sintáticas;
- 2) *Late Insertion* ou Inserção Tardia: o conteúdo fonológico só é inserido após as operações sintáticas, através das quais são criados nós terminais de traços puramente abstratos; e
- 3) *Underspecification* ou Subespecificação: as peças ou itens de vocabulário não precisam estar plenamente especificados para serem inseridos em um dado nó terminal, basta que compartilhem com o nó um subconjunto de traços e que não haja traços conflitantes.

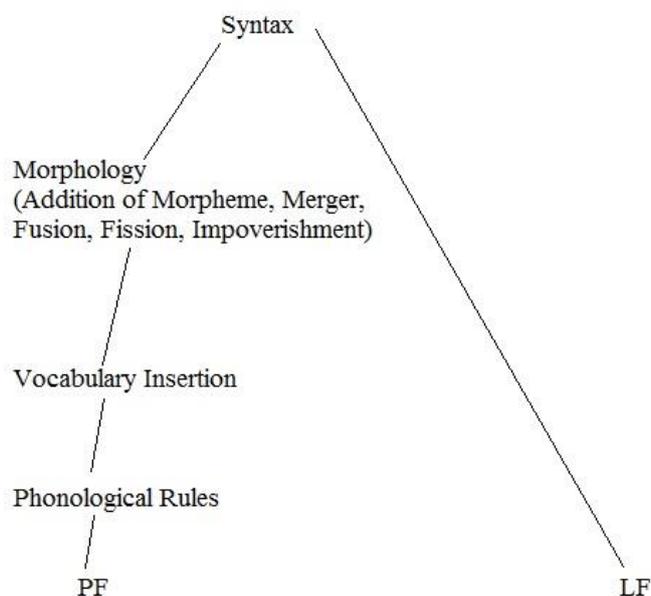
As propriedades de inserção dos itens vocabulares são características gerais da teoria e das relações que estabelece entre os diferentes módulos da Gramática. Um conjunto detalhado de traços semânticos, sintáticos e morfológicos gera uma posição em um nó terminal que estabelece uma ligação especial com um conjunto de traços fonológicos representativos de um dado morfema. É o fenômeno gramatical do *Spell-Out* segundo os pressupostos teóricos da MD.

Na próxima seção, um olhar mais profundo permite a descrição das propriedades morfológicas da MD e como essas operações atuam sobre o nó terminal gerado na sintaxe, antes da operação de *Spell-Out*.

2.1.3 Operações morfológicas

É defendido na MD que a formação da palavra pode ser um processo tão complexo quanto o processo de formação de sentenças. Há hierarquias a serem obedecidas e regras gerativas que são compartilhadas pelos dois sistemas de representação. Assim como é para a sentença, também há para o vocábulo um nó terminal com exigências viscerais para o nascimento fonológico do morfema. Após a geração do nó no módulo computacional, e antes da inserção do vocábulo, atua o módulo morfológico. Esse módulo é responsável por fazer os ajustes necessários para garantir “a boa formação morfológica do vocábulo e das unidades gramaticais maiores” (HALLE, 1996, p.101 apud ALCÂNTARA, 2003) e para isso, sobre o nó atuam as operações morfológicas. Abaixo, modelo da estrutura da Gramática com o módulo da morfologia

Figura 5 – Estrutura da Gramática com a Morfologia



Fonte: Halle & Marantz, 1994, p 277.

Nota: PF³² corresponde a Forma Fonética; LF³³ corresponde a Forma Lógica.

As operações morfológicas, listadas na figura de Halle e Marantz, acima, são apresentadas e listadas a seguir:

³² Do inglês, *Phonetic Form*

³³ Do inglês, *Logical Form*.

- 1) Adição de morfemas (*Addition of morphemes*): refere-se à adição de peças morfológicas de forma composicional, sem influência direta da sintaxe. A inserção de um morfema pode ser necessária na satisfação de exigências para a boa formação da palavra. Um exemplo é a adição de sufixo temático: um nó terminal de classe formal é adicionado a uma raiz gerada morfossintaticamente. O sufixo temático se junta a uma categoria N, A ou Adv no componente morfológico, visto que esse tipo de morfema não tem função sintática (Ver Alcântara, 2003, p. 60).
- 2) Adjunção (*Merger*): Em alguns trabalhos também traduzida como Concatenação Morfológica – como em Oliveira (2009) –, é o rearranjo de morfemas sob um mesmo núcleo, com mudança na estrutura hierárquica. O número de morfemas terminais gerados na sintaxe continua o mesmo, eles são apenas reorganizados no componente morfológico através dessa operação.
- 3) Fusão (*Fusion*): Trata-se da união de traços abstratos provenientes de diferentes nós em um mesmo nó terminal. Oliveira (2009, p.39) exemplifica essa operação com o item /-mos/ de *lemos*. Há fusão dos nós terminais de número [pl] e pessoa [2] no único nó [AGR].
- 4) Fissão (*Fission*): Essa operação consiste na separação de um nó terminal sintático em dois nós na morfologia.
- 5) Empobrecimento (*Impoverishment*): Essa operação se relaciona com a característica exclusiva da MD de Subespecificação de itens vocabulares. Traços morfossintáticos de um determinado nó são apagados para que itens com menos traços (subespecificados) sejam eleitos, restringindo a co-ocorrência de traços. A operação também acontece quando não há categoria específica para a inserção de um dado item e a forma *default* é inserida (EMBICK & NOYER, 2004). Um exemplo é o apagamento das marcas de segunda pessoa do singular que vem ocorrendo diacronicamente no PB e já observado em dados de aquisição em Pohlmann-Bulla (2009). O pronome tu aparece frequentemente acompanhado de um verbo flexionado para a 3ª pessoa, como *tu ama*, ao invés de *tu amas*.

Além das operações morfológicas descritas acima, outras operações pós-sintáticas podem ser destacadas. Movimentos pós-sintáticos acontecem segundo operações de localidade, segundo Embick e Noyer (1999; 2005) no chamado *Merger Morfológico*³⁴:

Merger Morfológico: Em qualquer nível da análise sintática, uma relação entre X e Y pode ser substituída pela afixação do núcleo lexical de X ao núcleo lexical de Y. (EMBICK & NOYER, 1999, p. 268).

Segundo os autores supracitados, há dois tipos de *Merger Morfológico*: os que acontecem antes da inserção vocabular, chamados *Lowering*, ou Descendentes e os que se dão após a inserção vocabular, chamados *Local Dislocation*, ou Deslocamentos Locais. Os Descendentes acontecem na estrutura hierárquica e um exemplo pode ser a marca de passado, que muda do núcleo de TP para o núcleo de vP (O menino[TP t₁ [vP ligou₁ o carro]]). Os Deslocamentos Locais, como diz o nome, atuam entre elementos lineares e adjacentes, posto que após a inserção vocabular as relações hierárquicas já não são mais relevantes para os processos de afixação.

A partir daqui, são apresentados alguns estudos sobre o paradigma verbal do PB que ajudam na compreensão das análises dos dados de aquisição.

2.2 O paradigma verbal no PB segundo a MD

Por ser a Morfologia Distribuída uma teoria recente se considerarmos a linha do tempo da Linguística, com o primeiro estudo surgindo em 1993, ainda há pouco documentado para a formalização do verbo do PB sob esse olhar. Tem-se conhecimento de Bassani (2009), sobre os verbos denominais; Medeiros (2008), sobre os participios; e Scher (2004; 2006), sobre verbos leves e com terminação em *ada*. Um dos trabalhos que mais se relaciona com o tema desta tese, no entanto, é Bassani e Lunguinho (2011), sobre a flexão verbal do português. O artigo apresenta uma análise do presente, do pretérito perfeito e imperfeito do modo indicativo, dentro do modelo da MD. Sua análise é aqui exposta por servir de referência³⁵ para as análises desenvolvidas nesta tese, ao passo que, quando se pretende investigar o processo de aquisição, é interessante se ter conhecimento de como o sistema, nesse caso o PB, funciona na fala adulta. Por estar a pesquisa desta tese relacionada somente ao presente e ao pretérito

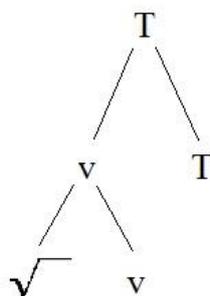
³⁴ O *Merger Morfológico* foi originalmente proposto por Marantz (1988).

³⁵ Esse texto é tratado como referência por conter análises do PB; porém, textos com análises de outras línguas na perspectiva da MD também serviram de referência para as análises realizadas nesta tese (vide capítulo 4).

perfeito do indicativo do PB, não será tratada a análise do pretérito imperfeito, também desenvolvida pelos autores.

Bassani e Lunguinho (2011), assim como a pesquisa desta tese, estuda a linguagem coloquial, portanto, não se trata de um trabalho de gramática prescritiva. O estudo é delimitado em 6 pronomes e 4 formas flexionais para 3 verbos, um de cada classe³⁶ (*cantar*, *beber* e *dormir*), e busca verificar: os traços morfossintáticos que compõem os nós terminais e sua organização; as operações morfológicas por que passam; e os itens de vocabulário que compõem o paradigma do indicativo do PB nas 3 classes. Abaixo, a formalização dos nós terminais sintáticos:

Figura 6 – Estrutura sintática básica do verbo português³⁷



Fonte: Bassani e Lunguinho (2011, p. 10)

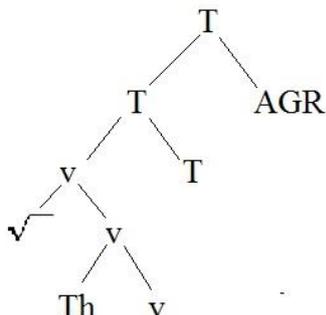
No módulo computacional são gerados um núcleo de tempo (simbolizado por T), a raiz e um núcleo verbalizador. A seguir, no módulo morfológico, pós-sintaticamente, são adicionados os traços de concordância [AGR] e classe [Th]³⁸. Completando a apresentação da estrutura de base para a análise de Bassani e Lunguinho (2011), a figura da formalização da estrutura morfológica:

³⁶ O termo *classe* será utilizado ao longo deste trabalho para se referir à conjugação do verbo. Há três tipos de verbos no PB quanto à classe: os da classe 1, como *cantar*; os da classe 2, como *beber*; e os da classe 3, como *dormir*. A classe do verbo é determinada pela raiz e realizada pela vogal temática (-a, -e ou -i).

³⁷ T representa tempo; v representa verbo e, ao lado do radical √ representa verbalizador.

³⁸ Do inglês, *Theme Vowel*, o mesmo que Vogal Temática. [Th] representa o traço de classe que abrigará a vogal temática do verbo.

Figura 7 - Estrutura morfológica básica do verbo português



Fonte: Bassani e Lunguinho (2011, p. 10)

Após a definição das estruturas de base, parte-se para os modelos de preenchimento desses nós. Os autores verificam os seguintes itens de vocabulário para o paradigma da flexão verbal do PB³⁹:

15

/a/ ↔ [c⁴⁰1]

/e/ ↔ [c2]

/i/ ↔ [c3]

/u/ ↔ [pass⁴¹, sing]

/o/ ↔ [pres, 1, sing]

/i/ ↔ [1, sing]

Adaptado de Bassani e Lunguinho (2011, p. 11).

Na análise do tempo presente, Bassani e Lunguinho (2011) já verificam a primeira operação que atua pós-sintaticamente sobre os traços provenientes da sintaxe. Para a formação da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do indicativo, nas 3 classes, há fusão dos traços [v], [T] e [AGR] em um único nó terminal, levando ao *Spell-Out* de um único item vocabular. Representação das árvores antes e após a fusão:

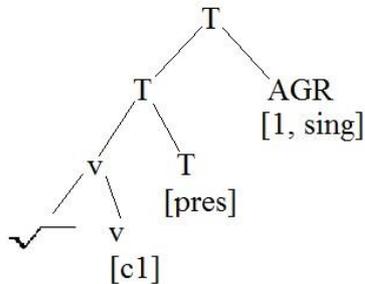
³⁹ Para os tempos presente e pretérito perfeito.

⁴⁰ c representa classe.

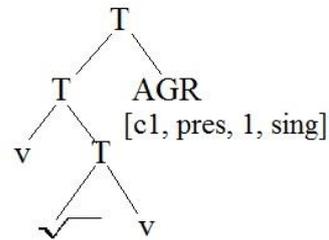
⁴¹ Enquanto Bassani e Lunguinho (2011) nomearam esse traço de *pret.perf.* para pretérito perfeito, a pesquisadora desta tese optou por utilizar simplesmente *pass* (de passado), com o mesmo significado.

Figura 8 - Formação da 1ª pessoa singular do presente

Antes da operação de fusão



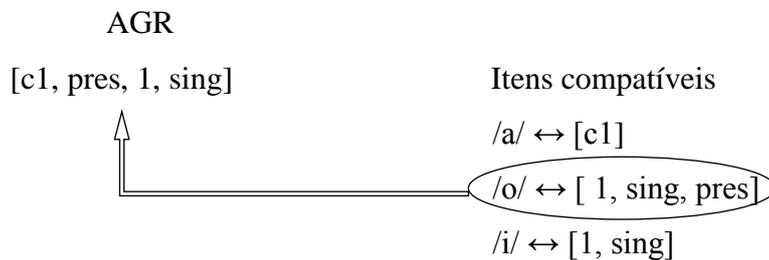
Depois da fusão



Fonte: Bassani e Lunguinho (2011, p. 12)

Após a operação morfológica, o nó fundido em AGR será preenchido pelo candidato com mais traços compatíveis entre os candidatos possíveis:

16



Os autores chamam a atenção também para a neutralização de classe que acontece na primeira pessoa do singular. Devido à fusão, há subespecificação do traço de classe e o item /o/ é inserido para as 3 classes: *eu canto*, *eu bebo*, *eu durmo*. O item subespecificado compartilha mais traços com o nó e, por não ter o traço de classe, serve para c1, c2 e c3.

Para a formação das 3 classes da 2ª e 3ª pessoas do singular, no entanto, o item /o/ não poderá competir pois tem conflitante o traço de pessoa [1]. A inserção se dá da seguinte forma:

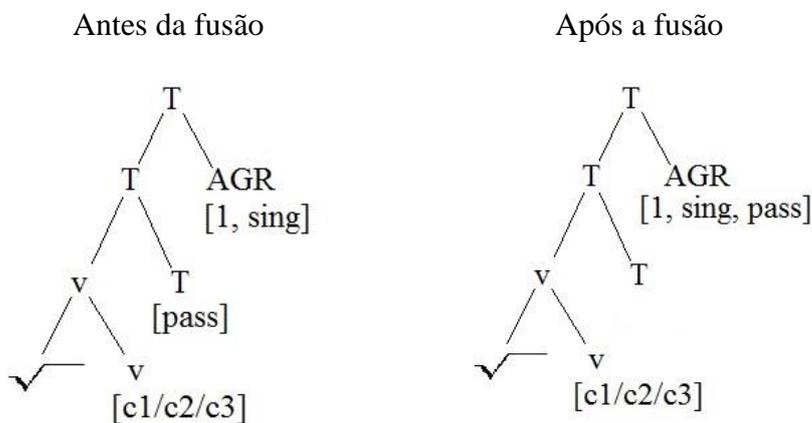
17	cant-	[c1, pres, 2/3, sing]	/a/ ↔ [c1]
	beb-	[c2, pres, 2/3, sing]	/e/ ↔ [c2]
	dorm-	[c3, pres, 2/3, sing]	/i/ ↔ [c1]

Adaptado de Bassani e Lunguinho (2011, p. 15)

Os itens eleitos para cada nó são subespecificados para o traço de pessoa, mas são especificados para classe.

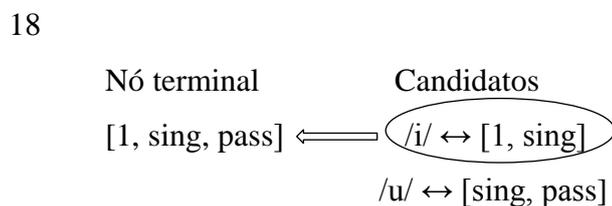
No pretérito perfeito, há dois nós terminais a serem preenchidos: o primeiro é o traço de classe, preenchido diretamente com o traço correspondente; o segundo é o nó resultante de uma fusão entre tempo [T] e concordância [AGR]. Abaixo, a representação da fusão:

Figura 9 - Formação da 1ª pessoa singular do Pret. Perfeito



Fonte: Bassani e Lunguinho (2011, p. 23)

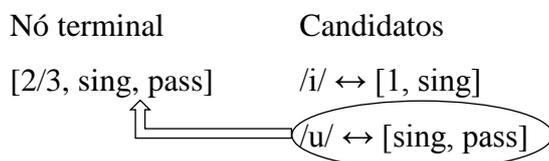
Essa fusão acontece para todas as pessoas no pretérito perfeito. A competição para o preenchimento do nó composto se dá da seguinte forma:



Os dois candidatos possuem o mesmo nível de especificação, com dois itens compatíveis. Como o eleito é o /i/, Bassani e Lunguinho (2011) percebem que o traço de pessoa tem prioridade de inserção sobre o traço de tempo. Os autores também destacam que o traço de número não tem efeito na escolha do item para esse nó fusionado, visto que é compartilhado pelos candidatos.

A competição para a inserção de item vocabular para a 2ª pessoa (*você*, no referido trabalho) e para a 3ª pessoa se dá conforme a representação:

19



Pode-se ver que /i/ perde a competição pois tem o traço de pessoa conflitante com os traços do nó terminal.

Após as operações morfológicas e a inserção dos itens de vocabulário, as seguintes formas resultam para as três pessoas do singular:

20

$\sqrt{\text{CANT}} + [\text{c1, pass, 1, sing}] = /cantai/$
 $\sqrt{\text{BEB}} + [\text{c2, pass, 1, sing}] = /bebei/$
 $\sqrt{\text{DORM}} + [\text{c3, pass, 1, sing}] = /dormii/$
 $\sqrt{\text{CANT}} + [\text{c1, pass, 2/3, sing}] = /cantau/$
 $\sqrt{\text{BEB}} + [\text{c2, pass, 2/3, sing}] = /bebeu/$
 $\sqrt{\text{DORM}} + [\text{c3, pass, 1, sing}] = /dormiu/$

Dos vocábulos acima, pode-se perceber que apenas /bebeu/ e /dormiu/ correspondem à realização na fala. Para todas as outras, a derivação ainda não se completou, havendo a necessidade de ajustes fonológicos. Os autores defendem que há regras fonológicas atuando no módulo Forma Fonética logo após a inserção de material fonológico (BASSANI & LUNGUINHO, 2011, p. 24) e apresentam o seguinte quadro com as formas finais e o resumo dessas regras:

Quadro 4 - Regras fonológicas na formação do Pretérito Perfeito

Classe 1	/cant-a-i/ → /cantei/	Alçamento de /a/ para /e/, condicionado pela presença de /i/.
	/cant-a-u/ → /cantou/	Alçamento de /a/ para /o/, condicionado pela presença de /u/.
Classe 2/3	/beb-e-i/ → /bebi/	Alçamento de /e/ para /i/ seguido de crase com o morfema /i/
	/beb-e-u/ → /bebeu/	-
	/dorm-i-i/ → /dormi/	crase
	/dorm-i-u/ → /dormiu/	-

Fonte: Bassani e Lunguinho (2011, p.25)

O estudo de Bassani e Lunguinho (2011) é bem mais abrangente do que se procurou aqui descrever. De acordo com os interesses da pesquisa apresentada nesta tese, foram observadas apenas as construções de flexão verbal do presente e do pretérito perfeito das três pessoas do singular. As conclusões dos autores referente às análises nessa abrangência se encontram resumidas abaixo:

- A flexão verbal no português é formada por 4 traços morfossintáticos: [classe], [tempo], [pessoa] e [número].
- Há 3 núcleos funcionais para a organização desses traços. São eles: [v], [T] e [AGR].
- O presente é o tempo menos marcado, posto que o traço [pres] é sempre subespecificado nos itens que preenchem os nós terminais.
- A interpretação do presente não decorre de sua realização fonológica, mas da sua ocorrência na sintaxe.
- A operação morfológica que atua na flexão do singular do presente e do pretérito perfeito é a fusão, que pode se dar com combinações dos núcleos [v+T+AGR] ou [T+AGR].

A seguir, serão apresentados estudos na MD que buscam a descrição do paradigma dos pronomes pessoais do PB e que podem, de alguma forma, auxiliar nas análises da produção pronominal das crianças participantes desta pesquisa.

2.3 O paradigma pronominal do PB segundo a MD

Não foram encontrados muitos registros de estudos que envolviam análises de pronomes na perspectiva da MD, talvez pelo caráter relativamente recente da teoria. Essa lacuna pode se dar também pelo fato de os pronomes sofrerem claramente mais influência sintática do que morfológica. No cenário internacional, há a tese de McFadden (2004) na exploração dessa interface sintaxe-morfologia, tratando da derivação do caso morfológico e que dá conta, de certa forma, de análise de pronomes pessoais. Um artigo posterior (MCFADDEN, 2006) propõe uma análise do caso *default* e uma decomposição dos traços de caso. Porém, para o PB, o trabalho mais completo que se conseguiu encontrar com análises na MD é a tese de Pereira (2006), sobre os clíticos, que dá conta portanto do preenchimento pronominal da posição do objeto, com algumas lacunas. A pesquisa discorre sobre os tipos de pronomes clíticos encontrados no português contemporâneo e verifica, com as ferramentas da MD e com base nas análises de Bonet (1991), como se dá a derivação desses pronomes. Ela propõe 3 estruturas para a derivação morfológica dos clíticos e chama de CL1 o acusativo, o dativo, o dativo de posse e o dativo ético da 1ª pessoa do singular que se realiza fonologicamente como /me/; de CL2 o acusativo, o dativo e o dativo de posse da 2ª pessoa do singular que se realiza como /te/; e de CL3, o reflexivo, o recíproco, o ergativo e o nominativo, realizado fonologicamente como /se/. Para a pesquisa desta tese, interessam apenas os que a autora chama de acusativos e dativos de CL1 e CL2, /me/ e /te/⁴², visto que não foram encontrados sinais de clitização para a 3ª pessoa singular nos dados desta pesquisa. Pereira (2006, p. 111) destaca que os traços que constituem os morfemas abstratos dos clíticos do PB (Lista 1 da MD) são [pessoa] e [caso], sendo o primeiro um traço interpretável e o segundo um traço estrutural. A autora adota de Benveniste (1966), utilizadas

⁴² Os clíticos /me/ e /te/ que Pereira (2006) classifica de acusativo ou dativo, dependendo do contexto em que são encontrados, são chamados sempre de acusativos nesta tese. Essa classificação de Pereira é baseada na função gramatical dos clíticos: os acusativos são aqueles relacionados ao objeto direto e os dativos são os que se relacionam com o objeto indireto. Nesta tese, os casos nominativo, acusativo e oblíquo se relacionam à forma adotada pelo pronome: na primeira pessoa, por exemplo, *eu* é o nominativo, *me* é o acusativo e *mim* é o oblíquo. Logo, *me* e *te* serão chamados de pronomes acusativos.

em Bonet (1991), as especificações [+1], [-1] e [∅] para os traços de 1ª, 2ª e 3ª pessoas, respectivamente. Para os clíticos, essa especificação é interessante, à medida que a consideração da 3ª como não-pessoa facilita a compreensão de clíticos especiais que se realizam como /se/, por exemplo: os inerentes e o se-nominativo. Para fins de padronização, e pelo foco das análises desta tese ser a aquisição dos clíticos acusativos e dativos (todos chamados de *acusativos* por questões mórficas) de 1ª e 2ª pessoas somente, aqui serão utilizadas as mesmas representações de traços que em Bassani e Lunguinho (2011): [1], [2] e [3], para 1ª, 2ª e 3ª pessoas, embora vá se voltar ao assunto no decorrer das análises (Capítulo 4). Os itens de vocabulário e seus traços são os seguintes:

21

/me/ ↔ [ACC⁴³, 1]

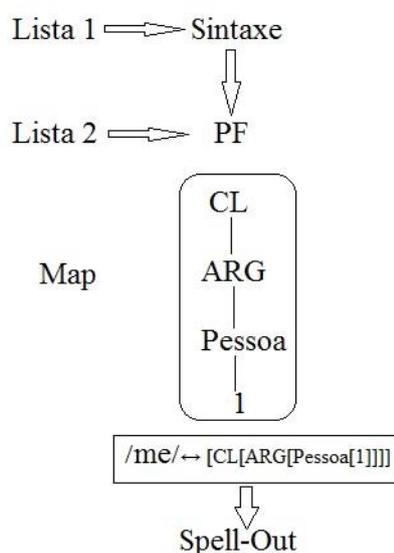
/te/ ↔ [ACC, 2]

A inserção dos itens é a segunda etapa da derivação morfológica, que começa com o mapeamento dos traços gramaticais [pessoa], [1] e [ARGUMENTO], provenientes da lista 1 no esquema da MD. Então, o morfema terminal [ARG[Pessoa[1]]] recebe a matriz fonológica /me/. O mesmo acontece com /te/. Para a 2ª pessoa, o nó terminal tem a estrutura [ARG[Pessoa[2]]].

Pereira (2006) apresenta as etapas do mapeamento do clítico /me/ nas funções de acusativo e dativo em um quadro similar ao esquema a seguir:

⁴³ Do inglês, *Accusative*. O mesmo que caso Acusativo ou Objetivo.

Figura 10 - Etapas do mapeamento de /me/ acusativo e dativo



Fonte: Pereira (2006, p. 144)

A realização dos clíticos no PB envolve a formação morfológica de um objeto complexo [Cl+V+INFL⁴⁴], composta por um pronome clítico, um verbo e sua flexão. Nos termos de Pereira (2006, p. 133), a correspondência entre os morfemas abstratos do clítico e da flexão do verbo é relevante para o processo de cliticização do PB e a especificação do traço de pessoa, determinante. Os traços do clítico precisam ser checados em um domínio verbal, visto que a característica essencial desta peça vocabular é sua deficiência fonológica: são pronomes fracos que precisam estar associados a um hospedeiro (Ver Kato, 1999; 2001).

Pereira chama a atenção para as mudanças diacrônicas por que vem passando o PB concernente ao paradigma pronominal, especialmente aos clíticos. Essas mudanças levaram a uma escassez de formas que afasta o PB do PE e de outras línguas românicas, tornando esse sistema muito mais simplificado, com apenas 4 formas instanciadas pela gramática nuclear. A perda da distinção entre as desinências verbais de 2^a e 3^a pessoas pode ser citada como um dos fatores relacionados a essas mudanças no paradigma pronominal, dada a forte dependência que os clíticos estabelecem com o verbo. Pesquisas diacrônicas do PB podem ser encontradas em Galves (2001), Cyrino (1997) e Duarte (2003), só para citar algumas.

Outro trabalho que contribui substancialmente para a pesquisa desta tese é Viotti (2005), sobre o caso *default* do PB. Nessa língua, as marcas de caso são características

⁴⁴ Do inglês, *Inflection*. O mesmo que flexão.

percebidas somente nas formas pronominais – no PB coloquial contemporâneo, apenas na 1ª pessoa singular e plural e na 2ª pessoa singular – (Ver Pohlmann-Bulla, 2009 e seções 1.2.1 e 1.3 neste trabalho), logo, é somente a partir delas que se torna possível o estudo desses traços.

Na teoria da MD, a atribuição de Caso seria um fenômeno sintático e a marcação no pronome, um fenômeno morfológico. Segundo Viotti (2005), conjuntos de traços de pronome de 1ª pessoa do singular, por exemplo, são gerados na Sintaxe acompanhados de traços de caso, pois a checagem acontece na Sintaxe: se o nó terminal que vai receber o pronome estiver na posição de sujeito, a realização morfológica do feixe de traços pronominais de 1ª pessoa do singular vai corresponder à forma nominativa *eu*; se esse nó estiver em VP, o conjunto de traços pronominais vai realizar a forma acusativa *me*. Outros autores, como McFadden (2004; 2006) e Marantz (2000) afastam ainda mais a atribuição de caso da Sintaxe, considerando a checagem de Caso dos DPs desnecessária. Nessa visão, a Sintaxe determina os papéis temáticos, que são interpretáveis, e o caso é dado no componente morfológico⁴⁵.

A atribuição de Caso⁴⁶, de acordo com Schütze (2002), vem de um núcleo INFL ou de um núcleo verbal. No entanto, às vezes os sintagmas nominais chegam no componente morfológico sem a informação do caso com o qual devem ser foneticamente realizados. É nesse momento que recebem o caso *default* (VIOTTI, 2005, p. 55). Vários estudos apontam que o caso *default* do PB é o nominativo (KATO, 2001; POHLMANN-BULLA, 2009; VIOTTI, 2005). Viotti (2005) analisa o aparecimento de pronomes nominativos em contextos outros que não o de Spec de IP nem o de associação a outro NP nominativo. Os contextos são os seguintes:

- Sintagmas nominais deslocados à esquerda ou à direita;
- Sintagmas nominais em que um possível atribuidor de Caso está elidido;
- Sintagmas nominais em posição de especificador ou complemento de uma projeção de coordenação;
- Pronomes modificados ou quantificados.

(VIOTTI, 2005, p. 64)

⁴⁵ Não se pretende aqui entrar na discussão se há ou não checagem na Sintaxe de todos os DPs pronunciados, visto que o interesse desta pesquisa é somente o caso morfológico (marcado nos pronomes pessoais).

⁴⁶ Em alguns momentos, quando fica mais clara a referência, opta-se pelo uso de letra maiúscula ou minúscula, de acordo com a distinção apresentada em Marantz (2000, p. 18-19). O autor chama a atenção para as diferenças entre Caso (licenciamento sintático) e caso (morfológico) e as ilustra com dados do Islandês. Para a maioria das línguas, no entanto, a fronteira entre Caso e caso fica bem mais estreita, pois o caso geralmente resulta do licenciamento. Em Pohlmann-Bulla (2009) se tratou da aquisição do Caso/caso, visto que se observou a escolha pronominal (caso) resultante do licenciamento de Caso pela sintaxe.

A compreensão do caso *default* no PB pelos caminhos da MD colabora para esta pesquisa à medida que, além de elucidar achados já antes registrados em Pohlmann-Bulla (2009), também torna possível um diálogo mais equilibrado com Schütze e Wexler (1996)⁴⁷ na verificação dos padrões de aquisição dos pronomes sujeitos em inglês e português.

No capítulo 3, será apresentado o método utilizado nesta pesquisa, os objetivos, o *corpus* e os procedimentos de desenvolvimento da pesquisa e das análises dos dados.

⁴⁷ Esse estudo traz uma análise sobre os sujeitos não-nominativos na língua inglesa pelo viés da MD, apenas 3 anos após o surgimento da teoria, e serviu de inspiração para Pohlmann-Bulla (2009).

3 O MÉTODO

3.1 Tipo de pesquisa

A investigação ora apresentada é qualitativa, quantitativa e longitudinal. A pesquisa busca detalhar o processo de aquisição dos pronomes pessoais singulares e é qualitativa pois se propõe a observar as relações entre a aquisição desses pronomes com a aquisição de outras formas gramaticais e a investigar sua sintaxe; é também quantitativa ao passo que registra em números e relaciona em percentuais as ocorrências pronominais, o comportamento verbal e as omissões de argumentos; e por fim, o que torna esta pesquisa longitudinal é o fato de seu *corpus* ser composto de transcrições de falas gravadas durante um ano e meio, buscando acompanhar o desenvolvimento linguístico de 3 crianças em idade de aquisição da primeira língua.

Os objetivos da investigação são apresentados a seguir.

3.2 Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa é entender o processo de aquisição de pronomes pessoais na primeira infância, sua distribuição contextual e suas relações com a flexão verbal. Os objetivos específicos para o alcance dessa meta são:

1. Analisar, registrar e quantificar o emprego da flexão verbal e a sua concordância com o sujeito e com o tempo;
2. Analisar, registrar e quantificar o emprego de pronomes pessoais, bem como as omissões, nas posições de sujeito e objeto;
3. Analisar, registrar e quantificar o emprego do Caso dos pronomes pessoais nas posições de sujeito e objeto;
4. Verificar as relações e a influência da flexão verbal concordante com o preenchimento das posições de sujeito;
5. Verificar as relações e a influência da flexão verbal concordante com o emprego do Caso dos pronomes pessoais nas posições de sujeito e objeto.

3.3 Hipóteses

1. Afora os verbos no modo Imperativo, a flexão verbal na 3ª pessoa do modo Indicativo é a primeira a figurar na linguagem infantil, mesmo em discordância com o sujeito contextual.
2. Sujeitos e objetos nulos acontecem de forma expressiva no início da aquisição e se mantêm em grande quantidade mesmo após a aparição das formas pronominais.
3. O primeiro caso a figurar na linguagem infantil é o nominativo, seguido do acusativo e do oblíquo.
4. Há um período (aproximadamente entre 1;7 e 2;6) em que as crianças utilizam as marcas de 3ª pessoa em contextos subjetivos de 1ª pessoa, como uma flexão *default*.
5. No período em que as crianças não utilizam a flexão verbal em acordância com o sujeito contextual, elas tendem a também não utilizar sujeitos, logo, não empregam pronomes subjetivos, não fornecendo em sua produção, portanto, indícios de conhecimento do sistema de casos de sua língua.

3.4 Corpus

O *corpus* utilizado para esta pesquisa foi coletado e organizado por Denise Issler entre os anos de 1995 e 1997 para o seu estudo de doutoramento, sob orientação da Prof. Dr Regina Lamprecht. Após o término da pesquisa, o *Corpus Issler*, como foi chamado, foi cedido pela pesquisadora para integrar os bancos de dados de fala infantil do CEAAL (Centro de Aquisição e Aprendizagem da Linguagem) da PUCRS.

O *Corpus Issler* é composto pelas conversas de três crianças (dois meninos e uma menina) com suas respectivas mães e irmão (em um dos casos), em suas próprias casas. As falas foram registradas durante um ano e meio, periodicamente, em sessões de cerca de 30 minutos, quando as crianças tinham entre 19 e 36 meses, segundo o documento *Instruções e Critérios de Utilização do Corpus Issler*, escrito por Denise Issler em 1999. Há, no total, 83 arquivos identificados com a inicial do nome fictício da criança e o número do arquivo, em ordem cronológica para cada participante. A partir das gravações em vídeo e áudio, as falas

foram transcritas em documentos do *Word*⁴⁸ por bolsistas do CEAAL à época da coleta e revisadas por esta pesquisadora no primeiro semestre de 2008.

As crianças do *corpus* são de um nível sócio-econômico-cultural de classe média, de acordo com Issler (1997, p. 87-88), e têm ao menos um dos pais com curso superior. Foram consideradas normais, sem quaisquer problemas físicos ou mentais aparentes, e no momento do início da coleta já caminhavam e eram capazes de interagir com o outro e de se comunicar. As 3 receberam nomes fictícios. A primeira criança, chamada de Tati, era filha única durante todo o período da coleta; a segunda era um menino que foi chamado de João; ele era filho único no início e aos 3 anos tinha um irmão de alguns meses de idade (as gravações de João sofreram uma pausa de cerca de 1 mês por motivo das férias da família e do nascimento do irmão); e a outra criança também era um menino, chamado de Rafael; este tinha um irmão 1 ano e meio mais velho do que ele, uma irmã adolescente por parte de pai e, ao final da coleta, uma irmãzinha recém-nascida (ISSLER, 1997, p. 88).

A utilização do *Corpus Issler* para esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da PUCRS no parecer de número 220.501, redigido em 8 de março de 2013.

Quadros com o detalhamento das coletas de dados de Tati, João e Rafael estão nos anexos D, E e F, respectivamente.

3.5 Procedimentos para organização e análise dos dados

Para a pesquisa quantitativa, foram elaboradas inicialmente 31 perguntas (i a xxxi) divididas em 4 grandes seções que resultaram em 11 tabelas (10 para esta pesquisa e 1 para a contagem de verbos no imperativo formal⁴⁹, considerados descarte). As perguntas norteadoras para a análise dos dados foram criadas em parceria com o Prof. Dr Kenneth Wexler do Departamento de Letras do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT)⁵⁰.

⁴⁸ Programa *Microsoft Word* do Pacote *Office* para plataforma *Windows*.

⁴⁹ Utilizo o termo imperativo formal para contrastar com o imperativo pragmático, quando outro vocábulo ou expressão pode exercer a função de imperativo. Importante salientar ainda que os verbos em forma imperativa serão contados por arquivo, por sugestão da Profa. Dr Nina Hyams, para contribuir com futuras pesquisas e as análises de seus contextos de sujeito e objetos não farão parte desta pesquisa.

⁴⁹ Somente verbos principais e auxiliares serão considerados, sendo excluídos os verbos de ligação.

⁵⁰ A parceria para a elaboração da pesquisa foi firmada em uma reunião naquela universidade, em julho de 2010, e posteriormente mantida através de reuniões via Skype. O objetivo é a organização de dados de aquisição de pronomes pessoais do português brasileiro que possam dialogar com pesquisas afins em várias outras línguas já estudadas pelo teórico.

As seções e respectivas perguntas estão organizadas da seguinte forma para compor as tabelas:

1 - Verbos Finitos/Infinitivos

Olhar para os verbos⁵¹:

- i.** Quantos seriam finitos em um similar contexto de fala adulta?
- ii.** Quantos são finitos?
- iii.** Quantos são infinitivos?

Para verbos que seriam infinitivos em um similar contexto de fala adulta:

- iv.** Quantos são infinitivos?
- v.** Quantos são finitos?

Para verbos finitos que estariam em primeira pessoa singular em um similar contexto de fala adulta:

- vi.** Quantos estão em 1º pessoa singular?
- vii.** Quantos estão em 3º pessoa singular?
- viii.** Quantos estão em outra conjugação?

Para verbos finitos que estariam em terceira pessoa singular em um similar contexto de fala adulta:

- ix.** Quantos estão em 3º pessoa singular?
- x.** Quantos estão em 1º pessoa singular?
- xi.** Quantos estão em outra conjugação?

2 - Tipos de Sujeitos

- xii.** Quantos sujeitos são pronomes pessoais de 1ª pessoa do singular, de 3ª pessoa do singular e de outras pessoas?

⁵¹ Somente verbos principais e auxiliares serão considerados, sendo excluídos os verbos de ligação.

- xiii.** Quantos sujeitos são nulos que representam a 1ª pessoa do singular, a 3ª pessoa do singular e que representam outras pessoas?
- xiv.** Quantos sujeitos são de qualquer outra tipologia (por ex. “o menino”, “aquilo”) remetendo a contextos de 1ª, 3ª e outras pessoas?

De todos os sujeitos pronominais explícitos:

- xv.** Quantos são nominativos?
- xvi.** Quantos são acusativos?
- xvii.** Quantos são oblíquos?

3 – Tipos de Objetos

- xviii.** Quantos objetos são pronomes pessoais de 1ª pessoa do singular, de 3ª pessoa do singular e de outras pessoas?
- xix.** Quantos objetos são nulos que representam a 1ª pessoa do singular, a 3ª pessoa do singular e que representam outras pessoas?
- xx.** Quantos objetos são de qualquer outra tipologia (por ex. “o menino”, “aquilo”) remetendo a contextos de 1ª, 3ª e outras pessoas?

De todos os objetos pronominais explícitos:

- xxi.** Quantos objetos seriam acusativos em um similar contexto de fala adulta?
Desses,
- xxii.** Quantos são acusativos?
- xxiii.** Quantos são nominativos?
- xxiv.** Quantos são oblíquos?

Quantos objetos seriam oblíquos em um similar contexto de fala adulta?

Desses,

- xxv.** Quantos são oblíquos?
- xxvi.** Quantos são acusativos?
- xxvii.** Quantos são nominativos?

4 – Passado Finito

Em contextos em que haveria passado verbal em similar fala adulta:

xxviii. Quantas vezes acontece AGR⁵²+passado?

xxix. Quantas vezes acontece AGR+ não-passado?

xxx. Quantas vezes acontece não-AGR+passado?

De fora das análises, está:

xxxi. Quantos verbos são funcional e formalmente imperativos?

Ao final das contagens, obtidos os dados numéricos, surgiram novas perguntas com relação ao emprego do passado simples, sendo então criada uma tabela extra que traria respostas para as seguintes perguntas:

xxxii. Quantos verbos apresentam AGR concordante⁵³+Sujeito Explícito?

xxxiii. Quantos verbos apresentam AGR concordante+Sujeito Nulo?

xxxiv. Quantos verbos apresentam AGR discordante+Sujeito Explícito?

xxxv. Quantos verbos apresentam AGR discordante +Sujeito Nulo?

No curso da apresentação e discussão dos dados, a tabela extra e a que traz respostas sobre o Passado Finito foram realocadas com as tabelas sobre a flexão verbal, antes da apresentação dos tipos de sujeitos.

As tabelas foram criadas e manipuladas através do programa Excel para Windows.

O processo de contagem e o preenchimento foram precedidos por uma minuciosa análise sintática das falas das crianças, considerados seus contextos de produção. Essa etapa contou com a importante e engajada colaboração da bolsista e estudante de Letras Juliana Matias Santos.

A análise das sentenças produzidas por cada criança era codificada para facilitar a contagem final de cada tipo de ocorrência, bem como a revisão das análises e das contagens. As análises, feitas em documentos no Microsoft Word, e as contagens, feitas manualmente em material impresso, sofreram revisões no prazo de no mínimo 7 dias da primeira versão para assim garantir a acuidade nos resultados.

⁵² Significa o mesmo que concordância flexional. Do inglês, *agreement* (AGR).

⁵³ A concordância ou discordância aqui se refere ao sujeito contextual, visto que são analisadas também as ocorrências de sujeito nulo.

Para facilitar as leituras analíticas em percentuais, os arquivos foram reunidos em grupos de 10, 9, 8 ou 6, o que resultou em 3 grupos de arquivos para cada criança. Os dados foram organizados da seguinte forma: para Tati, arquivos T1 a T9, T10 a T19 e T20 a T29; para João, arquivos J1 a J9, J10 a J19, e J20 a J29; e para Rafael, arquivos R1 a R9, R10 a R19, e R20 a R29.

3.6 Critérios de inclusão e exclusão de dados

Os critérios de inclusão e exclusão dizem respeito às falas selecionadas ou não para a análise formal quantitativa. Outras falas que não obedeceram aos critérios podem, no entanto, ser consideradas na etapa qualitativa e contextual. Eles foram elaborados com o intuito de agrupar situações de fala semelhantes e sentenças com estruturas afins para uma análise mais acurada dos tópicos propostos. Assim sendo:

- Não foram incluídas palavras isoladas quando essas eram nomes (substantivos, adjetivos), pronomes não-pessoais (*esse, aquilo*, etc) ou verbos de ligação.
- Foram contadas palavras isoladas quando estas eram verbos no imperativo.
- Verbos no imperativo não foram contados como finitos, mas foram enquadrados na classificação ‘imperativos’ unicamente e suas estruturas de sujeito e objeto não foram contabilizadas, a não ser as orações inteiras encaixadas ou subordinadas nessas sentenças.
- Não foram contados verbos de ligação⁵⁴, nem seus sujeitos ou predicativos.
- Foram consideradas apenas as locuções verbais compostas de auxiliar+infinitivo pessoal em detrimento das compostas de auxiliar+gerúndio e auxiliar+particípio.
- Não houve distinção entre o emprego da conjugação de 2ª e 3ª pessoa do singular (ex: *Tu me amas* foi analisado da mesma forma que *Tu me ama*, não configurando erro quando a segunda forma fosse a escolhida), visto que na fala adulta as duas conjugações são usadas indiscriminadamente e neste trabalho se optou por verificar a adequação ao uso e não às normas gramaticais da fala culta.

⁵⁴ Optou-se por excluir das contagens e análises os verbos de ligação porque estes geram predicados nominais e, devido ao interesse desta pesquisa em analisar objetos, o recorte foi feito de modo a incluir apenas sentenças com predicação verbal.

- Não foram consideradas estruturas como aquelas iniciadas pelos verbos *haver* e *ter* no sentido de *existir*⁵⁵.
- Não foram consideradas as orações do tipo “sem sujeito”, como aquelas com verbos que designam fenômenos da natureza.

A seguir, serão apresentados e discutidos os resultados desta pesquisa.

⁵⁵ Optou-se por excluir das contagens as sentenças com esses verbos porque esse tipo de estrutura não serve de contexto para realização de pronomes pessoais.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Este capítulo é composto por três seções de apresentação de dados e análises: 4.1, dos verbos, seus tempos e concordâncias; 4.2, do preenchimento ou não das posições de sujeito e do uso de pronomes pessoais nessas posições; e 4.3, do preenchimento ou não das posições de objeto e do uso de pronomes pessoais nessas posições. Em cada uma dessas seções, há tabelas com os dados dos participantes, que buscam responder às perguntas previamente expostas no item 3.4; uma curta explanação acerca dos achados; e as análises que propõem um mapeamento das etapas da aquisição baseadas na compilação dos dados dos 3 participantes na MD. Em uma seção final, na 4.4, é apresentado em forma de quadro o mapa da aquisição dos pronomes e da flexão verbal, com um resumo dos achados em organização cronológica.

4.1 A chegada dos verbos, seus tempos e concordâncias

A importância das relações entre a aquisição da flexão verbal e a aquisição das formas pronominais já foi discutida na seção 1.3. Estudos como Schütze e Wexler (1996), Vainikka (1994) e Pohlmann-Bulla (2008; 2009), entre outros, já discutiram essas relações. Tudo está centrado no verbo, e sua chegada representa um marco fundamental na aquisição da estrutura morfossintática; logo, registrar quantitativamente a aquisição das formas pronominais sem apresentar uma referência clara do ponto de aquisição verbal em que se encontravam os sujeitos no momento das coletas de dados traria resultados, no mínimo, descontextualizados.

As Tabelas 1, 2 e 3 respondem a questões relacionadas à finitude verbal e ao tempo e são compostas por 3 colunas de dados cada. Na Tabela 1, cada coluna corresponde a uma das seguintes questões: da amostra total de verbos encontrados em cada grupo de arquivos que se enquadram nos critérios descritos na seção 3.5, quantos verbos seriam finitos⁵⁶ em um similar contexto de fala adulta? Quantos são finitos? Quantos são infinitivos?

⁵⁶ Finitude diz respeito à presença de qualquer flexão, em concordância ou não com o sujeito contextual ou gramatical. Um verbo finito é um verbo que contém o traço [+AGR].

Tabela 1 – Quantidade de verbos finitos e infinitivos produzidos em contextos finitos

Participante	Arquivos	Seriam finitos na fala adulta	São finitos	São infinitivos
Tati	T1 - T9	105	98	7
	T10 - T19	290	283	7
	T20 - T29	474	463	11
João	J1 - J9	21	20	1
	J10 - J19	85	77	8
	J20 - J26	193	186	7
Rafael	R1 - R9	68	68	0
	R10 - R19	207	197	10
	R20 - R28	294	280	14

Fonte: A autora

Crianças em fase de aquisição de línguas como o inglês, o francês e o alemão apresentam um Estágio de Infinitivos Opcionais – *OI Stage* –, em que produzem infinitivos de raiz de forma alternada com verbos finitos (WEXLER, 1994; 1998). Na aquisição do PB, esse fenômeno parece não acontecer. Conforme se pode ver nos dados dos 3 participantes, desde o início, os verbos aparecem flexionados em mais de 90% das vezes em que o contexto seria de uso de flexão. Tati apresenta mais de 93% dos verbos flexionados já no primeiro grupo de arquivos; João 95%; e Rafael 100%.

A ausência de flexão verbal em contextos onde esta é requerida tem uma característica constante e uniforme nos dados das 3 crianças: em todas as vezes o verbo infinitivo parece fazer parte de uma locução verbal em que o verbo auxiliar está ausente. Para o exame, foi retirada uma amostra de fala com trecho de contexto⁵⁸ de cada um dos 3 participantes:

22a

Tati: Fechá! [um objeto com tampa]

Mãe: ãh?

Tati: Fechô. Fechô! Fechei fechada. [repete]

(Tati – T7 – 1;10)

⁵⁸ Em linhas gerais, a amostra de contexto de uma determinada fala do participante consistirá em uma fala anterior e/ou uma fala posterior de seu interlocutor.

22b

Mãe: (...) olha aqui ó deixa eu apertar, esse aqui também faz barulho ó.

João: Fazê. Apertá a bolinha!

(João – J5 – 1;9)

22c

Mãe: Ai Gagá de Deus! Pára aí.

Rafael: Fazê um desenho

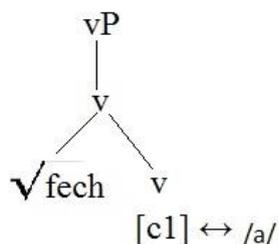
Mãe: Gagá de Deus!

(Rafael – R10 – 2;0:28)

Como se pode ver, o infinitivo empregado pelas crianças parece cumprir função de verbo principal (logo, adequadamente não flexionado) em uma locução verbal onde um verbo auxiliar⁵⁹ de volição ou intenção provavelmente o acompanharia em um contexto similar de fala adulta. Na fala de Tati, uma construção possível seria *vou fechar*; na fala de João, *quero fazer*, *quero apertar a bolinha*; e na fala de Rafael, seria possível a construção *vou fazer*. Assim sendo, após a verificação de que todos os contextos de verbo infinitivo em lugar de finito apresentam essas características, conclui-se que a omissão do auxiliar pode ser considerada omissão flexional, visto que, em uma construção perifrástica desse tipo, a função do auxiliar é carregar as marcas flexionais.

O futuro pragmático percebido no discurso infantil das amostras apresentadas em 22 não é verificável através de traços gramaticais e, nos termos da MD, pode-se perceber em 22a apenas 2 nós terminais gerados na sintaxe e preenchidos por itens lexicais, conforme Figura 11 a seguir:

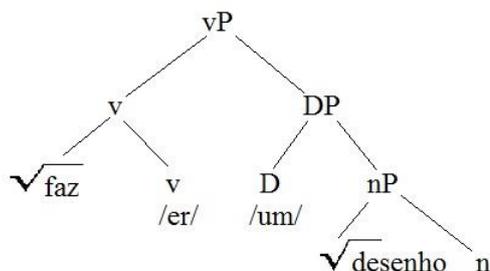
⁵⁹ O termo *auxiliar* nesta pesquisa é utilizado genericamente para o primeiro verbo de uma locução verbal de acordo com a nomenclatura da Gramática Tradicional. Lobato (1975, p. 27) já reconhecia o problema do inventário dos auxiliares gerado por sua complexidade e pela divergência nos critérios adotados por diferentes gramáticas, mas apresenta uma listagem desse inventário encontrado nas gramáticas tradicionais. Tem-se conhecimento de um trabalho bem recente sobre o assunto: Linguinho (2011), que traz uma proposta de análise Minimalista para a caracterização universal das propriedades dos verbos auxiliares. No entanto, o conceito de auxiliar de Linguinho (2011) exclui da lista o verbo *querer*. Como não se encontrou uma classe verbal que abarcasse os auxiliares (segundo análises da Gramática Universal) e outros verbos que atuam ao lado de infinitivos em construções perifrásticas (como o volitivo *querer*), optou-se por utilizar o inventário da Gramática Tradicional, mesmo reconhecendo seu caráter pouco criterioso e pouco específico.

Figura 11 – Estrutura morfossintática de infinitivo sem auxiliar⁶⁰

Fonte: A autora

Os indícios em 22a são de uma projeção em vP⁶¹ conforme a figura 11, sem marcas de tempo ou concordância: [-tempo, -AGR]. O único traço percebido além do verbalizador é o de classe [c1], responsável pela inserção do item /a/. As estruturas verbais similares mostradas em 22b e 22c trazem um nP como argumento interno do verbo (objeto direto), ainda com projeção em nível de vP, conforme representa a Figura 12:

Figura 12 – Estrutura morfossintática em vP com nP interno



Fonte: A autora

Aqui, o verbo também apresenta somente o traço de classe [c2], estando subespecificado para [tempo] e [AGR]. A diferença é a projeção do DP-argumento *um*

⁶⁰ A percepção de que se trata de uma forma do infinitivo se dá através da acentuação da palavra. A tônica na vogal final /a/ é característica de produção verbal infinitiva, enquanto que a tônica na primeira sílaba e a abertura do /e/ para /ɛ/ são características da 3ª pessoa do singular no presente do indicativo.

⁶¹ As letras minúsculas utilizadas na representação dos núcleos dos sintagmas estão de acordo com a notação morfológica apresentada em Embick e Noyer (2007) e Marantz (2007): as chamadas “pequenas categorias”.

desenho, indício de que embora a criança não tenha produzido as categorias superiores, TP⁶² e agrP, ela produziu uma mais interna, o DP-objeto.

A Tabela 1 analisou a presença ou não de AGR quando este era requerido. Mesmo que se tenha incluído nessa observação também os verbos no Pretérito Perfeito, fez-se necessária uma contagem direcionada a eles a fim de que se verifique em que nível se dão as projeções da gramática em construção.

A Tabela 2 busca responder às seguintes questões: de todos os verbos que aparecem no *corpus* em contextos de situação passada com ação completa e que se enquadram nos critérios descritos na seção 3.5, quantos apresentam as marcas AGR de pessoa e tempo passado? Quantos apresentam as marcas de pessoa mas não as de tempo passado? Quantos não apresentam marcas de pessoa mas estão no Pretérito Perfeito⁶³?

Tabela 2 – Quantidade de verbos produzidos em contextos de Pretérito Perfeito com marcas de pessoa com e sem traço de passado

Participante	Arquivos	+AGR +Passado	+AGR -Passado	-AGR +Passado
Tati	T1 - T9	63	0	0
	T10 - T19	80	0	0
	T20 - T29	185	0	0
João	J1 - J9	8	0	0
	J10 - J19	55	0	0
	J20 - J26	107	0	0
Rafael	R1 - R9	22	0	0
	R10 - R19	52	0	0
	R20 - R28	75	0	0

Fonte: A autora

Verbos no passado aparecem de forma expressiva desde o primeiro arquivo para as 3 crianças pesquisadas. O aumento no emprego de verbos no pretérito perfeito verificado a cada grupo de arquivos para cada participante acontece de forma proporcional ao aumento de

⁶² Do inglês, *Tense Phrase*. O mesmo que Sintagma Temporal.

⁶³ Como já se observou que no pretérito perfeito ocorre fusão dos nós [T+AGR] e que essa fusão resulta na inserção de um único item vocabular, já está previsto que essa combinação (de passado sem AGR de pessoa) não é uma possibilidade de construção gramatical no PB (Ver seção 2.2).

emprego dos verbos geral, de acordo com observação informal por amostragem. Isso demonstra que desde o início, ao lado dos imperativos, os verbos no passado têm papel fundamental na fala infantil. No terceiro arquivo de Tati, T3, por exemplo, a menina utiliza 7 diferentes verbos: 2 no modo imperativo, 1 no presente do indicativo e 4 no pretérito perfeito. No quinto arquivo de Rafael, o menino se expressa com 3 verbos no imperativo, 3 no presente no indicativo, 4 locuções verbais indicando futuro e 4 verbos no pretérito perfeito. Mesmo João, que apresenta um volume de falas bem menor, utiliza 2 verbos diferentes no passado simples em seu oitavo arquivo, J8, para apenas 1 verbo no presente.

Na Tabela 2, está registrado que a flexão verbal de pessoa AGR está sempre presente nos contextos de passado e em todos esses contextos há marcas morfológicas do pretérito perfeito, indicando projeções em nível de TP.

A Tabela 1 demonstrou que as crianças observadas utilizaram verbos finitos na grande maioria dos contextos em que se exigia flexão; nas poucas vezes em que a flexão exigida não foi empregada a situação foi de produção de “infinitivo” em lugar de “auxiliar+infinitivo”, com omissão total do auxiliar.

A Tabela 3 busca responder a questões relacionadas ao uso do infinitivo em contexto em que esse provavelmente apareceria em um similar contexto de fala adulta: da amostra total de verbos encontrados em cada grupo de arquivos que se enquadram nos critérios descritos na seção 3.5, quantos verbos seriam infinitivos em um similar contexto de fala adulta? Quantos são infinitivos na fala da criança? Quantos são finitos?

Tabela 3 - Quantidade de verbos infinitivos e finitos produzidos em contextos infinitivos

Participante	Arquivos	Seriam infinitivos na fala adulta	São infinitivos	São finitos
Tati	T1 - T9	11	11	0
	T10 - T19	54	54	0
	T20 - T29	102	102	0
João	J1 - J9	0	0	0
	J10 - J19	5	5	0
	J20 - J26	37	37	0
Rafael	R1 - R9	34	34	0
	R10 - R19	60	60	0
	R20 - R28	99	99	0

Fonte: A autora

Os dados que preenchem a Tabela 3 revelam que as crianças estudadas não utilizam verbos flexionados em contextos em que verbos infinitivos seriam empregados em um contexto similar de fala adulta. Esse achado pode ser justificado nos termos da MD pelo caráter subespecificado do item vocabular que preenche essa posição no nó terminal, como na competição para a inserção da peça de vocabulário no contexto sintático abaixo, por exemplo:

23

Eu vou o outro de novo.

(Tati – T13 – 2;2)

tem-se os seguintes itens:

/acordo/ ↔ [v, c1, pres, 1, sing]

/acorda/ ↔ [v, c1, pres, 3, sing]

/acordar/ ↔ [v, c1]

Como os traços especificadores do nó terminal já foram preenchidos por um verbo auxiliar, o item requerido para a posição encontra-se subespecificado em relação aos outros itens que aparecem nessa competição. Os traços [tempo], [pessoa] e [número] entram, então, em conflito com os traços já preenchidos pelo item /vou/.

Na situação apresentada em 22, quando um verbo não-finito era empregado sozinho enquanto o auxiliar era omitido, essa eleição também representava uma situação de inserção de item menos específico. Sabe-se que itens vocabulares com traços conflitantes com os do nó sintático a ser preenchido não permitem uma inserção (Ver Ex. 23, acima); por outro lado, se itens subespecificados preenchem determinado nó em detrimento de outros mais específicos, pode-se concluir que não há no nó aqueles traços subespecificados no item. Logo, se justifica que um verbo não-finito (menos específico) possa ocupar uma posição de verbo finito (mais específico) mas o contrário não ocorra. McCarthy (2004) verificou que erros na produção de espanhol como segunda língua são primariamente erros de subespecificação e que esse padrão se sustenta para pessoa, número e flexão na morfologia verbal e também para a morfologia de gênero e número em determinantes (p. 11). Rus (2010) também verificou padrão similar ao investigar a aquisição do esloveno como primeira língua: verbos só com morfologia de classe, sem flexão de pessoa ou número apareciam inicialmente, assim como participípios presente e passado sem auxiliares; no entanto, verbos finitos não eram encontrados em contextos onde haveria uma forma não-finita na fala adulta.

Traçando-se um paralelo entre os achados registrados nas Tabelas 1, 2, e 3, pode-se afirmar que:

- O traço [AGR] já está presente na gramática das 3 crianças do *corpus* desde o primeiro arquivo (1;7 meses), confirmado por uma média de 95,7% de emprego adequado de verbos finitos.
- A ocorrência de verbos infinitivos em contextos finitos é baixa (média de 4,3%) e foi registrada somente para manifestar volição ou intenção, como em construções perifrásticas.
- Marcas morfológicas do pretérito perfeito foram verificadas em todos os verbos empregados em contextos passados, de pretérito perfeito.
- Não foram registrados empregos de verbos finitos em contextos de infinitivo, o que se propõe que seja justificado pela subespecificação do item verbal infinitivo: um item menos especificado pode até se eleger para um nó mais especificado, mas um item mais especificado terá sempre traços conflitantes com um nó sintático menos especificado.

Embora se possa demonstrar com os dados das Tabelas 1, 2 e 3 que os verbos no PB já apresentam alguma flexão desde o início da coleta, no presente e no passado, os dados das Tabelas 4 e 5 mostram que nem sempre essa flexão está de acordo com o sujeito contextual. A Tabela 4 refere-se ao emprego da flexão da 1ª pessoa do singular e busca responder às seguintes questões: da amostra total de verbos encontrados em cada grupo de arquivos que se enquadram nos critérios descritos na seção 3.5 e estariam flexionados na 1ª pessoa do singular em um similar contexto de fala adulta, quantos estão flexionados na 1ª pessoa do singular? Quantos estão flexionados na 3ª pessoa do singular? Quantos apresentam qualquer outro tipo de flexão?

Tabela 4 – Quantidade de verbos em 1ª e em 3ª pessoas produzidos em contextos de 1ª pessoa

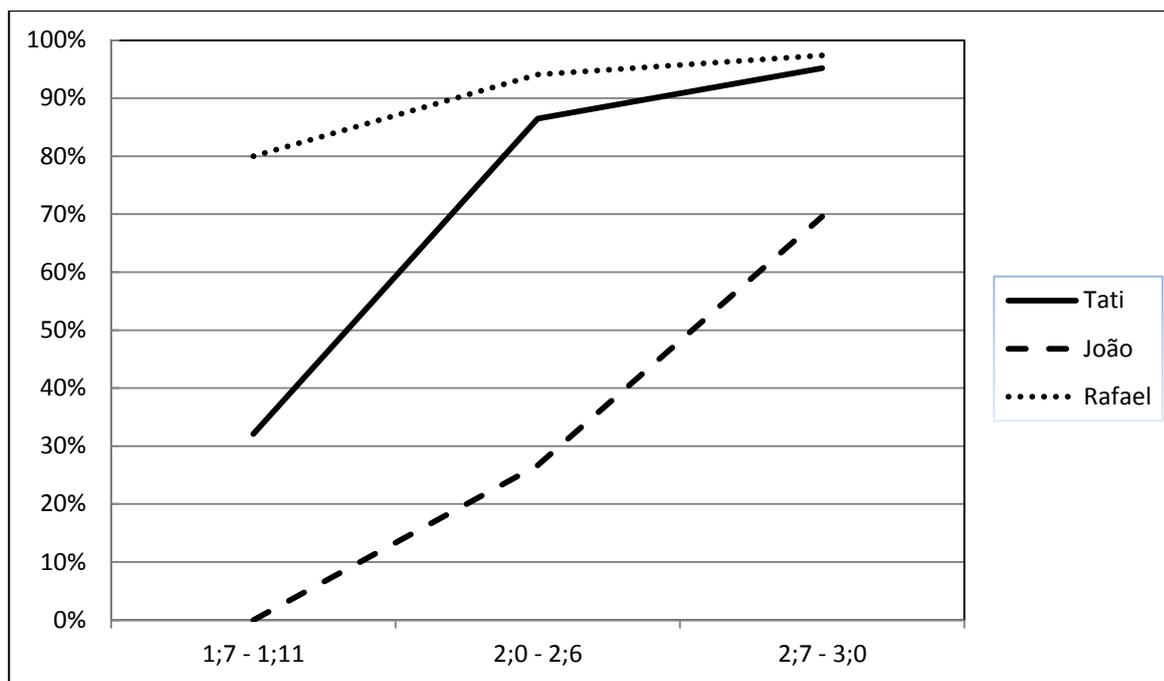
Participante	Arquivos	Estaríamos em 1ª p. sing. na fala adulta	Estão em 1ª p. sing.	Estão em 3ª p. sing.	Estão em outras pessoas
Tati	T1 - T9	53	17	36	0
	T10 - T19	148	128	20	0
	T20 - T29	251	239	12	0
João	J1 - J9	8	0	8	0
	J10 - J19	45	12	33	0
	J20 - J26	102	71	31	0
Rafael	R1 - R9	40	32	8	0
	R10 - R19	119	112	7	0
	R20 - R28	156	152	4	0

Fonte: A autora

Por meio dos dados da Tabela 4 acima, pode-se verificar que a flexão verbal na 1ª pessoa do singular não aparece em todos os contextos em que seria requerida e, em seu lugar, a flexão na 3ª pessoa é empregada. Também se pode notar pelos números que nenhuma outra flexão é utilizada: quando a flexão de 1ª pessoa não é empregada em um contexto em que seria a adequada, a flexão de 3ª pessoa do singular será a eleita. Esse fenômeno já havia sido observado no PB por Kato (1995; 2001) e aqui, em análise longitudinal e quantitativa, sua ocorrência pode ser acompanhada de forma ainda mais detalhada. Nos primeiros arquivos, o uso de 3ª pessoa em contexto de 1ª pessoa chega a 68% para Tati, 100% para João e 20% para Rafael. Ao longo do desenvolvimento, as crianças começam a empregar a 1ª pessoa com mais

frequência e, nos últimos arquivos, o uso de 3ª pessoa por 1ª representa apenas 4,8% para Tati, 30,4% para João e 2,6% para Rafael. Um gráfico pode facilitar a visualização do crescimento no emprego correto da 1ª pessoa do singular ao longo do desenvolvimento linguístico das 3 crianças estudadas:

Gráfico 1 – Crescimento do emprego adequado da 1ª pessoa do singular



Fonte: A autora

A primeira faixa etária, quando as crianças têm entre 1;7 e 1;11 meses, compreende os 9 primeiros arquivos de cada participante; a segunda, quando eles têm entre 2 e 2;6 meses, compreende os arquivos de números 10 a 19 de cada um; e na última faixa, entre os 2;7 meses e os 3 anos de idade, estão compreendidos os arquivos de 20 até 29 para Tati, até 26 para João e até 28 para Rafael.

No final da coleta, pode-se perceber que o emprego correto de 1ª pessoa aumenta significativamente para as 3 crianças, sendo que para Tati e Rafael o emprego adequado beira os 100%.

Ainda apresentando dados sobre emprego da flexão, há a Tabela 5. Essa tabela traz dados relativos ao emprego da flexão em contextos referenciais de 3ª pessoa do singular. Seus dados buscam responder às seguintes perguntas: da amostra total de verbos encontrados em cada grupo de arquivos que se enquadram nos critérios descritos na seção 3.5 e estariam flexionados na 3ª pessoa do singular em um similar contexto de fala adulta, quantos estão

flexionados na 3ª pessoa do singular? Quantos estão flexionados na 1ª pessoa do singular? Quantos apresentam qualquer outro tipo de flexão?

Tabela 5 – Quantidade de verbos em 3ª e em 1ª pessoas produzidos em contextos de 3ª pessoa

Participante	Arquivos	Estariam em 1ª p. sing. na fala adulta	Estão em 3ª p. sing.	Estão em 1ª p. sing.	Estão em outras pessoas
Tati	T1 - T9	46	46	0	0
	T10 - T19	119	119	0	0
	T20 - T29	192	192	0	0
João	J1 - J9	12	12	0	0
	J10 - J19	29	29	0	0
	J20 - J26	83	83	0	0
Rafael	R1 - R9	28	28	0	0
	R10 - R19	74	74	0	0
	R20 - R28	124	124	0	0

Fonte: A autora

A Tabela 5 demonstra que durante o período estudado as crianças empregaram adequadamente a flexão de 3ª pessoa do singular em todas as vezes que esta foi requerida pelo contexto sintático.

Conforme já sugerido por Kato (1999), entende-se nesta tese que a flexão verbal de 3ª pessoa é uma marca *default* no PB. Grinstead (1998; 2000) também já havia proposto que a flexão verbal de 3ª pessoa é uma flexão *default* para as línguas românicas. Mas o que isso significa em uma análise com base na teoria da MD? Seguindo Bassani e Lunguinho (2011, p. 12), tem-se que para as 3 pessoas do singular do PB, em todas as classes verbais, ocorre fusão dos núcleos v, T e AGR em um único nó terminal que será preenchido por um único item de vocabulário (Ver esquema da fusão na seção 3.2). Assim, o item a ser inserido no nó AGR deve conter os traços: [classe], [tempo], [pessoa] e [número], como verificável na amostra de fala abaixo:

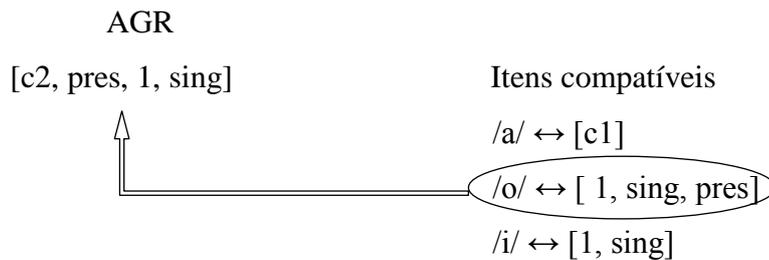
24

Tati: Aí. **Quero** vê. **Qué** vê. Qué vê. Qué vê.

(Tati – T6 – 1;10)

O verbo *querer*, um dos mais frequentes na fala das crianças, aparece nessa fala flexionado em 1ª pessoa e, logo em seguida, em 3ª pessoa. O uso alternado é característico da fase e já foi verificado nos números da Tabela 4. A inserção da peça /o/ no primeiro emprego verbal dessa sequência é aqui representada:

25



O item /o/ aparece subespecificado para classe porque a mesma peça pode ser inserida para as três classes verbais e é o eleito nessa competição por ser o item que compartilha o maior número de traços com o nó terminal AGR. O segundo emprego verbal em negrito na sequência apresentada em 24 está flexionado para a 3ª pessoa. O item que preenche AGR nesse caso é o morfema zero /∅/. Como o nó AGR a ser preenchido é parte do mesmo contexto (a menina continua falando dela mesma, logo, em primeira pessoa), busca-se formalizar através da teoria a inserção do morfema flexional de 3ª pessoa, já que a inserção do item representado à direita parece incompatível com os traços do nó AGR representados à esquerda:

26



A incompatibilidade nesse caso se dá porque o traço de pessoa do item entra em conflito com o traço de pessoa do nó. Assim, propõe-se nesta tese que a flexão de 3ª pessoa tem a característica de ser menos especificada, não apresentando o traço de pessoa. Então, se um nó é derivado pelo componente sintático em situação de subespecificação para o traço de [pessoa], o item menos específico da competição que compartilhar o maior número de traços com o nó terminal sintático será o eleito (HALLE & MARANTZ, 1994, p. 276). Segundo Bonet (1991), a 3ª pessoa do singular poderia ser chamada de não-pessoa, enquanto apenas a 1ª e a 2ª pessoas teriam seus traços representados: a 1ª pessoa como [+pessoa]; a 2ª como

[-pessoa] e a 3ª com o morfema [∅]. A representação binária já havia aparecido em Benveniste (1966).

Assim como em algumas línguas há uma fase em que infinitivos de raiz são utilizados pelas crianças em alternância com verbos flexionados (*OI Stage*), no PB a flexão de 3ª pessoa é empregada em alternância com a flexão de 1ª pessoa no período de aquisição. Com base na MD e nos dados até aqui analisados, propõe-se então que entre os 1;7 meses e os 3 anos de idade há duas disponibilidades de derivação para o nó sintático AGR: com e sem especificação de pessoa. O esquema de representação para o presente do indicativo do verbo *querer* é apresentado no Quadro 5 a seguir:

Quadro 5 - Presente do indicativo do verbo *querer*

Nó terminal	Item de vocabulário
[pres, 1, sing]	/o/ ↔ [1, sing, pres]
[pres, sing]	/∅/ ↔ [pres, sing]

Fonte: A autora.

Na primeira linha, o nó terminal é especificado para 1ª pessoa, logo, o item inserido tem esse traço e forma o vocábulo *quero*; na segunda linha, está o nó sem especificação de pessoa, então, o item inserido não terá essa especificação, formando o vocábulo *quer*.

Nas contagens da Tabela 4, que inclui também verbos no passado simples, verificou-se que os verbos nesse tempo também aparecem com flexão de 3ª pessoa em vez de 1ª pessoa⁶⁴. O exemplo contextualizado abaixo é de João:

27

Mãe: Ah, tu vai passá por cima do teu brinquedo é?

João: **Passô.**

Mãe: Passô? Já vi que tu passô... Traz aqui pra mim esse brinquedo pra gente montá senão vai estragá.

(João – J12 – Aprox.2;0)

⁶⁴ Importante salientar que, embora não se tenha feito contagens de frequência nesta pesquisa, verificou-se que quase todos os verbos flexionados utilizados pelos participantes estão no pretérito perfeito; consequentemente, quase todos os verbos que não apresentam a flexão de 1ª pessoa em contextos em que essa é requerida também têm o traço [pass]. Verbos no presente são escassos nos dados dos 3 participantes. O verbo *querer* é o campeão de aparições, especialmente nas situações de discordância com o sujeito nulo de 1ª pessoa, e por isso foi o primeiro verbo escolhido para análise da concordância pessoal.

Reiterando a seção 2.2, de acordo com Bassani e Lunguinho (2011), na formação do pretérito perfeito há fusão dos núcleos de T e AGR em todas as pessoas do paradigma, mas o traço de classe é sempre inserido. No passado, há também a atuação de operações fonológicas que modificam os itens correspondentes aos traços de classe no componente FF (Forma Fonética). Abaixo, o quadro com o esquema de representação com e sem a especificação de pessoa no nó terminal de concordância, a inserção dos itens correspondentes e a regra fonológica aplicada por FF:

Quadro 6 – Inserção de itens vocabulares do verbo *passar* no Pretérito Perfeito

Nós terminais	Itens de vocabulário	Regras fonológicas
[c1] + [past, 1, sing]	/a+/i/ = /passai/	Alçamento de /a/ para /e/, condicionado pela presença de /i/ = /passei/
[c1] + [past, sing]	/a+/u/ = /passau/	Alçamento de /a/ para /o/, condicionado pela presença de /u/ = /passou/

Fonte: A autora

Como se pode ver no quadro acima, quando o nó terminal AGR contém a especificação de pessoa em um contexto sintático como o da fala de João (contexto de 1ª pessoa), o item inserido será o /i/ que representa a concordância na 1ª pessoa singular do pretérito perfeito e o resultado será o vocábulo /passei/; quando o nó terminal AGR aparece subespecificado para pessoa o item *default* /u/ é inserido e o resultado será o vocábulo /passou/.

Assim, com base nos dados registrados nas Tabelas 4 e 5, pode-se afirmar que:

- No período analisado, as crianças utilizam marcas flexionais iguais às de 3ª pessoa em contextos de 1ª pessoa.
- O emprego de 3ª pessoa em lugar de 1ª pessoa foi registrado em alternância com o emprego adequado de 1ª pessoa e foi diminuindo na fala das 3 crianças ao longo do período analisado, conforme Gráfico 1.
- O uso da flexão de 3ª pessoa em contexto de 1ª pessoa também acontece com verbos no Pretérito Perfeito.

- Afora a flexão de 3ª pessoa, não há registros de uso de outras flexões em contextos de 1ª pessoa.
- Não há registros de uso de outras flexões quando o contexto é o de 3ª pessoa.

As Tabelas de 1 a 5 servem de base para o desenho das árvores morfossintáticas que representam as possibilidades das Gramáticas das crianças participantes neste estudo no que se refere ao comportamento flexional do verbo. Tomando-se as amostras de fala abaixo apresentadas,

28a Mãe: Não precisa tirá.

Rafael: Torá, tirá. **Tirá**, tirá, **tirô**.

(Rafael – R15 – 2;3)

28b Mãe: Ah! muito bem!

João: **Vai** pegá.

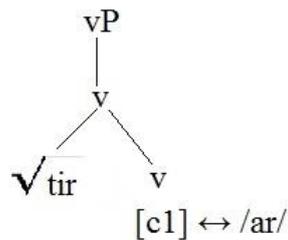
(João – J15 – 2;4)

28c Tati: **Qué**.

(Tati – T3 – 1;8)

são verificadas as seguintes arquiteturas possíveis:

Figura 13 – Verbo no infinitivo sem verbo auxiliar

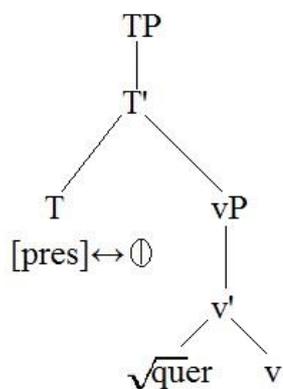


Fonte: A autora

Nota: Refere-se ao primeiro verbo destacado em 28a.

Em 13, não há indícios morfológicos ou sintáticos de tempo nem de pessoa. Assim, se considera que a projeção se dá apenas em vP com o radical e com o traço de classe no verbalizador.

Figura 14 – Verbo na 3ª pessoa em contexto de 1ª pessoa



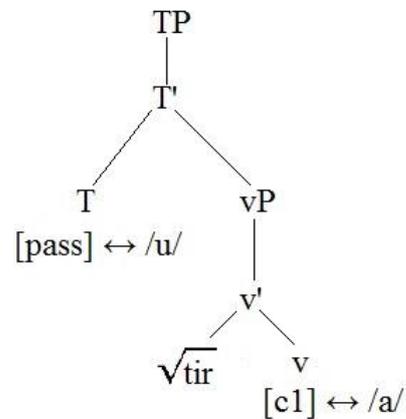
Fonte: A autora

Nota: Refere-se ao verbo destacado em 28c.

Essa produção do verbo *querer* com flexão de 3ª pessoa foi encontrada de forma muito expressiva na fala das 3 crianças. Conforme a discussão previamente apresentada, considera-se que a não concordância da flexão com o sujeito contextual pode ser vista como indício de subespecificação do traço de pessoa. Assim sendo, sugere-se que a projeção desse tipo de estrutura se dê no nível de TP⁶⁵. Como mostrado na análise de Bassani e Lunguinho (2011), no tempo presente, há fusão dos núcleos [V+T+AGR] e o traço de classe é subespecificado; e no pretérito perfeito há fusão de [T+AGR] e o traço de classe é inserido. Para outros radicais, mais regulares que o do verbo *querer*, a não marcação do traço de classe já seria um indício de que a produção representada na Figura 14 está no tempo presente, visto que ali esse traço foi suprimido. Considerando a irregularidade de *querer*, cujo radical no pretérito perfeito muda para \sqrt{quis} , pode-se dizer que a forma produzida tem o traço de [pres]. Resumindo, há duplo indício para a afirmação: se as crianças trataram o verbo em questão como regular, a supressão de [c2] indica que o verbo está no presente; se as crianças têm internalizada a irregularidade de *querer*, a escolha do radical \sqrt{quer} em detrimento de \sqrt{quis} também indica que o verbo está no presente.

⁶⁵ Do inglês, *Tense Phrase*. Refere-se a Sintagma Temporal.

Figura 15 – Verbo na 3ª pessoa em contexto passado de 1ª pessoa



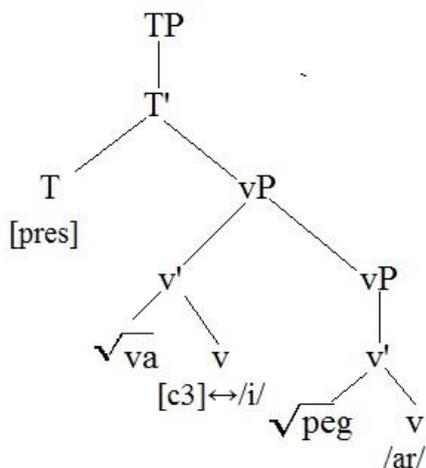
Fonte: A autora

Nota: Refere-se ao segundo verbo destacado em 28a.

A produção ilustrada pela Figura 15 corrobora a análise da estrutura anterior, visto que aqui, apesar da não concordância de pessoa, há fortes evidências da presença dos traços que indicam o pretérito perfeito. Por conseguinte, considera-se também aqui a projeção em nível de TP. Como a fusão dos traços de [T+AGR], característica da formação do pretérito perfeito, resulta no nó AGR, projetado em AgrP uma categoria acima de T, a ausência de AGR nesta produção pode significar que se trata de uma projeção pré-fusão, em que o traço de [tempo] continua no nó T.

Como para o pretérito perfeito o traço de [classe] é inserido, o traço [c1] faz com que o item /a/ seja inserido e o traço [pass] faz resultar na inserção de /u/. Então, no componente fonológico, /a/ é alçado para /o/ condicionado pela presença de /u/ (Ver Bassani e Lunguinho, 2011, p. 25).

Figura 16 – Verbo no infinitivo com auxiliar na 3ª pessoa em contexto de 1ª pessoa



Fonte: A autora

Nota: Refere-se à locução verbal destacada em 28b.

A arquitetura apresentada na Figura 16 ainda parece uma projeção em TP, visto que, embora presente o auxiliar como um novo passo ao representado na Figura 13, a flexão de 1ª pessoa não aparece. No exame dessa estrutura, observa-se um verbo auxiliar de natureza irregular (*ir*) e um verbo no infinitivo (*pegar*). O radical do verbo *ir* pronunciado é /va/, eleito já pelo contexto do traço [pres]⁶⁶. O verbo *pegar* nasce em contexto de verbo principal de locução verbal e mantém as características idênticas às da produção adulta, sem marcas morfológicas de tempo ou pessoa.

Nesta seção, pode-se verificar duas das hipóteses inicialmente propostas no item 3.3 desta tese. A primeira diz respeito ao início do emprego flexional: foi confirmado que a flexão verbal de 3ª pessoa é a primeira marca flexional a figurar nas falas das 3 crianças, mesmo que em discordância do sujeito contextual. Todas as vezes em que o contexto é de 3ª pessoa, o verbo aparece com flexão de 3ª pessoa. A segunda hipótese, também confirmada, é a de que existe um período na aquisição do PB em que as crianças utilizam a flexão verbal de 3ª pessoa em contextos de 1ª pessoa.

Com base nesses achados compreende-se que a marca flexional de 3ª pessoa é uma marca *default* e, por isso, se sugere, no termos da MD, que quando a flexão verbal não concorda com o sujeito discursivo é porque o feixe de traços que compõem AGR não contém

⁶⁶ No presente do indicativo, o radical do verbo *ir* é /va/; no pretérito perfeito, o radical é /fo/ (Ver Freitas, 2007, p. 136 e 132, respectivamente).

o traço [pessoa]. Por conseguinte, propõe-se que a projeção das orações discordantes seja em TP, em situação de pré-fusão de [V+T+AGR] no presente e de [T+AGR] no pretérito perfeito.

A seguir, são apresentados os achados sobre o preenchimento das posições de sujeito que ajudarão na compreensão dos paradigmas flexionais e pronominais na aquisição do PB.

4.2 Pronomes subjetivos: presença, ausência e caso

Um dos fenômenos mais estudados na história da aquisição sintática, principalmente da Sintaxe Gerativa, é o sujeito nulo. Na aquisição do PB, o tema é desenvolvido em Simões (1997), com uma intensa revisão teórica e um estudo de caso; em Lopes (2003), também com o estudo de uma só criança, porém em período longitudinal semelhante a esta pesquisa (de 1;9 a 3 anos); em Gonçalves (2004), que compara a aquisição de sujeitos plenos e nulos no PB e no PE; e em Magalhães (2006), também na comparação entre PB e PE (ver seção 1.4). Nesta tese, procura-se identificar e quantificar os contextos de sujeito nulo a fim de se observar o início das manifestações dos pronomes pessoais e examinar a arquitetura das estruturas gramaticais das 3 crianças do *corpus* no que tange à expressão de sujeitos representados por pronomes pessoais.

Há várias teorias que comparam a distribuição de sujeitos explícitos com a omissão de sujeitos e muitas hipóteses e especulações são levantadas acerca do variado comportamento gramatical infantil para essa distribuição na aquisição de diferentes idiomas. Embora os achados apresentados aqui possam de fato contribuir para esse tipo de investigação, o sujeito nulo não é, em si, o foco desta tese. A ausência de sujeitos gramaticais nas falas das crianças serve de pista para o desenrolar dos traços e categorias presentes nas Gramáticas em construção e para o reconhecimento dos atribuidores do caso morfológico dos pronomes pessoais na posição de sujeito sintático.

A Tabela 6 quantifica a distribuição dos tipos de sujeitos e busca responder às seguintes questões: da amostra total de sentenças encontradas em cada grupo de arquivos que se enquadram nos critérios descritos na seção 3.5, quantas sentenças apresentam sujeitos pronominais singulares de 1ª pessoa? Quantas apresentam sujeitos pronominais singulares de 3ª pessoa? Quantas apresentam outros sujeitos de pronomes pessoais? Quantas sentenças têm sujeito nulo em contextos singulares de 1ª pessoa? De 3ª pessoa? De outras pessoas? Quantas

sentenças apresentam qualquer outro tipo de sujeito que não o pronominal pessoal e não o nulo⁶⁷?

Tabela 6 – Tipos de sujeitos produzidos: quantidade de pronomes pessoais, nulos e outros

Participante	Arquivos	Pronomes Pessoais			Nulos			Outros		
		1 sing	3 sing	outras	1 sing	3 sing	outras	1 sing	3 sing	outras
Tati	T1 - T9	4	0	0	49	29	0	0	16	0
	T10 - T19	94	34	14	56	43	1	0	38	0
	T20 - T29	120	64	14	132	82	7	0	46	0
João	J1 - J9	0	0	0	8	11	0	0	1	0
	J10 - J19	0	0	0	45	28	1	0	2	0
	J20 - J26	3	19	0	69	44	1	0	17	1
Rafael	R1 - R9	21	8	0	21	14	0	0	7	0
	R10 - R19	68	21	6	55	26	5	0	20	0
	R20 - R28	82	29	12	79	41	2	0	41	0

Fonte: A autora

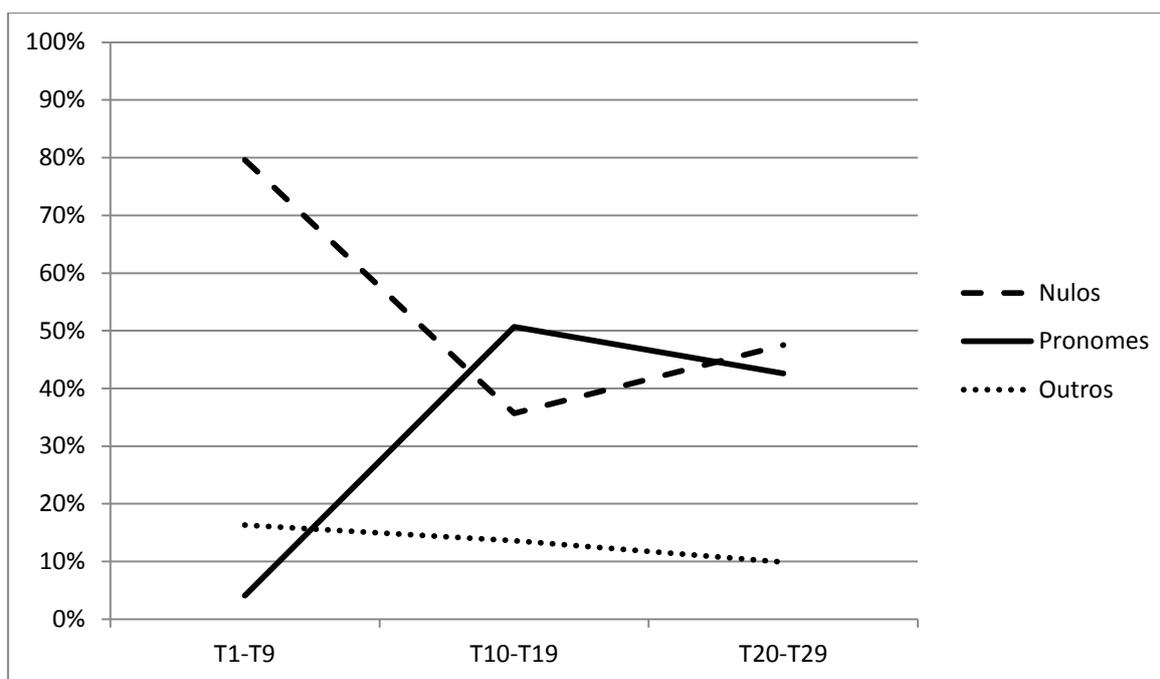
Os dados a respeito dos tipos de sujeito conseguem registrar o começo do emprego de sujeitos pronominais para Tati e João. No primeiro grupo de arquivos do menino, ainda não é detectado emprego pronominal, enquanto que no da menina são verificadas apenas 4 ocorrências, todas de 1ª pessoa. O outro menino, Rafael, se encontra em um nível estabilizado de produção pronominal pessoal já no primeiro grupo de arquivos, considerando-se as relações entre os números dos 3 grupos de arquivos dessa criança, os últimos arquivos de Tati e os dados dos estudos de Simões (1997) e Magalhães (2006).

Pode-se confirmar pelos dados iniciais de Tati e João que a maioria dos sujeitos contextuais são nulos antes da aquisição de pronomes pessoais, em torno de 80% para Tati e 95% para João. Na seção 4.1, as amostras 24, 27 e 28 são exemplos de orações de sujeito nulo e as árvores das Figuras 14, 15 e 16 representam esse tipo de oração.

⁶⁷ Essa questão envolve os sujeitos plenos com NPs substantivos, pronomes demonstrativos, numerais, entre outros.

Para melhor se visualizar quando o emprego de sujeitos nulos começa a se equiparar com o emprego de pronomes pessoais nessa posição, foram criados gráficos. Os gráficos 2, 3 e 4, abaixo, relacionam o emprego de sujeitos pronominais, nulos e outros tipos ao longo do período. O primeiro contém os dados de Tati, o segundo, de João e o terceiro, de Rafael:

Gráfico 2 – Empregos de sujeitos pronominais pessoais, nulos e outros por Tati



Fonte: A autora

O gráfico de Tati é o mais abrangente dos 3, visto que registra o começo do processo de aquisição e a estabilização do emprego dos pronomes pessoais. Pode-se observar aqui as tendências de diminuição da porcentagem de sujeitos nulos e de aumento de sujeitos pronominais, enquanto que os sujeitos plenos e outros se mantêm entre 10 e 20%. Nos arquivos T20 a T29, pode-se notar um equilíbrio entre o emprego de sujeitos nulos e pronominais.

Quando os sujeitos de Tati passam a ser expressos gramaticalmente, a flexão verbal já é empregada adequadamente. Na seção anterior, observou-se que a flexão de 3ª pessoa era usada em contextos de 1ª pessoa; no entanto, essas ocorrências se davam quase que integralmente em orações de sujeito nulo. Conforme observado em Pohlmann-Bulla (2009), o começo das manifestações pronominais de Tati já acontece em ambiente de verbo flexionado e em concordância com o sujeito de 1ª pessoa. Seguem abaixo exemplos das 2 primeiras aparições de pronomes de Tati, no T7:

29a Eu vi.

29b Eu vou passear.

(Tati – T7 – 1;10)

Das 220 ocorrências do pronome *eu* na posição de sujeito, em apenas 3 a flexão do verbo não concordava com o sujeito, o que representa 1,4%. A flexão de 3ª pessoa foi empregada nas 3 amostras em 30:

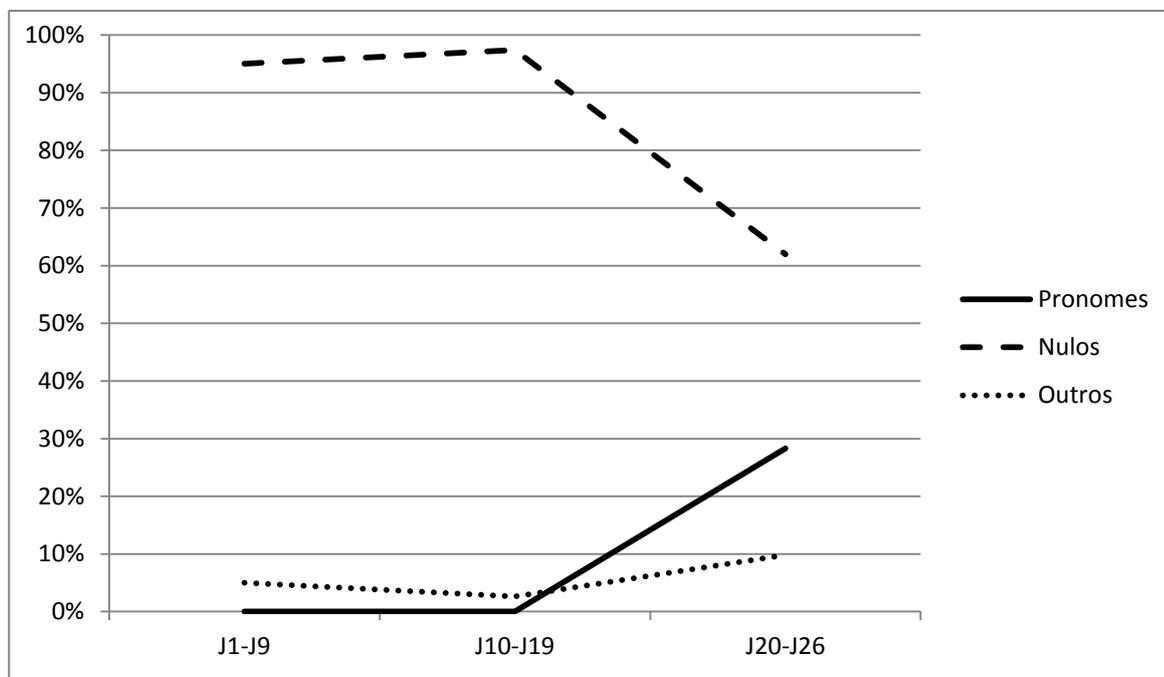
30a Eu fez a dodói na bacinha. (Tati – T11 – 2;0)

30b Eu tem dois. (Tati – T13 – 2;2)

30c Eu comeu o pequenininho. (Tati – T15 – 2;3)

Os dados registrados no gráfico de João apontam um período mais inicial da aquisição de pronomes pessoais subjetivos, quando o emprego de sujeitos nulos ainda está próximo de 100%:

Gráfico 3 – Empregos de sujeitos pronominais pessoais, nulos e outros por João



Fonte: A autora

Assim como se observou para Tati, as tendências de diminuição no emprego de sujeitos nulos e de aumento no emprego de pronomes pessoais nessa posição são também evidentes no gráfico de João (observar trecho de J10-J19 a J20-J26). O movimento das linhas dos nulos e pronominais é em direção à faixa que compreende as porcentagens entre 40% e 60%. O emprego de outros tipos de sujeito também se direciona a uma estabilização parecida com a verificada no gráfico de Tati (entre 10% e 20%).

Quando o pronome de 1ª pessoa começa a aparecer na fala de João, em J20, ao contrário do que acontece para Tati, o pronome *eu* vem acompanhado de um verbo flexionado para a 3ª pessoa. As duas primeiras ocorrências são:

- 31a Eu vai guardar.
31b Eu qué abrir esse.

(João – J20 – Aprox.2;7)

Interessante observar, no entanto, uma sequência de falas do menino no final do J21:

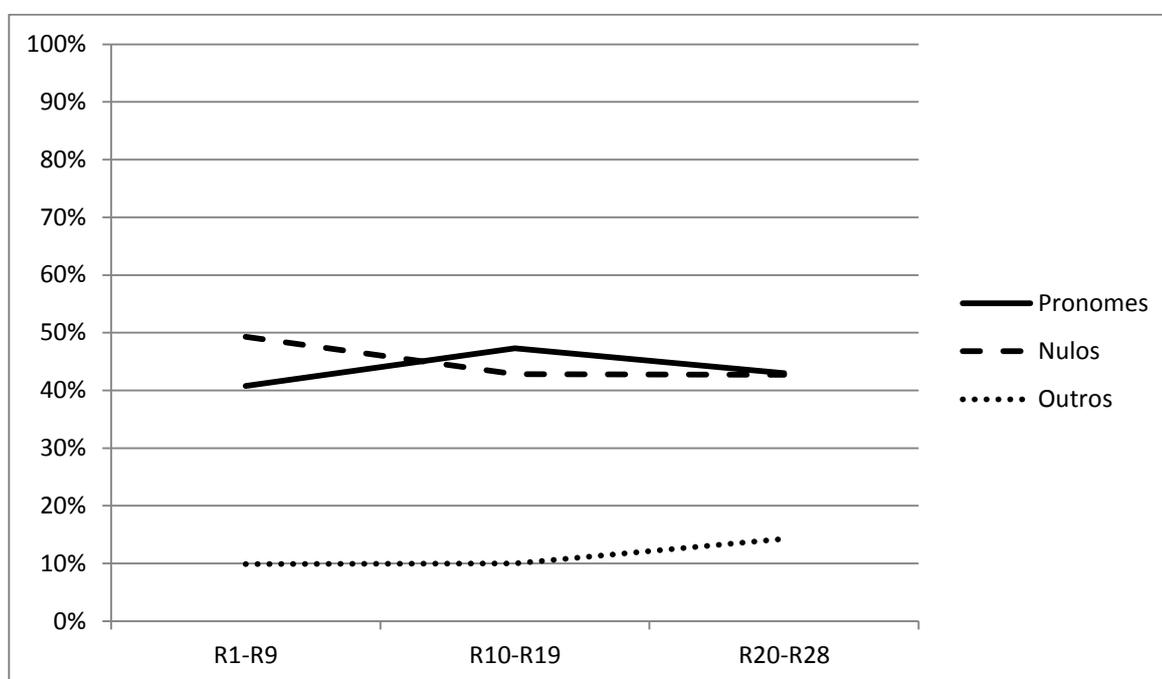
- 32a João: O pai, **que vê** o pai.
Mãe: O pai foi lá na mama, daqui a pouco ele já vem.
32b João: **Qué** o meu pai.
Mãe: Quem que tu tá vendo aqui?
32c João: **Eu vô** lá no meu pai.
(...)
32d João: **Qué** meu pai, qué meu pai, qué meu pai.
Mãe: O pai saiu ele foi lá na mama e daqui a pouquinho ele tá voltando.
32e João: **Qué** meu pai, qué meu pai.
Mãe: Ele foi lá na mama, daqui a pouquinho ele tá aí, onde é que ele foi?
João: Ele foi na mama.
Mãe: Isso, onde é que a mama tá?
João: No hospital.
(...)
João: O meu pai.
Mãe: Ele já vem
32f João: **Qué** meu pai
(...)
32g João: **Eu acho**.
Mãe: O pai já vem.
Mãe: Tu contou pra Denise que os brinquedinhos que o mano tá brincando eram teus.
Mãe: Tu tá com sono né João.
Mãe: Tu qué i lá ficá do lado do mano?
32h João: **Eu quero** o pai.

(João – J21 – 2;8)

Pode-se notar ao longo do trecho o seguinte padrão: quando o menino não expressa gramaticalmente o sujeito, o verbo é flexionado para 3ª pessoa; quando o pronome reto *eu* aparece, o verbo que o acompanha está flexionado para a 1ª pessoa. Com base na consistência dos exemplos de 32 e em outros encontrados nos dados de João, conclui-se que a tendência observada nas falas de Tati com relação à expressão do sujeito pronominal e a flexão verbal concordante se mantém para João.

Os dados de Rafael trazem uma gramática mais amadurecida no que tange à aquisição pronominal:

Gráfico 4 – Empregos de sujeitos pronominais pessoais, nulos e outros por Rafael



Fonte: A autora

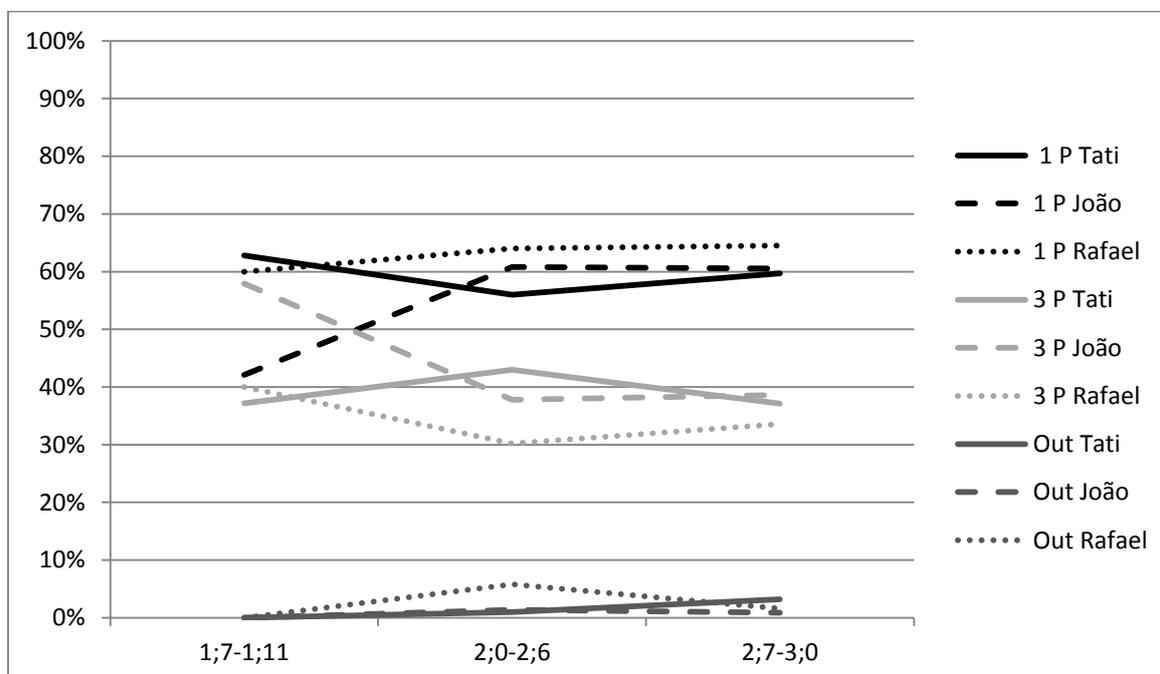
A produção de sujeitos pronominais e nulos já se encontra entre as faixas de 40% e 50% logo no primeiro arquivo de Rafael, o que, com base nos dados dessa pesquisa e também de Simões (1997), acredita-se que seja um nível de estabilidade. Sobre o estudo de caso apresentado em Simões, a autora revela que a gramática do sujeito de sua pesquisa já se encontrava altamente desenvolvida no início da coleta de dados (SIMÕES, 1997, p. 202-203); a média de produção de sujeitos nulos referenciais é de 46,2%; de pronomes pessoais subjetivos é de 29,6%; e de NPs plenos é de 10,5% (p. 163). Em Magalhães (2006), as porcentagens de sujeitos nulos para as crianças brasileiras no último arquivo de cada uma é de 39,7% e 35,6% e de sujeitos pronominais é de 46,5% para a primeira e 40,5% para a segunda

criança, números que também podem ser considerados como representantes de um nível de estabilidade na produção de sujeitos.

Foi encontrada nos dados de Rafael apenas uma ocorrência de sujeito pronominal de 1ª pessoa com verbo em 3ª pessoa. Como as produções do pronome *eu* subjetivo aparecem em grande número em seus dados (são 174 registros), essa ocorrência isolada acaba sendo responsável por apenas 0,58% das ocorrências. Para todas as outras vezes que o menino expressou qualquer sujeito, o verbo aparecia adequadamente flexionado.

Depois da análise geral dos tipos de sujeito, pode-se lançar um olhar mais detalhado para observar a referenciação desses sujeitos. Como se constatou que o primeiro tipo a figurar na fala infantil é o nulo, se passará então à análise dos contextos pessoais dos sujeitos omitidos. Foi montado um gráfico que apresenta as porcentagens de sujeitos nulos que se referem à 1ª pessoa do discurso, à 3ª e a outras pessoas; o gráfico sobrepõe os dados dos 3 participantes a fim de se verificar as similitudes entre as produções e apresenta as porcentagens do emprego de nulos em três tipos de contexto pessoal, pois estes ocupam diferentes áreas do gráfico, o que não prejudica a visualização.

Gráfico 5 – Sujeitos nulos na 1ª, na 3ª e nas outras pessoas do discurso



Fonte: A autora

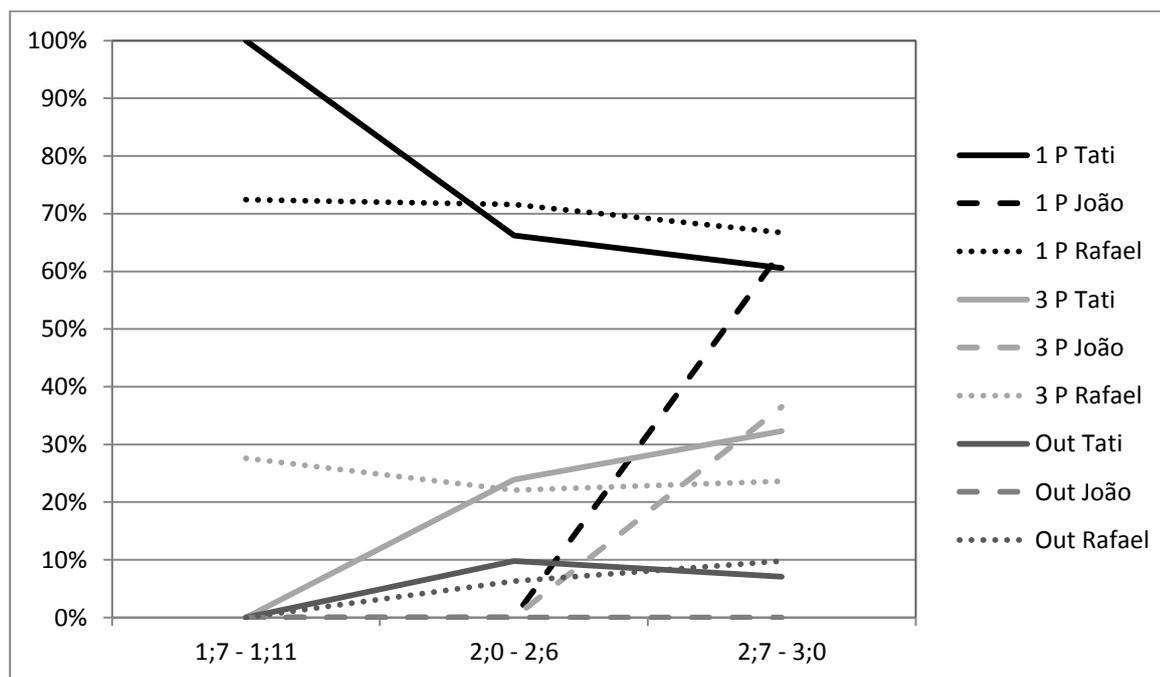
Os dados de Tati e Rafael com relação à 1ª pessoa nula como sujeito são muito parecidos nas 3 faixas de idade, figurando entre 56% e 64%, e os de João atingem esse patamar a partir da segunda faixa (entre 60% e 61%).

Sujeitos nulos de 3ª pessoa ocupam predominantemente a faixa entre 30% e 40% do total de nulos, com exceção dos primeiros arquivos de João. Entre J1 e J9, 58% de seus sujeitos nulos referem-se a contextos discursivos de 3ª pessoa.

Para as outras pessoas do discurso os sujeitos nulos são mais escassos, preponderando entre 0 e 3%.

A seguir, são apresentados os empregos de pronomes pessoais na posição subjetiva. Um gráfico traz as porcentagens de emprego da 1ª, da 3ª e das outras pessoas gramaticais para as 3 crianças participantes desta pesquisa:

Gráfico 6 – Sujeitos Pronominais de 1ª, de 3ª e de outras pessoas gramaticais



Fonte: A autora.

Esse gráfico deve ser observado em comparação com as três primeiras colunas da Tabela 6, visto que os dados iniciais de Tati e João trazem números muito pequenos.

Tati começa a produzir pronomes na posição de sujeito com o de 1ª pessoa e apresenta apenas 4 ocorrências no primeiro grupo de arquivos, não tendo ainda produzido pronomes de 3ª pessoa nesse grupo. Nas próximas faixas de idade, o número de produções de 1ª pessoa

subjativa por Tati já passa para 142, o que representa 66,2% das ocorrências de pronomes pessoais na posição sujeito.

João apresenta seu primeiro pronome pessoal como sujeito no J20, com apenas 3 ocorrências. No J21 ele já passa para 6 produções de 1ª pessoa e 6 de 3ª pessoa. Na última faixa de idade analisada (J20 a J26), o menino totaliza 52 empregos pronominais, sendo 33 de 1ª pessoa (63,5%) e 19 de 3ª pessoa (36,5%). João não produz outros pronomes pessoais subjetivos no período analisado.

Desde o primeiro grupo de arquivos, a fala de Rafael já se encontra bastante evoluída no que tange à aquisição de pronomes para a posição sujeito. Embora a produção de pronomes apresente um aumento exponencial a cada grupo de arquivos, no primeiro já são verificados 21 empregos de 1ª pessoa e 8 de 3ª pessoa. Observando-se as linhas pontilhadas dos três diferentes tons de cor no gráfico, pode-se notar que as proporções entre as ocorrências de 1ª, de 3ª e de outras pessoas se mantêm ao longo do período analisado.

A fim de que se pudesse formalizar as relações entre a presença de sujeito gramatical e as marcas de AGR, posterior à criação das tabelas para esta pesquisa, desenhou-se a próxima tabela. O universo de contagem é composto por verbos em contexto de passado simples, cuja marca temporal exigida seria o pretérito perfeito. A Tabela 7 busca respostas para as seguintes perguntas: de todos os verbos que aparecem no *corpus* em contextos de situação passada com ação completa e que se enquadram nos critérios descritos na seção 3.5, quantos concordam com um sujeito contextual expresso? Quantos concordam com um sujeito contextual não expresso, um sujeito gramaticalmente nulo? Quantos vêm acompanhados de um sujeito expresso mas não concordam com o traço de pessoa desse sujeito? E quantos aparecem com um sujeito gramaticalmente nulo e não concordam com a pessoa contextual desse sujeito?⁶⁸

⁶⁸ Essa tabela foi inserida entre as demais sob o título de Tabela 7, para fins de contextualização dos dados, embora tenha sido a última a ser elaborada.

Tabela 7 – Quantidade de orações produzidas com traços de AGR concordante com sujeito explícito e nulo, e AGR discordante de sujeito explícito e nulo

Participante	Arquivos	AGR	AGR	AGR	AGR
		concordante + Sujeito	concordante + Sujeito Nulo	discordante + Sujeito	discordante + Sujeito nulo
Tati	T1 - T9	12	33	0	18
	T10 - T19	36	39	1	4
	T20 - T29	88	95	0	4
João	J1 - J9	0	8	0	0
	J10 - J19	3	36	0	16
	J20 - J26	42	54	1	10
Rafael	R1 - R9	7	9	0	6
	R10 - R19	30	20	0	2
	R20 - R28	42	32	0	1

Fonte: A autora

Essa tabela apresenta as evidências necessárias para se afirmar que a expressão de um sujeito gramatical no PB garante para o verbo o traço AGR de pessoa concordante com a pessoa contextual, mesmo que o traço AGR concordante não garanta a expressão de um sujeito na sentença. Esses dados serão úteis para que se possa demonstrar o nível hierárquico das projeções sintáticas das 3 crianças ao longo do período na análise da presença ou não de caso morfológico no sujeito pronominal.

As possibilidades das gramáticas das 3 crianças no que tange à produção de sujeitos são representadas em estruturas arbóreas elaboradas a partir das seguintes amostras de fala:

33a Denise: E quem é esse aqui?

João: Ah! **caiu**.

Denise: Caiu, upa levanta.

(João – J22 – 2;9)

33b Rafael: **Acertei** o mau.

(Rafael – R10 – 2;0:28)

33c Rafael: **Eu tirei** a meia, dan dan, dan...

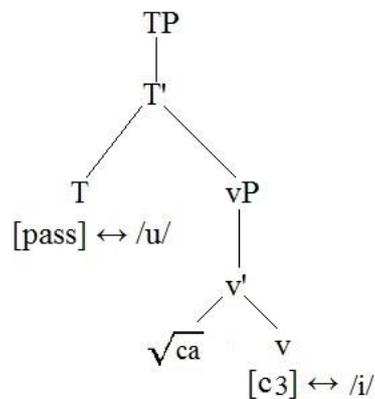
(Rafael – R19 – 2;6:26)

33d **Eu comeu** o pequenininho.

(Tati – T15 – 2;3)

A amostra 33a foi apresentada com contexto para que ficasse claro que o referente do menino era ele mesmo. Para as outras, apesar do contexto também ter sido observado no momento da seleção, a intenção referencial do falante fica mais clara em sua própria fala. A fala em 33a está representada na árvore abaixo, projetada em uma estrutura TP, dada a subespecificação do traço de pessoa. Conforme já discutido na seção 4.1, sugere-se que esse tipo de estrutura seja compreendido como uma versão pré-fusionada do pretérito perfeito, em que o traço de tempo é projetado ainda no nó T, antes de se unir a AGR.

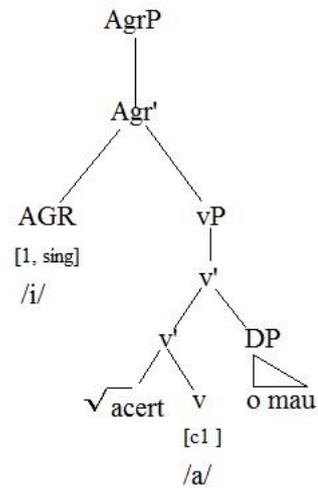
Figura 17 – Estrutura morfossintática de sujeito nulo e verbo sem traço de pessoa



Fonte: A autora

Como o foco destas análises é o sujeito, optou-se por selecionar somente amostras de fala no tempo passado. Assim, fica mais evidente a presença do traço de tempo e a variação observada é somente em função da concordância pessoal. Na figura abaixo, o sujeito não é expresso, mas o verbo tem o traço de pessoa que concorda com o sujeito discursivo.

Figura 18 – Estrutura morfossintática de sujeito nulo e verbo com traço de pessoa

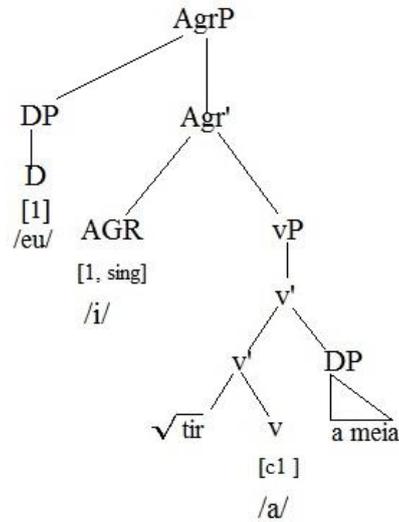


Fonte: A autora

O traço de 1ª pessoa percebido nessa produção de Rafael é o responsável pela inserção do item /i/, que segue a vogal temática /a/ inserida pelo traço de classe do verbalizador. Após a atuação do componente morfológico uma operação fonológica pós inserção acontece e o /a/ é alçado para /e/ condicionado pela presença de /i/.

Conforme já mostrado, a manifestação do sujeito gramatical já acontece em ambiente de verbo flexionado. Logo, projetado em Spec de AgrP, como na Figura 19 a seguir:

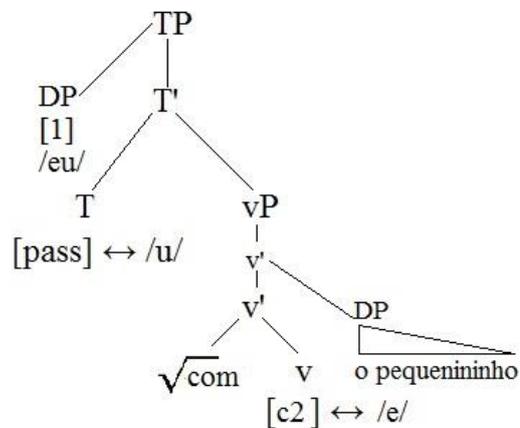
Figura 19 - Estrutura morfosintática de sujeito expresso e verbo com traço de pessoa



Fonte: A autora

A estrutura verbal acima é idêntica à da Figura 18, mas com a expressão do sujeito pronominal. O primeiro pronome a aparecer na fala das 3 crianças é o de 1ª pessoa, *eu*, em posição de sujeito. A regra verificada nos dados é de que quando o sujeito aparece na sentença, o verbo está flexionado de acordo com esse sujeito. A exceção é representada pela estrutura em 20.

Figura 20 - Estrutura morfosintática de sujeito expresso e verbo sem traço de pessoa



Fonte: A autora

A arquitetura acima representa uma única fala de Tati e uma única fala de João. No presente do indicativo, foram apenas uma ocorrência para Tati e uma para Rafael nos arquivos de todo o período de coleta de dados. A discussão acerca dessa possibilidade excepcional da gramática infantil será retomada na próxima subseção, visto que o problema aqui é a falta de atribuidor de caso nominativo ao sujeito pronominal.

Nesta seção, duas hipóteses foram verificadas. Confirmou-se a hipótese de que os sujeitos nulos acontecem de forma expressiva no início da aquisição e se mantêm em grande quantidade mesmo após a aparição das formas pronominais. Nos primeiros arquivos, 80% das orações de Tati, 95% das orações de João e quase 50% das orações de Rafael eram de sujeitos nulos. Nos últimos arquivos, Tati ainda produzia mais de 47% de sujeitos nulos; João, 62%; e Rafael omitia 42,5% dos seus sujeitos.

A outra hipótese aqui revisitada foi também confirmada, principalmente pelos dados da Tabela 7: no período em que as crianças não utilizam a flexão verbal em acordância com o sujeito contextual, elas tendem a também não utilizar sujeitos, logo, não empregam pronomes subjetivos, não fornecendo em sua produção, portanto, indícios de conhecimento do sistema de casos de sua língua.

A seguir, as análises dos sujeitos gramaticais do ponto de vista do caso. Como os feixes de traços advindos da sintaxe atuam na inserção do item pronominal no caso adequado?

4.2.1 O caso no sujeito pronominal pessoal

Uma janela para a verificação do caso dos pronomes pessoais produzidos pelas crianças pode ser aberta a partir dos achados das três primeiras colunas da Tabela 6, os sujeitos pronominais. A Tabela 8 a seguir refere-se ao caso desses pronomes que preenchem posições gramaticais de sujeito. Sabe-se que o caso que deve licenciar os sujeitos é o nominativo. Assim sendo, a Tabela 8 traz respostas às seguintes questões: do total de sujeitos pronominais pessoais detectados nos dados e registrados nas 3 primeiras colunas da Tabela 6 para cada participante em cada grupo de arquivos, quantos são nominativos? Quantos são acusativos? Quantos são oblíquos?⁶⁹

⁶⁹ Importante observar aqui que nominativo, acusativo e oblíquo referem-se ao sujeito morfológico, ou seja, às formas tomadas pelos pronomes pessoais de acordo com o conjunto de traços que carregam. Ex: para a primeira pessoa as formas são *eu* (nom), *me* (acc) e *mim* (obl). (Ver seção 1.2.1)

Tabela 8 – Caso morfológico produzido nos sujeitos pronominais pessoais

Participante	Arquivos	Nominativo	Acusativo	Oblíquo
Tati	T1 – T9	4	0	0
	T10 – T19	148	0	1
	T20 – T29	200	0	0
João	J1 – J9	0	0	0
	J10 – J19	1	0	0
	J20 – J26	52	0	0
Rafael	R1 – R9	27	0	0
	R10 – R19	95	0	0
	R20 – R28	125	0	0

Fonte: A autora

Nos dados de Tati, se pôde verificar que não há sujeitos não-nominativos, exceto por uma ocorrência isolada de um oblíquo no T10. Essa ocorrência poderia facilmente ser considerada um ruído nos dados, visto que representa apenas 0,7% dos pronomes pessoais subjetivos de seu grupo de arquivos. No entanto, ao se checar o contexto da ocorrência, optou-se pela análise da mesma, mesmo que não seja uma construção restrita à Gramática infantil:

34 Tati: Dá aqui ó... pra **mim** fechá.

(Tati – T10 – 2;0)

A situação de oblíquo no lugar de nominativo configura uma Marcação Excepcional de Caso (*ECM*) e já foi discutida na seção 1.2.1 deste trabalho sob o olhar da Teoria da Regência e Ligação. Reitera-se aqui que alguns autores, como Miotto, Silva e Lopes (2007, p. 186) a consideram gramatical, como também seria gramatical uma *ECM* desse tipo em língua inglesa. Considerando-se a teoria adotada para esta tese, faz-se justa uma análise sob o viés da MD dessa possibilidade real da gramática infantil que também é conhecidamente uma estrutura presente na fala coloquial adulta. E com essa análise, se inicia a proposta do mapeamento do percurso de aquisição de caso no PB.

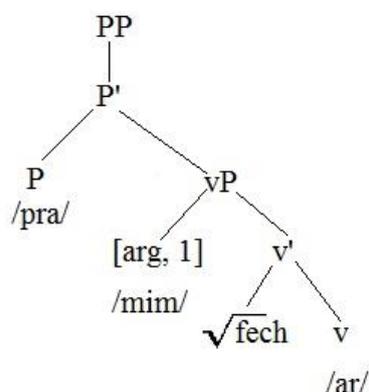
Já se reconheceu em Pohlmann-Bulla (2009) que o caso *default* do PB é o nominativo (Ver critérios de detecção de caso *default* em KATO, 2001, p. 105; VIOTTI, 2005, p. 64; ou seção 2.3 deste trabalho). Em termos de licenciamento, há então duas razões para que o sujeito pronominal eleito para a posição seja nominativo:

- 1) o PB é uma língua de infinitivo pessoal, ou seja, o plural de uma oração como a subordinada em 34 traria um verbo com marcas mais óbvias de AGR – (...) *para eles fecharem*. Como é comum na literatura se considerar que a atribuição de Caso vem de AGR, o caso estrutural esperado é o nominativo; e
- 2) teorias de aquisição sustentam que o sistema Gramatical opta pelo caso *default* quando a Gramática ainda está em formação (SCHÜTZE & WEXLER, 1996) e também defendem que sujeitos nominativos são abundantes com verbos flexionados e infinitivos, mas sujeitos não-nominativos não aparecem quase nunca com verbos flexionados (WEXLER, SCHÜTZE & RICE, 1998). (Ver também exemplos 32 mais acima nesta seção).

A busca aqui, então, se faz para entender por que a forma oblíqua foi a escolhida em detrimento da nominativa. Na MD, segundo Marantz (2000, p. 20), é crucial se admitir que caso e concordância são partes da FF da gramática e mesmo que as relações de regência determinem os traços morfológicos [caso] e [AGR] é a FF que vai encontrar um caminho para a interpretação dos DPs. O autor defende que a teoria de caso morfológico permite que a teoria do Caso seja eliminada da teoria sintática. McFadden (2004; 2007) também apoia o abandono da teoria do Caso como sintaxe e aposta nessa interface baseado nos preceitos da MD. A interface se dá da seguinte forma: a sintaxe gera traços primitivos independentes nos nós terminais; são esses traços mais primitivos que licenciam o DP. Depois, no componente morfológico, os feixes de traços se combinam e fazem emergir categorias como nominativo, acusativo e dativo (Ver MCFADDEN, 2007, p. 232). A necessidade de marcação de caso é específica de cada língua: enquanto em algumas o morfema de caso entra como um morfema dissociado que se junta a um núcleo em *Spell-Out*, em outras, como no PB, ele representa um item lexical que é eleito em detrimento de outro.

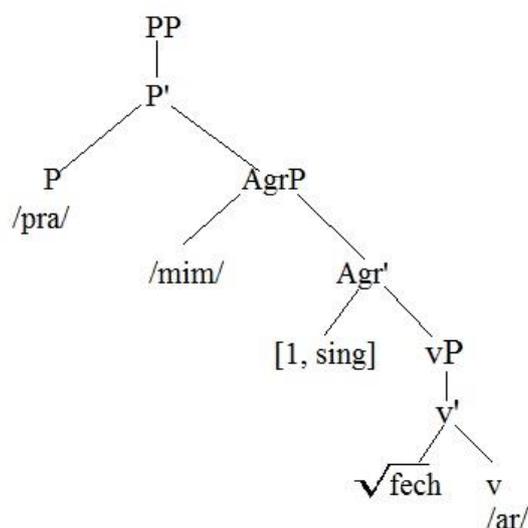
Em 34, o item *mim* foi eleito no lugar do *eu*. Para se compreender essa eleição, são apresentadas duas arquiteturas possíveis:

Figura 21 – Projeção de sujeito oblíquo em Spec de vP



Fonte: A autora

Figura 22 - Projeção de sujeito oblíquo em Spec de AgrP



Fonte: A autora

Se o PB não fosse uma língua de infinitivo pessoal, a Figura 21 representaria bem a arquitetura da *ECM* em questão, para adultos ou na aquisição. Uma projeção em vP não confere ao verbo traço algum de pessoa, número ou tempo. Quando, porém, se contrasta a construção *pra mim fazer* com outras pessoas do discurso, aquelas com o traço [plural], se observa que o verbo reage elicitando desinências número-pessoais – *pra nós fazemos*, *pra*

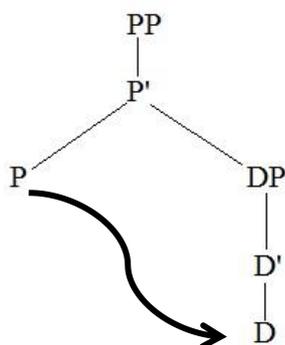
eles fazerem –, tornando inviável e de óbvia agramaticalidade o emprego de outros pronomes que não os nominativos nessas posições.

A figura 22, por sua vez, considera o infinitivo pessoal como uma projeção em AgrP. Mas por que o sujeito recebe o caso oblíquo do núcleo P e não o nominativo do núcleo AGR? Considerando que o sujeito oblíquo *mim* está no domínio de caso do núcleo preposicional P, a escolha é justificada. O domínio de caso pode ser definido, segundo McFadden (2004, p. 203-204) de acordo com as fases e constituem barreiras de fase apenas os CPs e os vPs (Ver CHOMSKY, 2001). Como não há barreiras de impenetrabilidade de fases entre o núcleo de PP e o sujeito da oração subordinada, o atribuidor P age em seu contexto imediato, mesmo que uma nova oração vá seguir o seu atribuído. O sujeito oblíquo só seria impossível se houvesse um complementizador entre o atribuidor e o sujeito da oração subordinada, como em *para 'que' eu feche*, estabelecendo a barreira. Quando na mesma fase, sem barreiras, propõe-se aqui que o caso nominativo perca a competição por questões de localidade.

A proposta é a seguinte: mesmo que a gramática infantil reconheça o traço [AGR] do infinitivo pessoal, estando o sujeito da subordinada no domínio imediato de um atribuidor mais acima, o caso é dado por meio do *Merger Morfológico Descendente*⁷⁰ (EMBICK & NOYER, 1999, p. 269). Essa operação acontece na estrutura hierárquica, quando um núcleo de um nível modifica outro núcleo em um nível subsequente.

Na literatura da MD, conforme já dito, caso é morfológico, logo, parte do componente pós-sintático. No PB, há três casos: nominativo, acusativo e oblíquo, que determinam a inserção de diferentes formas pronominais. A árvore a seguir representa os nós terminais gerados na sintaxe, passado o componente LF, com uma seta que indica o *Merger Morfológico Descendente* que atua após o estabelecimento dos nós para determinar a escolha do item de acordo com o caso:

⁷⁰ Do inglês, *Lowering* (Ver seção 2.1.3).

Figura 23 – *Merger* Morfológico de atribuição de caso oblíquo

Fonte: A autora

Uma preposição pode demarcar, de acordo com traços específicos do determinante (D⁷¹), que este receba caso oblíquo. O modelo para a inserção de pronomes oblíquos será apresentado na próxima seção, assim como o modelo para inserção dos pronomes clíticos acusativos.

E o caso nominativo? Quais os traços que o determinam? O leitor pode pensar que as análises do caso na posição de sujeito foram iniciadas por um sujeito oblíquo para se percorrer um caminho da exceção à regra, mas o percurso é exatamente o inverso. Ao se apontar que a gramática em desenvolvimento de Tati inseriu o pronome oblíquo de 1ª pessoa no núcleo de um DP gerado a partir de um PP, apresenta-se uma regra de atribuição de caso⁷². Assim como quando um adulto que não passou pela prescrição específica do português de que “*mim não faz nada*” deixa escapar naturalmente o pronome oblíquo após a preposição e continua seu discurso.

Na apresentação dos dados em 4.2, verificou-se que o percurso até a produção de sujeitos pronominais começa com sujeitos nulos que passam a ser marcados primeiramente com o traço [pessoa] na morfologia verbal para só então serem pronunciados. O primeiro sujeito pronominal a aparecer na fala dos 3 participantes do *corpus* desta pesquisa é o pronome reto de 1ª pessoa: *eu*; depois o pronome masculino de 3ª pessoa *ele*, segundo Pohlmann-Bulla (2009, p. 109). Ou seja, o primeiro caso a aparecer na gramática das crianças é o nominativo, na posição de sujeito gramatical. O questionamento que se levanta neste

⁷¹ De acordo com Hornstein, Nunes e Grohmann (2005, p. 192), pronomes podem ser vistos como um núcleo D sem complemento.

⁷² Enfatiza-se aqui que a regra de atribuição de oblíquo a sujeitos não recebe suporte quantitativo dos dados infantis apresentados nesta tese porque as gramáticas das 3 crianças ainda estavam prematuras para uma produção significativa de orações subordinadas. A base para a afirmação de que essa atribuição de caso é uma possibilidade do PB vem, além da ocorrência na fala de Tati, de conhecimentos teóricos e empíricos.

ponto vai além da caracterização mórfica do caso nominativo, pois esbarra em sua essência. Assim como se verificou nesta tese o caráter *default* da morfologia verbal de 3ª pessoa, se pretende avaliar o caso nominativo além de seu caráter *default*: seria o nominativo a ausência de caso?

Na Tabela 8, pode-se observar que no período das gravações as 3 crianças pronunciaram 653 pronomes em posições de sujeito. Destes, 652 tinham a forma nominativa. Embora quase todos tenham ocorrido com verbos com flexão concordante, dando suporte à teoria de licenciamento por AGR, nas situações em que havia sujeito pronominal com AGR discordante a forma desse pronome também era a nominativa. Ademais, quando um pronome aparecia isolado na fala das crianças, conforme mostrado em Pohlmann-Bulla (2009, p. 74), sua forma também era nominativa. Todos os argumentos apresentados corroboram a análise do nominativo como o caso *default* no PB.

Na perspectiva da MD, o caso *default* é o caso eleito para os DPs que chegam ao componente morfológico sem o feixe dos traços que especificam qual caso com que esses DPs devem ser foneticamente expressos (Ver SCHÜTZE, 2002). A ideia de que o nominativo do PB pode ser a forma pronominal assumida quando caso algum é marcado encontra suporte em McFadden (2007; 2004). O autor embasa sua argumentação em relações interlínguas, por ser o nominativo o caso *default* de quase todas as línguas já analisadas, mas também nos traços não marcados que esse caso assume: em uma análise decomposicional, ele verifica que os traços que determinam o nominativo são sempre traços não marcados⁷³.

A argumentação aqui se baseia especialmente na aquisição: no emprego maciço do nominativo pelas 3 crianças do *corpus*, mas também nas suas relações com os outros casos morfológicos encontrados nesta língua. Os dados que seguem contribuem para essa defesa de que a forma nominativa assumida pelos pronomes é uma forma sem caso. Será analisada a aquisição dos pronomes que atuam na posição de objeto direto e indireto, de acordo com o recorte proposto no capítulo 3.

⁷³ Há uma gama de traços de caso exploradas na literatura por Calabrese (1996); Halle e Vaux (1997); Wunderlich (2003) e Müller (2004), entre outros. Traços como [oblíquo], [estrutural], [superior], [livre], etc., podem ser usados para a composição da matriz de cada caso. Pelo caráter flutuante dessas definições e por não ser esta tese essencialmente teórica, optou-se pela não adoção de nenhuma matriz complexa de traços. Traços de caso serão verificados apenas com relação à posição estrutural hierárquica em que se encontram os DP pronominais.

4.3 Pronomes objetivos: presença, ausência e caso

Nesta seção são apresentados os dados referentes ao preenchimento das posições objetivas por pronomes pessoais na aquisição da linguagem. O emprego de peças pronominais no PB adulto recebe mais atenção no âmbito diacrônico do que sincrônico, devido ao desaparecimento dos clíticos de 3ª pessoa deste sistema. Segundo Cyrino (1993; 2003), clíticos de 1ª e de 2ª pessoas ainda são encontrados no PB nuclear, mas os de 3ª pessoa não aparecem mais. Os clíticos acusativos de 3ª pessoa que retomavam uma proposição ou um adjetivo apresentavam queda no uso já no século XIX, considerando a relação com o século XVI, o primeiro século de pesquisa, enquanto que o uso dos acusativos de 1ª e 2ª pessoas se mantinha estável (CYRINO, 1994). Kato (2011) revela que os clíticos de 3ª pessoa que ainda aparecem na fala brasileira são resquícios da educação escolar e que a gramática natural não contém essas formas. Estudos em aquisição da linguagem, como Lopes (2003) e Magalhães (2006), também revelam a ausência total de clíticos de 3ª pessoa na fala de crianças de até 3 anos.

Inicia-se aqui a apresentação da tabela com os dados referentes ao tipos de objeto encontrados nas orações das crianças do *corpus*. A Tabela 9 quantifica a distribuição dos tipos de objetos e busca responder às seguintes questões: da amostra total de sentenças encontradas em cada grupo de arquivos que se enquadram nos critérios descritos na seção 3.5, quantas sentenças apresentam objetos pronominais de 1ª pessoa? Quantas apresentam objetos pronominais de 3ª pessoa? Quantas apresentam outros pronomes pessoais em posição de objeto? Quantas sentenças têm objeto nulo em contextos de 1ª pessoa? De 3ª pessoa? De outras pessoas? Quantas sentenças apresentam qualquer outro tipo de objeto que não o pronominal pessoal e não o nulo⁷⁴?

⁷⁴ Esta questão envolve os objetos plenos com NPs substantivos, pronomes demonstrativos, numerais, PPs, entre outros.

Tabela 9 – Tipos de objetos produzidos: quantidade de pronomes pessoais, nulos e outros

Participante	Arquivos	Pronomes Pessoais			Nulos			Outros		
		1 sing	3 sing	outras	1 sing	3 sing	outras	1 sing	3 sing	outras
Tati	T1 - T9	0	0	0	1	44	0	0	5	0
	T10 - T19	1	10	1	3	88	0	0	91	0
	T20 - T29	8	19	7	0	194	1	0	156	0
João	J1 - J9	0	0	0	0	10	0	0	0	0
	J10 - J19	0	0	0	0	46	0	0	4	0
	J20 - J26	0	0	0	0	83	0	0	34	0
Rafael	R1 - R9	0	0	0	0	33	2	0	21	0
	R10 - R19	6	6	0	1	65	0	0	80	0
	R20 - R28	6	8	6	0	85	0	0	79	0

Fonte: A autora

Os dados sobre os tipos de objetos mostram diferenças significativas com relação aos dados sobre os tipos de sujeitos. Os objetos nulos aparecem com muito mais frequência do que os sujeitos nulos nas falas das 3 crianças deste estudo, corroborando dados de pesquisas anteriores; conseqüentemente, os pronomes pessoais em posição de objeto são bem menos empregados do que em posição de sujeito. Enquanto os pronomes pessoais em posição subjetiva chegam, nos últimos arquivos, a 42,6% para Tati, 28,3% para João e 43,2% para Rafael, os objetos pronominais pessoais ficam em 8,8% para Tati, 10,9% para Rafael e nem chegam a aparecer nos arquivos de João. Nos dados de Magalhães (2006) para as duas crianças brasileiras, do total de objetos em suas falas (incluindo os nulos), os objetos pronominais pessoais representam apenas 4,6% para a primeira e menos de 10% para a segunda criança. A criança do estudo de Simões (1997) também apresentou um baixo emprego de pronomes na posição objetiva, em média 4,3%.

Tati começa a utilizar pronomes na posição objetiva apenas no T11, com um clítico de 1ª pessoa; no próximo arquivo, a menina utiliza um pronome masculino de 3ª pessoa; e depois um oblíquo de 2ª pessoa. Suas 3 primeiras ocorrências estão em 34:

34a Tati: Me sentei. (Tati – T11 – 2;0)

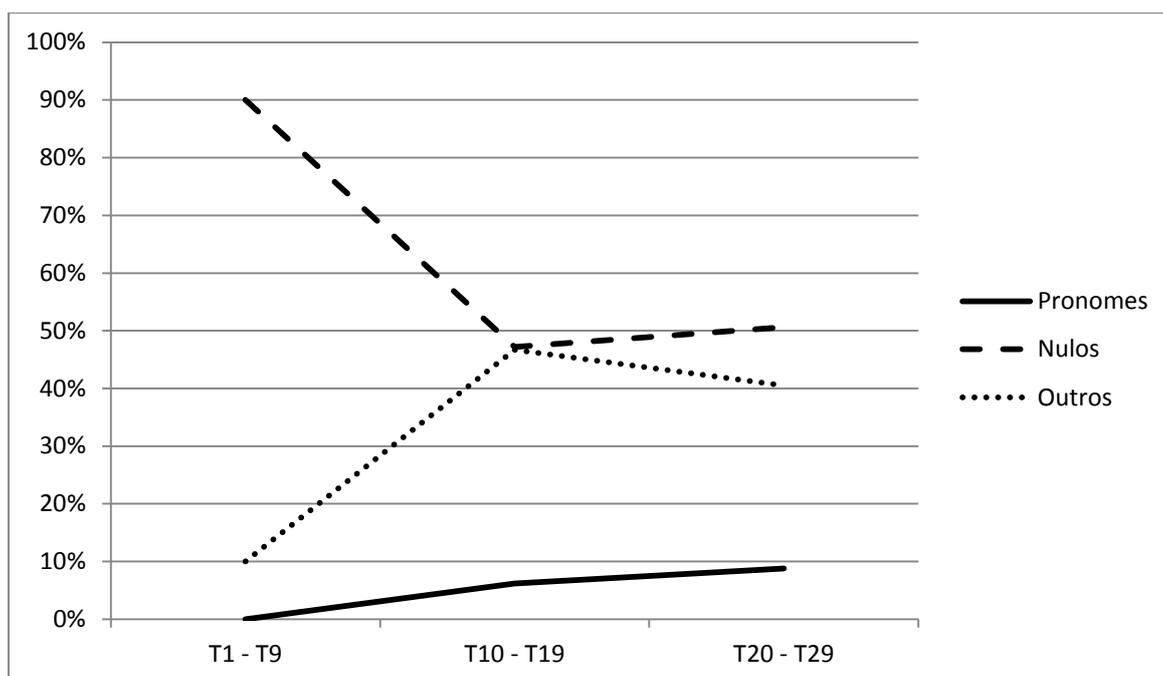
34b Tati: Tu pega ela. Eu vou pegar ela. (Tati – T12 – 2;0)

34c Tati: Pego pra ti.

(Tati – T13 – 2;1)

O gráfico a seguir serve para relacionar proporcionalmente os tipos de objetos encontrados nas falas de Tati.

Gráfico 7 – Emprego de objetos pronominais pessoais, nulos e outros por Tati

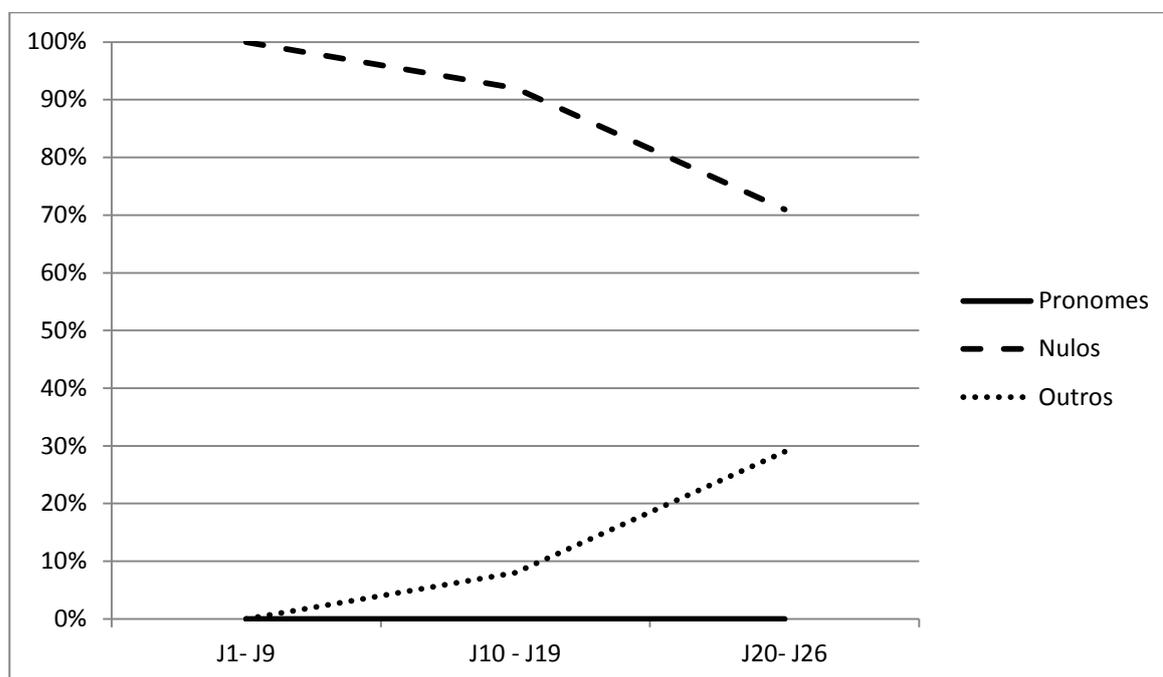


Fonte: A autora

Pode-se observar por meio do gráfico acima que nos primeiros arquivos a produção de objetos nulos é de 90%, caindo para menos de 50% e se estabilizando nesta linha. Outros tipos de objetos gramaticais, onde se incluem DPs e PPs cheios e outros pronomes (como os demonstrativos), tendem a ser mais utilizados à medida que a menina fala mais.

João, cuja linguagem se encontrava menos desenvolvida do que a de Tati e de Rafael, não produziu objetos pronominais pessoais durante o período de gravações. O gráfico evolutivo para seus objetos representa um período bem mais inicial da aquisição, com quase 100% de objetos nulos.

Gráfico 8 – Emprego de objetos pronominais pessoais, nulos e outros por João



Fonte: A autora

O estado da gramática de João nos últimos arquivos com relação ao emprego de objetos corresponde ao estado da gramática de Tati no primeiro grupo de arquivos. Rafael, por sua vez, se encontra em um nível de aquisição mais próximo ao de Tati. Assim como a menina, ele não produz pronomes pessoais na posição analisada no primeiro grupo de arquivos. Sua produção começa no 15º arquivo, com 3 ocorrências de 1ª pessoa:

- 35a Rafael: Ele vai ele vai me prender.
 35b Rafael: Foi ele que me deu um.
 35c Rafael: Quer ver eu, mãe? Quer ver eu?

(Rafael – R15 – 2;3:26)

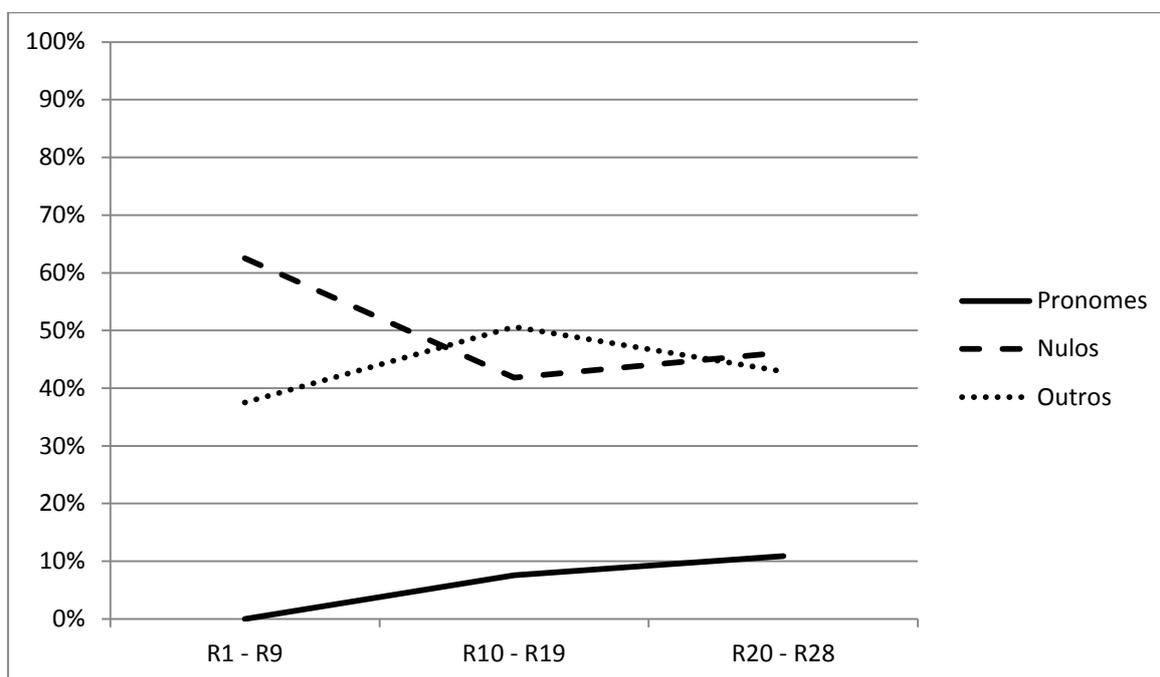
A primeira vez que aparece um pronominal de 3ª pessoa é no R16:

- 36 Eu vou pegar ela.

(Rafael – R16 – 2;4)

O gráfico para os tipos de objetos de Rafael fica bem mais parecido com o gráfico que apresenta os dados de Tati.

Gráfico 9 – Emprego de objetos pronominais pessoais, nulos e outros por Rafael



Fonte: A autora

O percentual de objetos nulos no período entre 2;7 e 3;0 para Tati e Rafael é comparável com os percentuais das crianças brasileiras de Magalhães (2006) na mesma faixa. Nesta faixa de idade, 50,6% dos objetos de Tati eram nulos, assim como 46,2% dos de Rafael. A primeira criança de Magalhães (2006) teve 34,7% de objetos nulos aos 3;0:15 e a segunda criança teve 43,9% de nulos aos 2;10:29.

Ao contrário dos sujeitos nulos, que tiveram suas estruturas analisadas devido às relações que estabelecem com a flexão verbal, as análises dos objetos nulos sob o ponto de vista da MD não são de interesse desta pesquisa. Seu percurso de aquisição foi apresentado a fim de que se introduzisse o assunto dos objetos preenchidos com pronomes pessoais, dos quais interessa principalmente o caso.

Na próxima subseção, serão observados os casos morfológicos que receberam os pronomes pessoais em posição de objeto, tanto em projeções vP, quanto em projeções PP.

4.3.1 O caso no objeto pronominal pessoal

Os pronomes pessoais encontrados em posições objetivas nas falas de Tati e Rafael são tão escassos que se poderia apresentá-los um a um, principalmente até o começo do terceiro grupo de arquivos. No entanto, começa-se apresentando a tabela que quantifica os empregos de caso morfológico nos objetos pronominais internos a VP. Neste grupo estão os clíticos acusativos de 1ª e 2ª pessoas, já que os de 3ª pessoa não foram registrados nas falas das crianças estudadas. Sabe-se que o Caso estrutural esperado nos objetos diretos é o acusativo, de acordo com a Teoria do Caso; entretanto, nos termos da MD, o caso é morfológico e os pronomes pessoais assumem diferentes formas de acordo com seus casos. Assim sendo, a Tabela 10 busca responder às seguintes questões: do total de objetos detectados nos dados e registrados nas 3 primeiras colunas da Tabela 8 e que são pronomes pessoais projetados em vP, quantos são acusativos? Quantos são nominativos? Quantos são oblíquos?

Tabela 10 – Caso morfológico produzido nos objetos pronominais em VP

Participante	Arquivos	Acusativos	Nominativos	Oblíquos
Tati	T1 – T9	0	0	0
	T10 – T19	1	10	0
	T20 – T29	12	9	0
João	J1 – J9	0	0	0
	J10 – J19	0	0	0
	J20 – J26	0	0	0
Rafael	R1 – R9	0	0	0
	R10 – R19	5	7	0
	R20 – R28	5	8	0

Fonte: A autora

O primeiro pronome acusativo que aparece na fala das duas crianças que pronunciaram pronomes pessoais em posição objetiva interna a vP é o de primeira pessoa *me*. Há uma única ocorrência no segundo grupo de arquivos de Tati e 5 ocorrências no segundo grupo de arquivos de Rafael. Até o 24º arquivo de Tati e até o 25º arquivo de Rafael, no

último grupo de arquivos das duas crianças, essa é a única forma acusativa encontrada. As situações em que *me* foi registrado entre T10 – T19 e R10 – R19 são as seguintes:

- | | | |
|-----|--|-------------------------|
| 37a | Tati: Me sentei. | (Tati – T11 – 2;0) |
| 37b | Rafael: Ele vai ele vai me prender. | (Rafael – R15 – 2;3:26) |
| 37c | Rafael: Foi ele que me deu um. | (Rafael – R15 – 2;3:26) |
| 37d | Rafael: Eu quero o mamá agora, tu não me deu. | (Rafael – R16 – 2;5) |
| 37e | Rafael: Tu não me deu mamá, me dá. | (Rafael – R16 – 2;5) |
| 37f | Rafael: O lobo mau me dá. | (Rafael – R18 – 2;6:6) |

O pronome acusativo⁷⁵ de 1ª pessoa é um clítico. Segundo Bechara (2002, p. 588), clíticos são pronomes pessoais átonos que, por não terem acento próprio, dependem de um verbo que pode estar linearmente antes ou depois deles. Neste trabalho, são encontrados os clíticos *me* e *te*. Todas as ocorrências nos dados de Tati e Rafael estão em próclise, ou seja, localizados antes do verbo.

Do ponto de vista da MD, diz-se que os clíticos são pronomes que no PB passam pela operação morfológica de Adjunção com o verbo que os hospedam (Ver seção 2.1.3) e, conseqüentemente, de quem recebem o papel temático, segundo Galves (2001, p. 133). Considerando 37a, acima, já se pode observar um dos modelos de formação da estrutura proclítica do PB de um clítico anafórico reflexivo, esquematizada em 38:

- 38 [DP_i [Cl_i + V + AGR_i]
[Ø [me + sent + ei]

Na análise da amostra 37a, percebe-se linearmente um sujeito nulo de 1ª pessoa, por meio da flexão verbal (AGR) que é coindexada com o clítico de 1ª pessoa. Já na amostra 37b não há essa coindexação, por se tratar de um clítico com função gramatical de acusativo. Nessa fala de Rafael, percebe-se a seguinte organização, com o clítico entre dois verbos:

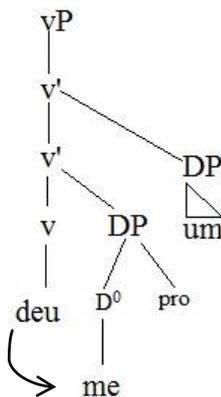
⁷⁵ Retoma-se aqui o que já foi explicado no Capítulo 2 acerca da natureza da terminologia utilizada neste trabalho com relação ao caso acusativo: Pereira (2006) classifica os clíticos *me* e *te* ora como acusativo ora como dativo, de acordo com a função gramatical. Assim também o faz Halle e Marantz (1994) para os clíticos do espanhol caribenho. Acusativos, naqueles trabalhos, seriam os clíticos relacionados ao objeto direto e dativos os clíticos relacionados ao objeto indireto. Nesta tese, porém, as formas *me* e *te* são sempre chamadas de acusativas, em oposição a *eu* e *tu* nominativas e a *mim* e *ti* oblíquas.

- 39 [DP [V + AGR + Cl + V]
[ele [vai + Ø + me + prender]

A relação de dependência do clítico nessa sentença se dá com o verbo *prender*. Sendo o verbo principal da oração, este dá o papel temático da posição argumental do clítico e libera a matriz de traços que determinará o caso acusativo no componente morfológico.

O pronome *me* com função gramatical de dativo é encontrado nas outras amostras, aquelas com o verbo *dar*: 37c, 37d, 37e e 37f. No entanto, apenas em 37c o verbo *dar* tem seus dois argumentos expressos, satisfazendo assim a expectativa da alta frequência de objetos nulos na aquisição do PB. 37c, com seus dois objetos, é arborizada abaixo para que seja então analisado seu processo de atribuição de caso:

Figura 24 – Estrutura sintática de clítico *me*



Fonte: A autora

Assim como se defendeu que o *Merger* Morfológico de Descendência (EMBICK & NOYER, 1999; 2005) atuou na atribuição de caso oblíquo a um sujeito de oração subordinada que se encontrava no domínio de caso de um PP (Ver Figura 23), defende-se aqui que a forma acusativa do clítico *me* da amostra 37c é determinada pelo domínio do verbo *dar*. Embora a função gramatical desse clítico o considere *dativo*, de acordo com Pereira (2006), verifica-se que ele aparece na forma acusativa devido a sua característica estrutural⁷⁶.

⁷⁶ O clítico é um pronome bem polêmico quanto a sua natureza e até hoje não há consenso acerca do seu lugar na teoria gramatical. Embora o conceito de Galves et al (2005), que vê os clíticos como Afixos Flexionais, esteja mais próximo dos preceitos da MD, optou-se pela visão mais sintática de Raposo (2000), visto que se observa nesta tese a influência da estruturação sintática na atribuição do caso morfológico.

Conhece-se, no entanto, e é observável em todas as amostras do segundo grupo de arquivos de Tati e Rafael, a natureza proclítica desses pronomes no PB. Propõe-se, por conseguinte, que essa anteposição do clítico com relação a seu hospedeiro se dê por uma segunda operação do *Merger* Morfológico: o Deslocamento Local. Essa operação ocorre após a inserção vocabular, ou seja, depois de definido o caso pelo *Merger* Descendente e inserido o pronome acusativo, há um reajuste linear de Deslocamento Local, que faz com que o pronome vá para a posição ante-verbal.

O clítico de 2ª pessoa *te* acontece 4 vezes na fala de Tati e 3 vezes na fala de Rafael, sendo todas as ocorrências no terceiro grupo de arquivos dos dois. São as seguintes:

- 40a Tati: Eu vou **te** mostrar, Minie. (Tati – T24 – 2;9)
- 40b Tati: E eu **te** dou o Mickey. (Tati – T26 – 2;10)
- 40c Tati: Tá, eu **te** ajudo. (Rafael – R25 – 2;10:2)
- 40d Tati: Eu já vou **te** dar. (Rafael – R26 – 2;11)
- 40e Rafael: Assim eu não vou **te** dar isso. (Rafael – R25 – 2;10:2)
- 40f Rafael: Eu **te** dou, tá bom, Juju?
- 40g Rafael: Cadê o petititinho que eu **te** dei? (Rafael – R26 – 2;11)

A análise do clítico de 2ª pessoa *te* se dá da mesma forma que do clítico de 1ª pessoa *me*: com determinação de caso via *Merger* Morfológico Descendente e reorganização linear via *Merger* Morfológico Deslocamento Local para antepor o clítico ao verbo. As amostras em 40, acima, apresentam o mesmo padrão proclítico do PB coloquial.

Observou-se que, normalmente, as crianças utilizam o pronome acusativo de 1ª e 2ª pessoas na forma adequada. Foi encontrado apenas um registro de pronome nominativo em lugar de acusativo nos dados de Rafael:

- 41 Rafael: Quer ver **eu**, mãe? (Rafael – R15 – 2;3:26)

Uma amostra isolada pode não ter valor quantitativo, mas se pronunciada é uma possibilidade da gramática infantil e serve para reforçar a tese que começou a ser defendida na seção 4.2.1, com base em McFadden (2004; 2007), de que as formas pronominais nominativas do PB possam ser formas sem caso. Observe-se que a ocorrência do pronome *eu* em 41

pertence ao R15 e é cronologicamente anterior à produção do primeiro pronome acusativo. É possível reconhecer que a sintaxe atribuiu papel temático à posição argumental interna a VP; no entanto, não há indícios de que o *Merger* Morfológico Descendente tenha atuado ou o item inserido seria o acusativo *me*; somente após a inserção do item acusativo a segunda operação morfológica, o Deslocamento Local colocaria o clítico em próclise.

Consoante outros estudos que trazem dados da aquisição de objetos pronominais no PB (por exemplo, MAGALHÃES, 2006), e também a dados diacrônicos do PB (CYRINO, 1994; 1997; 2003), nesta pesquisa não houve registros de pronomes acusativos de 3ª pessoa. É aqui que se desenrola a segunda coluna de dados da Tabela 10: os 19 pronomes nominativos de Tati e 14 dos 15 nominativos de Rafael regidos por núcleos verbais são pronomes pessoais de 3ª pessoa. Abaixo, algumas das amostras:

42a Tati: Tu pega ela. Eu vou pegar **ela**. (Tati – T12 – 2;0)

42b Tati: Ele abraçou **ele**. (Tati – T20 – 2;7)

42c Rafael: Daí, ele matou **ele**. (Rafael – R18 – 2;6:6)

Importante salientar que as crianças utilizam a mesma forma pronominal para dois referentes: em 42b, os referentes eram o Pateta e o Mickey, respectivamente, e, em 42c, os referentes eram o caçador e o lobo.

O padrão encontrado em objetos pronominais regidos por preposição é semelhante, embora a aquisição dos pronomes oblíquos seja um pouco mais tardia. A Tabela 11 busca responder às seguintes questões: do total de objetos detectados nos dados e registrados nas 3 primeiras colunas da Tabela 8 e que são pronomes pessoais projetados em PP, quantos são oblíquos? Quantos são nominativos? Quantos são acusativos?

Tabela 11 – Caso morfológico produzido nos objetos pronominais em PP

Participante	Arquivos	Oblíquos	Nominativos	Acusativos
Tati	T1 – T9	0	0	0
	T10 – T19	1	1	0
	T20 – T29	3	10	0
João	J1 – J9	0	0	0
	J10 – J19	0	0	0
	J20 – J26	0	0	0
Rafael	R1 – R9	0	0	0
	R10 – R19	0	0	0
	R20 – R28	3	4	0

Fonte: A autora

Observa-se que não há registros de pronomes em PPs nos arquivos de João. Para Rafael, os primeiros pronomes em PP⁷⁷ aparecem só no terceiro grupo de arquivos e, nas falas de Tati, a produção se inicia no segundo grupo de arquivos, com um pronome oblíquo de 2ª pessoa *ti*. Abaixo, todas as ocorrências de pronomes oblíquos nos dados de Tati e Rafael:

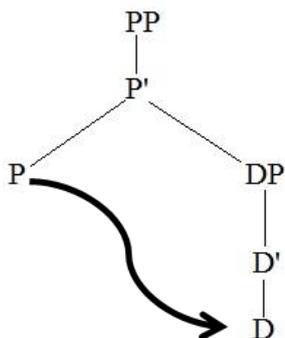
- 43a Tati: Pego pra **ti**. (Tati – T13 – 2;2)
- 43b Tati: Eu vou fazer um lugar pra **ti**. (Tati – T21 – 2;7)
- 43c Tati: Joguei pra **ti**. (Tati – T24 – 2;9)
- 43d Tati: Eu vou abrir pra **ti**. (Tati – T27 – 2;11)
- 43e Rafael: Agora eu vou fazer pra **ti**, tá? (Rafael – R22 – 2;8:21)
- 43f Rafael: Que bonito que tu trouxe pra **mim**.
- 43g Rafael: Por que tu trouxe isso pra **mim**, Denise? (Rafael – R26 – 2;11)

Os pronomes oblíquos do PB são formas tônicas e ocupam posição nuclear em DP. Nos dados das crianças estudadas nesta tese, foram encontradas apenas as formas de 1ª pessoa

⁷⁷ Considerando apenas as falas selecionadas a partir dos Critérios de inclusão e exclusão de dados apresentados no item 3.6.

e de 2ª pessoa. Para a análise de atribuição de caso e inserção dos pronomes oblíquos, repete-se aqui a Figura 23, renumerada aqui como 25:

Figura 25 – *Merger* Morfológico de atribuição de caso oblíquo



Fonte: A autora

A atribuição de caso oblíquo a objetos pronominais acontece também de acordo com o *Merger* Morfológico Descendente, como já se discutiu para o sujeito em ECM na seção 4.2.1.

Das 15 formas nominativas encontradas em PP, 2 correspondem ao pronome plural de 1ª pessoa, *nós*; as outras ocorrências correspondem a formas singulares e plurais de 3ª pessoa. Algumas amostras:

- 44a Rafael: Eu vou abrir pra **ele**. (Rafael – R20 – 2;7:9)
- 44b Rafael: Pegar uma comida pra **nós**. (Rafael – R22 – 2;8:21)
- 44c Tati: Eu empresto também pra **ela**. (Tati – T22 – 2;8)

O comportamento dos pronomes pessoais em posição interna a PP corroboram a análise das formas nominativas como formas sem caso. Para fins de revisão, retoma-se o quadro 1, apresentado na seção 1.2.1, aqui renumerado e renomeado:

Quadro 7 – Caso morfológico dos pronomes encontrados nos dados das 3 crianças

Pessoa, número	casos		
	Nominativo	Objetivo <i>ou</i> <i>Acusativo</i>	Oblíquo
1º pessoa singular	eu	Me	mim
2º pessoa singular	tu	Te	ti
2º pessoa singular	você	Você	lhe
3º pessoa singular	ele / ela	o, a	lhe
3º pessoa plural	eles / elas	os, as	hes
1º pessoa plural	nós	Nos	

Fonte: Lobato (1986, p.450)

No quadro acima foram riscadas as formas pronominais não encontradas nos dados das 3 crianças: Tati, João e Rafael. Exceto pelas formas nominativa e acusativa do pronome de 2ª pessoa singular *você*, que não aparece nos dados provavelmente por questões de variação dialetal⁷⁸, as outras formas riscadas também não são formas comuns no PB coloquial adulto e, segundo Kato (2011), fazem parte do PB formal, não da gramática nuclear do PB.

Observou-se que as formas acusativas e oblíquas de 3ª pessoa singular e plural foram substituídas no uso por formas equivalentes nominativas, fato que contribui para a asserção de que os pronomes pessoais retos são desprovidos de caso. A última hipótese desta tese, que previa ser o nominativo o primeiro caso a figurar na linguagem infantil seguido do acusativo e do oblíquo foi, então, parcialmente confirmada. O acusativo surgiu na fala de Tati e Rafael bem mais cedo do que o oblíquo (10 arquivos mais cedo para Tati e 7 arquivos mais cedo para Rafael); as formas chamadas nominativas não só aparecem antes das formas com caso como também aparecem isoladas, topicalizadas nas raras sentenças sem flexão e até em posições em que o caso morfológico deixou de ser usado (em lugar de *lhe*, por exemplo).

4.4 Um modelo da aquisição dos pronomes pessoais e do caso morfológico

Esta é uma seção de análise final e complementar dos dados gerais desta pesquisa. Com base nas análises realizadas através da teoria da MD, foram desenvolvidos dois mapas esquemáticos da aquisição do PB: um para o Estágio de Pessoa Opcional, com foco nos

⁷⁸ O pronome *você* é menos comum no Rio Grande do Sul, onde os dados foram coletados.

pronomes subjetivos e suas relações com a flexão; e o outro para o Caso Morfológico, com foco nos pronomes objetivos que ainda carregam marcas de caso no PB.

4.4.1 Estágio de Pessoa Opcional

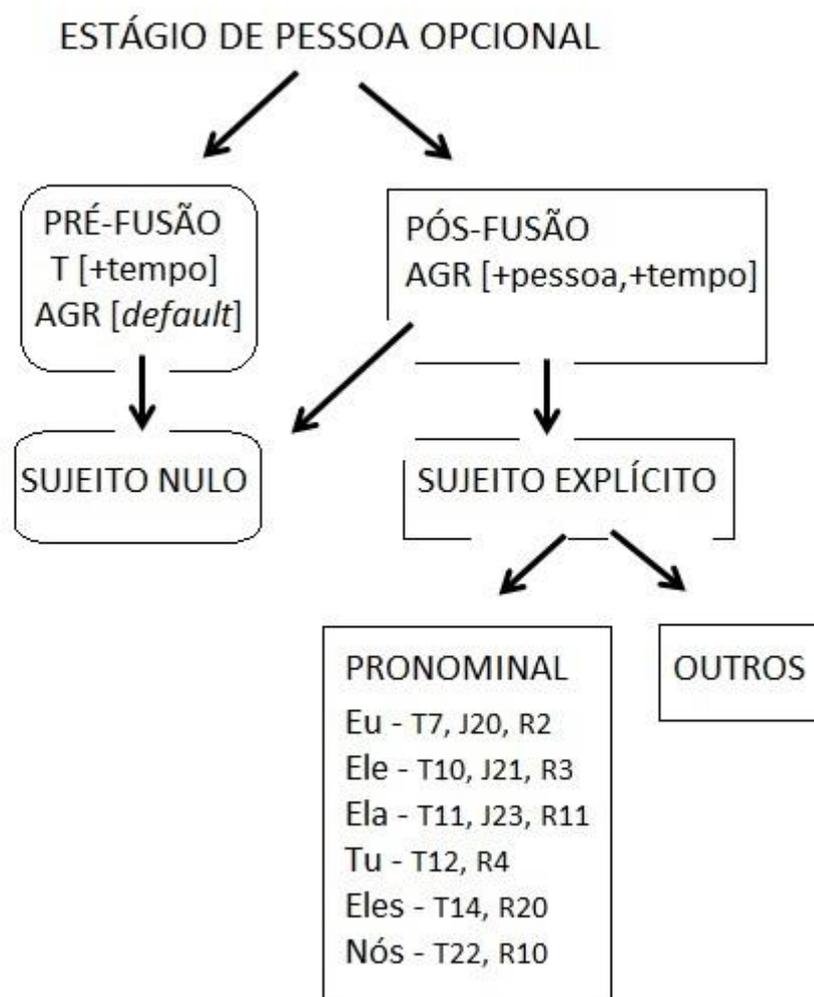
Assim como para algumas línguas existe o Estágio dos Infinitivos Opcionais (WEXLER, 1994; 2011), estágio em que as crianças alternam entre formas infinitivas e flexionadas, no PB as crianças alternam entre projeções pré-fusão de AGR, com tempo marcado em TP e AGR [*default*] (igual à flexão de 3ª pessoa), e projeções pós-fusão de AGR + T, com tempo marcado e AGR [+pessoa]. O mapa proposto para o Estágio de Pessoa Opcional também traz informações da relação entre o traço de pessoa em AGR e a expressão do sujeito: projeções com AGR já fusionado aparecem com sujeitos explícitos ou nulos, mas em projeções pré-fusão o sujeito é quase sempre nulo. Sentenças com sujeitos explícitos têm AGR [+tempo, +pessoa] 98,6% das vezes para Tati e 99,4% das vezes para Rafael⁷⁹.

Finalmente, é apresentada uma lista dos pronomes encontrados preenchendo posições de sujeito em sentenças canônicas⁸⁰ e os números dos arquivos em que aparecem pela primeira vez nos dados de cada criança.

⁷⁹ João não havia pronunciado uma quantidade suficiente de sujeitos de primeira pessoa para que seus dados pudessem ser aqui relacionados.

⁸⁰ Sentenças em que não há *ECM*.

Esquema 1 – Mapeamento do Estágio de Pessoa Opcional na aquisição do PB

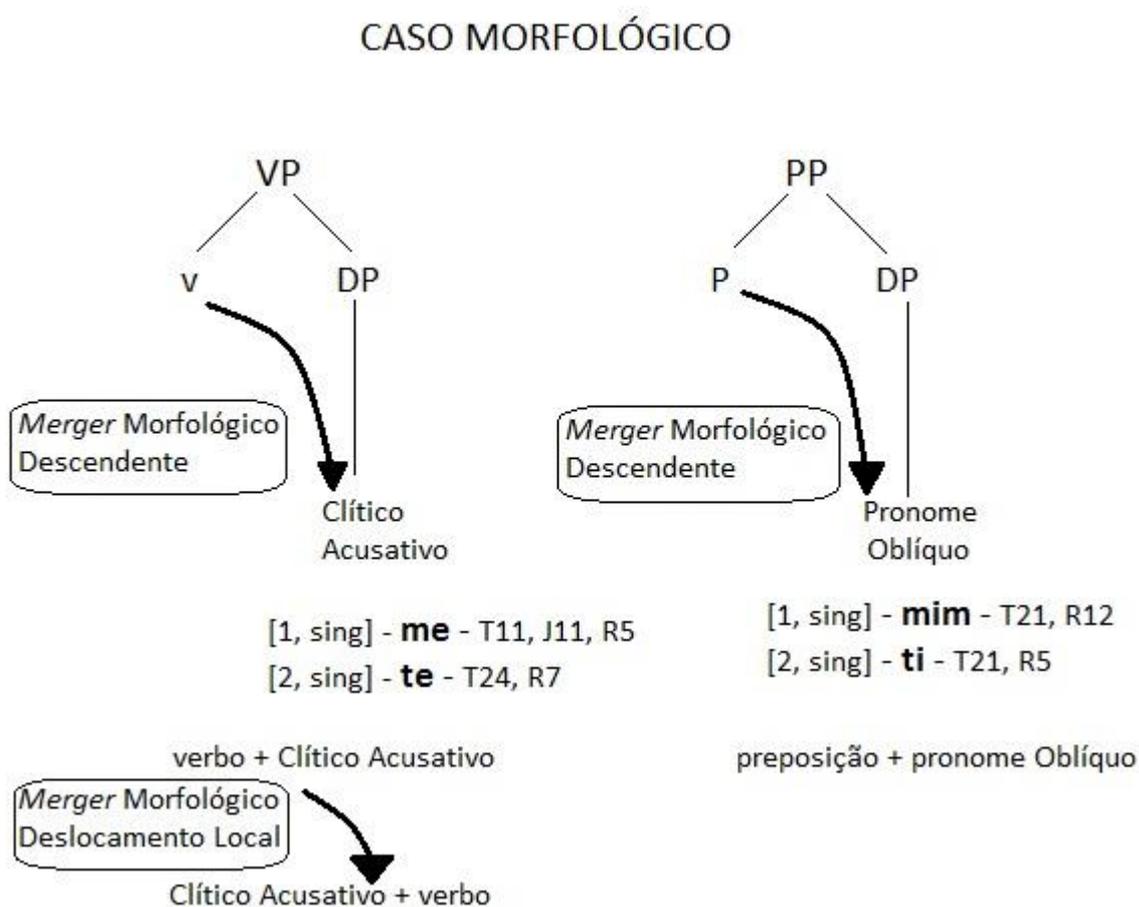


Fonte: A autora

4.4.2 O caso morfológico nos pronomes

Nesta seção é apresentado o esquema que resume o processo de aquisição do caso encontrado nas formas pronominais do PB.

Esquema 2 – Mapeamento do caso morfológico na aquisição dos pronomes



Fonte: A autora

Apenas quatro formas pronominais com caso foram encontradas nos dados das crianças pesquisadas: *me*, *te*, *mim*, e *ti*, sendo as duas primeiras, formas clíticas. Ao lado de cada pronome são apresentados os números dos arquivos em que aparecem pela primeira vez nos dados cada criança.

No componente morfológico, através do *Merger* Morfológico Descendente (ver seções 2.1.3 e 4.3.1), em posições pronominais hierarquicamente internas a VPs são inseridas as formas *me* para a primeira pessoa e *te* para a segunda pessoa. Em posições pronominais hierarquicamente internas a PPs são inseridas as formas *mim* para a primeira pessoa e *ti* para a segunda pessoa. Nessas posições, para as outras pessoas do discurso, são inseridos pronomes retos, sem caso morfológico.

Para finalizar, os clíticos *me* e *te* passam ainda por uma segunda operação morfológica que acontece após a inserção lexical. Trata-se da operação *Merger* Morfológico de Deslocamento Local, que acontece linearmente e faz com que o clítico passe para a posição de próclise.

Passa-se, então, às considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aquisição da linguagem é um tema intrigante e apaixonante. As variações do *input* podem influenciar a velocidade com que a língua vai surgindo e se desenrolando em um novo falante, mas os processos parecem combinados, pré-dispostos, pré-programados nas pequenas mentes. Um novo “eu” nasce de suas marcas no verbo e até essa nascença o “eu” é um “ele” que não se marca em sujeito exposto, um “ele” que cansou de repetir, começou a imperar, a querer tudo e, enfim, a conquistar.

Este trabalho observou a aquisição dos pronomes pessoais pela ótica da Morfologia Distribuída. Por ser uma pesquisa de interesse morfossintático, passou do sujeito ao objeto e visitou o verbo a fim de entender as relações entre a flexão e a inserção de pronomes na liderança da sentença. Verificou-se nessa amostra que há um estágio em que as crianças (entre 1 ano e 7 meses e 3 anos de idade) interpolam entre a flexão de 3ª pessoa e a de 1ª pessoa em contextos referentes a elas mesmas. A esse estágio, chamou-se *Estágio da Pessoa Opcional*, por se entender que o traço de pessoa ora está ausente ora se manifesta. Sabendo-se que o nó terminal AGR (concordância número pessoal) sofre fusão com o traço T (tempo) na formação do presente e do pretérito perfeito do PB, defendeu-se que na aquisição algumas projeções sintáticas podem se realizar foneticamente antes de passarem pela operação morfológica de fusão dos nós: como o AGR nasce no componente morfológico, é possível que algumas vezes o processamento sofra falhas e a concordância não ocorra.

Quando, em línguas como o inglês e o holandês, o traço de pessoa não é inserido, infinitivos opcionais são gerados. No português, a 3ª pessoa é a subespecificada e, por ser pobre do traço de pessoa, suas marcas acabam por ser eleitas quando o nó não pede por AGR: são marcas flexionais *default*, as de 3ª pessoa. E assim, se confirmam duas das hipóteses levantadas nesta tese: uma delas, de que *a flexão verbal na 3ª pessoa do indicativo é a primeira a figurar na linguagem infantil, mesmo em discordância com o sujeito contextual; a outra, que prevê um período em que as crianças utilizam as marcas de 3ª pessoa em contextos subjetivos de 1ª pessoa.*

Na contagem dos sujeitos e objetos produzidos pelas três crianças desta pesquisa, de imediato outra hipótese foi verificada: *sujeitos e objetos nulos acontecem de forma expressiva no início da aquisição e se mantêm em grande quantidade mesmo após a aparição das formas pronominais.* Os sujeitos nulos correspondem a quase 80% dos sujeitos nos arquivos iniciais de Tati, a 95% nos de João e a quase 50% nos de Rafael. Nos últimos arquivos, os sujeitos nulos ainda eram 47,5% dos sujeitos de Tati, 62% dos de João e 42,5% dos de Rafael.

Os objetos nulos representam números ainda maiores: 90% dos objetos iniciais de Tati, 100% dos de João e 62,5% dos de Rafael. Nos arquivos finais, Tati ainda produzia mais de 50% de objetos nulos, João tinha mais de 70% e Rafael, mais de 46%.

A análise dos sujeitos serviu para se entender as relações entre o preenchimento dessa posição sintática e a flexão verbal. Conforme já previsto, *no período em que as crianças não utilizam a flexão verbal em acordância com o sujeito contextual, elas tendem a também não utilizar pronomes, não apresentando, portanto, indícios de conhecimento do sistema de Casos*. Os dados revelaram que a relação é ainda mais estreita: mesmo que comecem a empregar pronomes pessoais ainda no Estágio de Pessoa Opcional, as sentenças cujos verbos aparecem sem traço de pessoa (em desacordo com a 1ª pessoa contextual) são quase sempre sentenças de sujeito nulo. As exceções ficam entre 0,58% para Rafael e 1,4% para Tati.

O caso neste trabalho é morfológico, diferente do Caso licenciado sintaticamente, ao qual se referia a hipótese em itálico no parágrafo anterior. No âmbito da MD, tanto AGR quanto caso acontecem no componente morfológico e a sintaxe gera apenas os nós abstratos que serão preenchidos após a atuação das operações morfológicas. O caso que foi aqui estudado é aquele que caracteriza alguns pronomes do PB, como o *me* e o *mim*. As formas nominativas *eu, tu, ele, ela, nós e eles* foram consideradas formas sem caso, assim como a forma *elas*, mesmo que não registrada nos dados das três crianças. Entre as evidências para a adoção dessa proposta, estão: o elevado número de emprego dessas formas, sua utilização isolada e em substituição de desusadas formas acusativas e oblíquas (como *o, a e lhe*).

A análise dos objetos revelou quatro formas com caso remanescentes no PB: *me, te, mim e ti*. A determinação do caso que resulta na inserção desses itens vocabulares específicos se dá por questões de vizinhança hierárquica sintática através do *Merger* Morfológico Descendente: as formas clíticas *me* e *te* acusativas acontecem internas a sintagmas verbais (VP) e os pronomes tônicos *mim* e *ti* oblíquos acontecem internos a sintagmas preposicionais (PP). Na ocorrência das formas clíticas acusativas há ainda uma operação do *Merger* Morfológico de Deslocamento Local, que age linearmente para dar o tom proclítico do PB através de uma reordenância: verbo-pronome a pronome-verbo.

Percebeu-se, ao longo do desenvolvimento deste trabalho, um problema gerado pelo recorte proposto nos critérios de inclusão e exclusão de dados. A decisão de eliminar das análises quantitativas sentenças com predicados nominais e com os verbos *ter* e *haver* no sentido de existir, entre outras, com receio de causar instabilidade nas contagens de sujeitos e objetos, acabou por fazer com que fossem eliminadas produções importantes de pronomes pessoais. Buscou-se, a partir da detecção desse problema, uma solução parcial: foram

reveladas, nos Esquemas 1 e 2 das seções 4.4.1 e 4.4.2, os números dos arquivos das primeiras aparições de cada pronome pessoal nos dados das três crianças, independente do que fora previamente estabelecido nos critérios do capítulo 3. Assim, foi possível se verificar a cronologia de aquisição dos pronomes e do caso morfológico.

A riqueza do *Corpus Issler* estimula o pesquisador a cada passo, a cada análise. Várias ideias surgem e muitas possibilidades de investigação são vislumbradas a partir dos dados das três crianças. Pelo viés teórico da MD, poderia-se desenvolver um estudo do empobrecimento do sistema flexional do PB não só nas falas das crianças mas também nas falas das mães, se buscando entender os efeitos da influência do *input*. Poderiam-se buscar relações de outros fatores presentes na interação ou na situação social e familiar das crianças com sua produção sintático-discursiva.

Um desenvolvimento futuro para a pesquisa desta tese consta na verificação de teorias sobre a aquisição da relação entre sujeito e marcas flexionais, como a Restrição de Checagem Única, *Unique Checking Constraint (UCC)*, de Wexler (1998; 2011). Essa proposta é um desenvolvimento do Modelo de Omissão de Concordância/Tempo, *AGR/TNS Omission Model (ATOM)*, de Schutze e Wexler (1996) e Schütze (2001). A *UCC* propõe que durante o Estágio dos Infinitivos Opcionais apenas um traço funcional do determinante pode ser checado: as crianças omitem ou flexão ou tempo. Os dados apresentados nesta tese talvez já possam fornecer uma resposta, porém a comparação da aquisição do PB com a aquisição de outras línguas pode estabelecer diálogos que venham a justificar essa resposta por um pareamento da aquisição do PB com a aquisição de algum outro sistema. A verificação do *Estágio de Pessoa Opcional* na aquisição do PB realizada nesta tese pode ser um primeiro passo nesse intercâmbio.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, C. C. **As Classes formais do português e sua constituição**. 2003. 254p. Tese (Doutorado em Letras) Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2003.

ANDERSON, S. Where's Morphology? **Linguistic Inquiry**, n. 13, p. 571-612, 1982.

BABYONYSHEV, M. Acquisition of the Russian case system. In: PHILLIPS, C. (ed.), **Papers on case & agreement II**. MIT Working Papers in Linguistics, n.19, p. 1-43, 1993.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.

BENVENISTE, E. **Problèmes de linguistique générale**. Bibliothèque des Sciences Humaines: Éditions Gallimard, 1966.

BASSANI, I. **Formação e Interpretação dos Verbos Denominais do Português do Brasil**. 2009. 281p. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Linguística, USP, São Paulo, 2009.

BASSANI, I.; LUNGUINHO, M. V. Revisitando a flexão verbal do português à luz da Morfologia Distribuída: um estudo do presente, pretérito imperfeito e pretérito perfeito do indicativo. **ReVEL**, edição especial n. 5, 2011. Disponível em <www.revel.inf.br>.

BLOOM, P. Subjectless sentences in child language. **Linguistic Inquiry**, n.21, p. 491-504, 1991.

BOBALJIK, J. D. On ergativity and ergative unergatives. In: PHILLIPS, C. (ed.), **Papers on case & agreement II**. MIT Working Papers in Linguistics, n.19, p. 45-88, 1993.

BONET, E. **Morphology after Syntax: pronominal clitics in romance**. Tese (Doutorado). MIT, 1991.

CASAGRANDE, S. A. 2010. 295p. **A correlação entre aspecto e objeto no PB: uma análise sintático-aquisicionista**. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

CASAGRANDE, S. A. 2007. 194p. **Aquisição do objeto direto anafórico em Português Brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Linguística), UFSC, Florianópolis, 2007.

CASAGRANDE, S. A. **A aquisição de clíticos acusativos e o objeto nulo no PB**. Revista Estudos Linguísticos, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 341-370, jun./dez. 2006.

CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. Cambridge, MIT Press, 1995.

CHOMSKY, N. Derivation by Phase. In: HALE, K. *A Life in Language*, ed. Michael Kenstowicz, v. 1, n. 52. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2001.

CHOMSKY, N. **Language and Problems of Knowledge: The Managua Lectures**. Mass./ London, England. Cambridge: MIT Press, 1988.

CHOMSKY, N. **Knowledge of Language: its nature, origin and use**. New York: Praeger, 1986a.

CHOMSKY, N. **Barriers**. Cambridge: MIT Press, 1986b.

CHOMSKY, N. **Lectures on government and binding**. Foris: Dordrecht, 1981.

CHOMSKY, N. **Reflections on Language**. New York: Pantheon, 1975.

CHOMSKY, Noam. Remarks on Nominalization. In: JACOBS, R. A.; ROSENBAUM, P. S. (ed.) **Readings in Transformational Grammar**. Waltham, Mass.: Ginn, p. 184–221, 1970.

CHOMSKY, N. **Syntactic Structures**. Mouton: The Hague, 1957.

CYRINO, S. Para a história do português brasileiro: a presença do objeto nulo e a ausência dos clíticos. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 1, n. 38, p. 31-47, 2003.

CYRINO, S. M. L. **O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico**. Londrina: Editora da UEL, 1997.

CYRINO, S. 1994. **O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático - diacrônico**. Tese (Doutorado em Linguística), UNICAMP, Campinas, 1994.

DI SCIULLO, A. M.; WILLIAMS, E. On the Definition of Word. **Linguistic Inquiry Monograph**, n. 14, Cambridge (MA): MIT Press, 1987.

DUARTE, F. B. Ergatividade cindida, papéis temáticos e causativização na língua Ka'apor. **Revista de Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 277-315, 2006a.

DUARTE, F. B. Caso, função sintática e papéis temáticos. **Revista Duc In Altum**, Muriaé, Faculdade Santa Marcelina, v. 6, n. 1, 2006b.

DUARTE, F. B. Estatuto do Caso Absolutivo em Tenetehára. **Colóquios do Museu Antropológico**, Goiânia, 2007.

DUARTE, M. E. L. A evolução da representação do sujeito pronominal em dois tempos. In.: PAIVA, M. C. ; DUARTE, M. E. L. **Mudança Linguística em tempo real**. Rio de Janeiro, Contra-capas, 2003, p. 115-128.

EMBICK, D. NOYER, R. Distributed Morphology and the Syntax/Morphology Interface. In: RAMCHAND, G.; REISS, C. (Ed.) *The Oxford Handbook of Linguistic Interfaces*. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 289-324.

EMBICK, D.; NOYER, R. **Distributed Morphology and the Syntax/Morphology Interface**. Versão de 9 de dezembro de 2005. Disponível em:
<http://babel.ucsc.edu/~hank/mrg.readings/E_N_DM_SM_Interface.pdf>

EMBICK, D.; NOYER, R. Distributed morphology and the syntax/morphology interface. In : RAMCHAND, G.; REISS, C. (ed.). **The Oxford handbook of linguistic interfaces**. Oxford: University Press, 2004. p. 1-27.

EMBICK, D.; NOYER, R. Locality in Post-Syntactic Operations. **MIT Working Papers in Linguistics**, Papers in Morphology and Syntax, n. 34, p. 265-317, 1999.

FREITAS, H. R. de. **Princípios de Morfologia**: visão sincrônica. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. 224p.

GALVES, C. **Ensaios sobre as Gramáticas do Português**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

GONÇALVES, F. 2004. **Riqueza morfológica e aquisição da sintaxe em português europeu e português brasileiro**. Tese (Doutorado), Universidade de Évora, Évora, 2004.

GRIMSHAW, J. Form, function, and the language acquisition device. In: BAKER, C.L.; MCCARTHY, J.J. (ed.) **The logical problem of language acquisition**. Cambridge: MIT Press, 1981, p. 165-182.

GRINSTEAD, J. Case, inflection and subject licensing in child Catalan and Spanish. **Journal of Child Language**, v. 27, n.1, p. 119-155, 2000.

GRINSTEAD, J. **Subjects, Sentential Negation and Imperatives in Child Spanish and Catalan**. Tese (Doutorado). University of California, Los Angeles, 1998.

HAEGEMAN, L. **Introduction to the Government and Binding Theory**. Oxford: Blackwell, 2006.

HALLE, M. MARANTZ, A. Some Key Features of Distributed Morphology. **Papers on Phonology and Morphology**, MIT Working Papers in Linguistics, n. 21, p. 275-288, 1994.

HALLE, M. MARANTZ, A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, K.; KEYSER, J. (ed.). **The view from building 20**. Cambridge: MIT Press, 1993, p. 111-176.

HARLEY, H. Bare Phrase Structure, acategorial roots, *one*-replacement and unaccusativity. In: GORBACHOV, S.; NEVINS, A. (Ed.) **Harvard Working Papers in Linguistics I**. v. 11. Cambridge, MA: Harvard Linguistics Department, 2005.

HYAMS, N. Missing Subjects in Early Child Language. In: DE VILLIERS, J.; ROEPER, T. (ed.). **Handbook of Generative Approaches to Language Acquisition**, Studies in Theoretical Psycholinguistics, n. 41, 2011.

HYAMS, N. **Language acquisition and the theory of parameters**. Dordrecht: Reidel, 1986.

HYAMS, N. **The acquisition of parameterized grammars**. Tese (Doutorado), Department of Linguistics, MIT, Cambridge, 1983.

HYAMS, N.; WEXLER, K. On the grammatical basis of null subjects in child language. **Linguistic Inquiry**, v. 3, n. 24, p. 421-459, 1993.

ISSLER, D. **A aquisição do "eu" e "tu": interseções entre a Lingüística e a Psicologia**. (1997) 259 p. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1997.

ISSLER, D. *Corpus Issler*. **Banco de Dados**. Centro de Estudos de Aquisição e Aprendizagem da Linguagem. PUCRS.

ISSLER, D. **Instruções e critérios de utilização do Corpus Issler**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <bullajp@gmail.com> Recebida em 5 ago. 2008.

JAEGGLI, O; HYAMS, N. Morphological uniformity and the setting of the null subject parameter. **Proceedings of the NELS**, University of Massachusetts, Amherst, n. 18, p. 239-253, 1988.

JAEGGLI, O; SAFIR, K. The null subject parameter and parametric theory. In: JAEGGLI, O; SAFIR, K. (ed.). **The null subject parameter**. Dordrecht: Kluwer, 1989, p. 1-44.

JONAS, D. On the acquisition of verb syntax in child Faroese. In: SCHÜTZE, C.; GANGER, J.; BROIHIER, K. **Papers on language acquisition and processing**, MIT Working Papers in Linguistics, n. 26, p. 265-280, 1995.

KATO, M. A. A natureza do objeto nulo e do nome nulo no Português Europeu e no Português Brasileiro. **Revista Intercâmbio**, São Paulo: LAEL/PUCSP, v. 23, p. 13-27, 2011..

KATO, M. A. Nomes e pronomes da aquisição. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 36, n.3, p.101-112, set. 2001.

KATO, M. A. Strong pronouns, weak pronominals, and the null subject parameter. **PROBUS**, n. 11, p. 1-37, 1999.

KATO, M. A. Sintaxe e aquisição na teoria dos princípios e parâmetros. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 30, n. 4, p. 57-73, dez. 1995.

KRAMER, I. The licensing of subject in early child language. In: PHILLIPS, C.; BOBALJIK, J.D. (Ed.). **Papers on Case and agreement I**, MIT Working Papers in Linguistics, n. 19, p. 197-212, 1993.

LAKA, I. Unergatives that assign ergative, unaccusatives that assign accusative. In: PHILLIPS, C.; BOBALJIK, J.D. (Ed.). **Papers on Case and agreement I**, MIT Working Papers in Linguistics, n. 19, p. 149-172, 1993.

LEMLE, M. Mudanças sintáticas e sufixos latinos. **Linguística**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 5-44, 2005.

LOBATO, L. M. P. **Sintaxe Gerativa do Português**: da Teoria Padrão à Teoria de Regência e Ligação. Belo Horizonte: Vigília, 1986.

LOBATO, L. M. P. Os verbos auxiliares em português contemporâneo: critérios de auxiliaridade. In: LOBATO, L. M. P.; POTTIER, B.; D'INTRONO, F.; LOFFLER-LAURIAN, A.; VIDAL, A. **Análises Linguísticas**. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 27-91.

LOCKE, J. The development of Linguistic Systems: Insights from Evolution. In: GUENDOUZI, J.; LONCKE, F.; WILLIAMS, M. J. **The Handbook of Psycholinguistic and Cognitive Processes**. New York: T&F Group, 2011, p. 3-29.

LOPES, R. The production of subject in Brazilian Portuguese by a young child. **PROBUS**, n. 15, p. 123-146, 2003.

LOPES, R.; CYRINO, S.M.L. Evidence for a cue-based theory of language change and language acquisition: The null object in Brazilian Portuguese. In: GEERTS, T; JACOBS, H. (ed.) **Romance Languages and Linguistic Theory**. Amsterdam: John Benjamins, 2005, p. 343-359.

LOURENÇO DA SILVA, E. O advento da Morfologia Distribuída. **ReVEL**, v. 8, n. 14, 2010.
Disponível em: www.revel.inf.br

LUNGUINHO, V. 2011. 223 p. **Verbos auxiliares e a sintaxe dos domínios não finitos**. Tese (Doutorado em Linguística). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

LURIA, A. R. **Basic Problems of Neurolinguistics**. The Hague: Mouton, 1976.

MAGALHÃES, T. M. V. 2006. 175 p. **O Sistema Pronominal Sujeito e Objeto na Aquisição do Português Europeu e do Português Brasileiro**. Tese (Doutorado em Linguística), Faculdade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

MARANTZ, A. **Phases and Words**. New York University, 2007. Disponível em: https://files.nyu.edu/ma988/public/Phase_in_Words_Final.pdf

MARANTZ, A. Case and Licensing. In: REULAND, E. (Ed.) **Arguments and Case: Explaining Burzio's Generalization**. John Benjamins: Amsterdam, 2000.

MARANTZ, A. No escape from Syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In: DIMITRIADIS, A. (Ed.) **Proceedings of the 1998 Penn Linguistics Colloquium**, Penn Working Papers in Linguistics, 1998.

MCCARTHY, C. **Underspecification and Default Morphology in Second Language Spanish**. McGill University, 2004. Disponível em: <http://www.bu.edu/buclid/files/2011/05/29-MccarthyBUCLD2004.pdf>

MCFADDEN, T. 2004. 379 p. **The position of morphological case in the derivation: a study on the syntax-morphology interface**. (Tese) PhD em Linguística, University of Pennsylvania, Philadelphia, 2004.

MCFADDEN, T. Default case and the status of compound categories in Distributed Morphology. In: SCHEFFLER, T. et al (Ed.). **Proceedings of the 30th Penn Linguistics Colloquium**, p. 225–238, 2007.

MEDEIROS, A. B. **Traços Morfosintáticos e Subespecificação Morfológica na Gramática do Português: um estudo das formas participiais**. 2008. 315p. Tese (Doutorado em Linguística). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. **Manual de Sintaxe**. Florianópolis: Editora Insular, 2007.

MIOTO, C. SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. **Manual de Sintaxe**. Florianópolis: Editora Insular, 2000.

NOYER, R. State-of-the-Article: Distributed Morphology. **GLot International**, v. 4, n. 4, p. 3-9, 1999.

OUHALLA, J. **Introducing Transformational Grammar: from rules to principles and parameters**. New York: Routledge, 1994.

OLIVEIRA, S. M. **Aspectos da Derivação Prefixal e Sufixal no Português do Brasil**. 2009. 333p. Tese (Doutorado em Linguística) UFSC, Florianópolis, 2009.

PEREIRA, A. L. D. **Os pronomes clíticos do PB contemporâneo na perspectiva teórica da Morfologia Distribuída**. 2006. 204p. Tese (Doutorado em Linguística) UFSC, Florianópolis, 2006.

PESETSKY, D. **Paths and categories**. Tese (Doutorado). MIT, Cambridge, 1982.

PLUNKET, K.; MARCHMAN, V. From rote learning to system building: Acquiring verb morphology in children and connexionist nets. **Cognition**, n. 48, p. 21-69, 1993.

POEPEL D.; WEXLER, K. The Full Competence Hypothesis of Clause Structure in Early German. **Language**, v. 69, n. 1, p. 1-33, 1993.

POHLMANN-BULLA, J. **A Aquisição do Caso no Português Brasileiro**. 2009. 123p. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2009.

POHLMANN-BULLA, J. IBAÑOS, A. M. T. As estruturas frasais e sua aquisição por crianças brasileiras. **Anais do CELSUL**. 2008.

POWERS, S. M. The acquisition of pronouns in Dutch and English: The case for continuity. **Proceedings of BUCLD**, n. 19, Cascadilla, Somerville, MA, p. 439-450, 1995.

ROUVERET, A. VERNAUD, J-R. Specifying reference to the subject: French causatives and conditions on representations. **Linguistic Inquiry**, n. 11, p. 97-202, 1980.

RUS, D. **The Acquisition of Verbal Inflection in Child Grammars in a Variability Model of Early Morphosyntactic Development: A Biolinguistics Perspective**. 2008. 306 p. Tese (Doutorado PhD in Linguistics). Faculty of the Graduate School of Arts and Sciences, Georgetown University, Washington, 2010.

SANO T.; HYAMS, N. Agreement, finiteness, and the development of null arguments. In: POWERS, S. HAMANN, C. (ed.). **Acquisition of scrambling and cliticization**. Proceedings of NELS, n. 24, p. 345-396, 1994.

SCHER, A. P. Nominalizações em *-ada* em construções com o verbo leve *dar* em português brasileiro. **Letras de Hoje**, n. 41, p. 29-48, 2006.

SCHER, A. P. **As Construções com Verbo Leve dar e Nominalizações em -ada no Português do Brasil**. 2004. 215p. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

SCHÜTZE, C. On the nature of default case. **Syntax**, n. 4, v. 2, p. 205-234, 2002.

SCHÜTZE, C. Productive inventory and case/agreement contingencies: A methodological note on Rispoli (1999). **Journal of Child Language**, n. 28, v. 2, p. 507-515, 2001.

SCHÜTZE, C. Children's subject case errors: Evidence for case-related functional projections. **Proceedings of FLSM VI**, v. 1, p. 155-166, 1995.

SCHÜTZE, C.T. WEXLER, K. Subject case licensing and English root infinitives. **Proceedings of the 20th Boston University Conference on Language Development**, p. 670-681, 1996.

SIMÕES, L. J. **Sujeito nulo na aquisição do português brasileiro: um estudo de caso**. 1997. 217 p. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Letras, PUCRS, 1997.

VAINIKKA, A. Case in the development of English Syntax. **Language Acquisition**. v.3, p. 257-325, 1994.

VERGNAUD, J-R. **Dépendences et niveaux de représentations em syntaxe**. Amsterdam: John Benjamins, 1985.

VIOTTI, E. O Caso *default* no português do Brasil: revisitando o Caso dos inacusativos. **Revista Estudos Linguísticos**, v.13, n. 2, Belo Horizonte, Jul/dez 2005.

WEXLER, K. Luria's Biolinguistic Suggestion and the Growth of Language. Recebido por e-mail. Versão de 2011.

WEXLER, K. Very early parameter setting and the unique checking constraint: A new explanation of the optional infinitive stage. **Lingua**, n.106, p.23-79, 1998.

WEXLER, K. Optional infinitives, head movement, and the economy of derivations in child grammar. In: LIGHTFOOT, D. HORNSTEIN, N. **Verb movement**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 305-350.

WEXLER, K. SCHÜTZE, C. T. RICE, M. Subject Case in Children With SLI and Unaffected Controls: evidence for the Agr/Tns Omission Model. **Language Acquisition**, v. 7, n. 2 – 4, Lawrence Erlbaum Associates, Inc, p. 317- 344, 1998.

YANG, C. **Knowledge and learning in natural language**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

ANEXOS

ANEXO A – Primeiras ocorrências de cada pronome de acordo com o Caso (Tati)

Fonte: Pohlmann-Bulla (2009)

O Caso Nominativo para Tati

Pronome	Primeira ocorrência	Situação
Eu	A7 – 1;10:21	<i>Eu vi.</i>
Ele	A10 – 2;0:10	<i>Ele abri e fecha.</i>
Ela	A11 – 2;0:27	<i>Ela não fala.</i>
Tu	A12 – 2;1:24	<i>Tu pega ela, eu vô pegá ela.</i>
Eles	A14 – 2;3:5	<i>É. E eles sentaram. Assim.</i>
Nós	A22- 2;8:5	<i>E nós compramo esse grandão.</i>
Elas	Não registrada	-----

O Caso Acusativo para Tati

Pronome	Primeira ocorrência	Situação
Me	A11 – 2;0:27	<i>Me sentei.</i>
Ele	A12 – 2;1:24	<i>Tu pega ele.</i>
Ela	A12 – 2;1:24	<i>Tu pega ela. Eu vô pegá ela.</i>
Te	A24 – 2;9:10	<i>Eu vou te mostrá. Minnie.</i>
Eles	A25 – 2;10:7	<i>Agora pega eles.</i>
Elas	Não registrada	-----
Nos	Não registrada	-----

O Caso Oblíquo para Tati

Pronome	Primeira ocorrência	Situação
Ele	A11 – 2;0:27	<i>Dá pra ele.</i>
Ela	A21 – 2;7:14	<i>Eu tava implicando com ela.</i>
Mim	A21 – 2;7:14	<i>Um lugarzinho pra mim.</i>
Ti	A21 – 2;7:14	<i>Eu vou fazê um lugar pra ti aqui.</i>
Eles	Não registrada	-----
Elas	Não registrada	-----
Nós	Não registrada	-----

ANEXO B – Primeiras ocorrências de cada pronome de acordo com o Caso (João)

Fonte: Pohlmann-Bulla (2009)

O Caso Nominativo para João

Pronome	Primeira ocorrência	Situação
Eu	A20- 2;7:23	<i>Eu tô... (?)</i>
Ele	A21 – 2;8:18	<i>Ele foi lá. Ele foi lá na mama.</i>
Ela	A23 – 2;10;5	<i>Ela colô na parede.</i>
Tu	Não registrada	-----
Eles	Não registrada	-----
Nós	Não registrada	-----
Elas	Não registrada	-----

O Caso Acusativo para João

Pronome	Primeira ocorrência	Situação
Me	A11 – 2;0:26	<i>Tem. Me dá.</i>
Te	Não registrada	-----
Ele	Não registrada	-----
Ela	Não registrada	-----
Nos	Não registrada	-----
Elas	Não registrada	-----
Nos	Não registrada	-----

O Caso Oblíquo para João

Pronome	Primeira ocorrência	Situação
Ele	Não registrada	-----
Ela	Não registrada	-----
Mim	Não registrada	-----
Ti	Não registrada	-----
Eles	Não registrada	-----
Elas	Não registrada	-----
Nós	Não registrada	-----

ANEXO C – Primeiras ocorrências de cada pronome de acordo com o Caso (Rafael)

Fonte: Pohlmann-Bulla (2009)

O Caso Nominativo para Rafael

Pronome	Primeira ocorrência	Situação
Eu	A2 – 1;7:12	<i>Mãe, eu quero.</i>
Ele	A3 – 1;7:28	<i>Ele.</i>
Tu	A4 – 1;8:22	<i>Acordô nenê. Tu acordô o nenê.</i>
Nós	A10 – 2;0:28	<i>Mãe, nós dois pegamo.</i>
Ela	A11 – 2;1:19	<i>Ela come tudo.</i>
Eles	A20 – 2;7:9	<i>Eles vão tudo preso.</i>
Elas	Não registrada	-----

O Caso Acusativo para Rafael

Pronome	Primeira ocorrência	Situação
Me	A5 – 1;9:16	<i>Me dá esse pente aí.</i>
Te	A7 – 1;10:24	<i>Te senta aqui.</i>
Ele	A8 – 1;11:9	<i>Mãe, bota ele sentado.</i>
Ela	A16 – 2;5:0	<i>Me dá ela, mãe. Dá ela pra mim.</i>
Eles	A21 – 2;7:24	<i>Vô colocá eles na banheira.</i>
Elas	Não registrada	-----
Nos	Não registrada	-----

O Caso Oblíquo para Rafael

Pronome	Primeira ocorrência	Situação
Ti	A5 – 1;9:16	<i>Pra ti.</i>
Ele	A7 – 1;10:24	<i>Agora dá comida pra ele.</i>
Mim	A12 – 2;2:22	<i>Abre pra mim, mãe?</i>
Nós	A22 – 2;8:21	<i>Eu vô pegá uma comida pra nós.</i>
Ela	Não registrada	-----
Eles	Não registrada	-----
Elas	Não registrada	-----

ANEXO D – Detalhamento dos arquivos de Tati

DETALHAMENTO DOS ARQUIVOS DE TATI			
FILE	AGE	TIME	DATE
T1	1;7	30'	5/10/1995
T2	1;7	30'	5/18/1995
T3	1;8	30'	6/8/1995
T4	1;8	24'	6/19/1995
T5	1;9	30'	7/6/1995
T6	1;10	30'	7/25/1995
T7	1;10	37'	8/14/1995
T8	1;11	30'	8/31/1995
T9	1;11	30'	9/11/1995
T10	2;0	22'	10/3/1995
T11	2;0	60'	10/20/1995
T12	2;1	30'	11/17/1995
T13	2;2	30'	11/29/1995
T14	2;3	30'	12/28/1995
T15	2;3	30'	1/17/1995
T16	2;4	30'	1/31/1996
T17	2;4	30'	2/22/1996
T18	2;5	30'	3/12/1996
T19	2;6	30'	3/29/1996
T20	2;7	30'	4/17/1996
T21	2;7	30'	5/7/1996
T22	2;8	30'	5/28/1996
T23	2;8	30'	6/12/1995
T24	2;9	30'	7/3/1996
T25	2;10	30'	7/30/1996
T26	2;10	30'	8/14/1996
T27	2;11	30'	8/28/1996
T28	2;11	30'	9/18/1996
T29	3;0	30'	10/17/1996

ANEXO E – Detalhamento dos arquivos de João

DETALHAMENTO DOS ARQUIVOS DE JOÃO			
FILE	AGE	TIME	DATE
J1	1;7	30'	7/10/1995
J2	1;7:21	30'	7/24/1995
J3	1;8	30'	8/7/1995
J4	1;8	30'	8/24/1995
J5	1;9	30'	9/4/1995
J6	1;9	30'	9/18/1995
J7	1;10	30'	10/4/1995
J8	1;10	30'	10/23/1995
J9	1;11	30'	11/6/1995
J10	1;11	30'	11/27/1995
J11	2;0	30'	12/29/1995
J12	UNKNOWN	30'	UNKNOWN
J13	UNREADABLE		
J14	2;4	30'	4/3/1996
J15	2;4	30'	4/26/1996
J16	2;5	30'	5/7/1996
J17	2;5	30'	5/21/1996
J18	2;6	30'	6/18/1996
J19	2;7	30'	7/26/1996
J20	UNKNOWN	30'	UNKNOWN
J21	2;8	30'	8/21/1996
J22	2;9	23'	9/11/1996
J23	2;10	30'	10/8/1996
J24	2;10	30'	10/30/1996
J25	2;11	30'	11/20/1996
J26	3;0	30'	1/2/1997

ANEXO F– Detalhamento dos arquivos de Rafael

DETALHAMENTO DOS ARQUIVOS DE RAFAEL			
FILE	AGE	TIME	DATE
R1	1;6:24	30'	8/18/1996
R2	1;7:12	30'	9/6/1995
R3	1;7:28	30'	9/22/1995
R4	1;8:22	30'	10/17/1995
R5	1;9:16	30'	11/10/1995
R6	1;10:6	30'	12/1/1995
R7	1;10:24	30'	12/19/1995
R8	1;11:9	30'	1/3/1996
R9	2;0:5	30'	1/30/1996
R10	2;0:28	30'	2/22/1996
R11	2;1:19	30'	3/15/1996
R12	2;2:4	30'	3/29/1996
R13	2;2:22	30'	4/16/1996
R14	2;3:12	30'	5/7/1996
R15	2;3:26	30'	5/31/1996
R16	2;5	30'	6/25/1996
R17	2;5:24	30'	7/19/1996
R18	2;6:6	30'	7/31/1996
R19	2;6:26	30'	8/20/1996
R20	2;7:9	30'	9/3/1996
R21	2;7:24	30'	9/18/1996
R22	2;8:21	30'	10/16/1996
R23	2;9:5	30'	10/30/1996
R24	2;9:19	30'	11/13/1996
R25	2;10:2	30'	11/27/1996
R26	2;11	30'	12/24/1996
R27	2;11:21	30'	1/15/1997
R28	3;1:1	30'	2/26/1997

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Sujeitos e objetos pronominais na aquisição do Português Brasileiro: nulos, pessoais e seus Casos Gramaticais

Pesquisador: Lilian Cristine Scherer

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 09477112.7.0000.5336

Instituição Proponente: UNIAO BRASILEIRA DE EDUCACAO E ASSISTENCIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 220.501

Data da Relatoria: 08/03/2013

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de tese de doutorado, que consiste na observação empírica de produção de linguagem por crianças em idade de aquisição, falantes de português brasileiro (PB). As análises serão baseadas na quantificação dos usos de pronomes pessoais, dos empregos e omissões de sujeitos e objetos e do adequado ou equívoco licenciamento de Caso nos pronomes pessoais. Serão discutidos os processos cognitivos, psicolinguísticos, bem como os fatores maturacionais envolvidos na aquisição dos pronomes e sua sintaxe.

O objetivo geral da pesquisa é entender a cronologia da aquisição de pronomes pessoais na primeira infância sob uma perspectiva cognitivofuncional.

A utilização das ferramentas da Sintaxe Gerativa para tanto torna-se indispensável à medida que a quantificação das ocorrências e as análises formais resultarão em achados que entram em diálogo com estudos gerativos já realizados em outras línguas.

Trata-se de uma pesquisa longitudinal, quantitativa e diagnóstica. O corpus que será utilizado foi coletado e organizado por Denise Issler entre os anos de 1995 e 1997 para o seu estudo de doutoramento, sob orientação da Prof. Dr Regina Lamprecht. O Corpus Issler (1997) é composto pelas conversas de três crianças (dois meninos e uma menina) com suas respectivas mães, em suas casas. As falas foram registradas durante um ano e meio, quinzenalmente em sessões de cerca de 30 minutos, quando as crianças tinham entre 18 e 36 meses.

Endereço: Av. Ipiranga, 6681

Bairro:

CEP: 90.619-900

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (513)320--3345

Fax: (513)320--3345

E-mail: cep@pucrs.br

Para a pesquisa quantitativa, foram elaboradas 31 perguntas (i a xxxi) divididas em 4 grandes seções que resultaram em 11 tabelas (10 para esta pesquisa e uma (1) para a contagem de verbos no imperativo formal, considerados descarte). Após a elaboração das perguntas, foram criadas as tabelas, que serão manipuladas através do programa Excel para Windows. Ao final das contagens, os dados numéricos passarão por análises estatísticas. A etapa não quantitativa do estudo contará com análises dos contextos temporais, sociais e interacionais. Essas análises, de caráter mais informal, serão feitas após a conclusão da etapa quantitativa de modo a ajudar na compreensão dos achados e a contribuir para uma visão mais global do processo de aquisição dos pronomes pessoais.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral:

Entender a cronologia da aquisição de pronomes pessoais na primeira infância sob uma perspectiva cognitivofuncional.

Objetivos específicos:

- (1) Registrar e quantificar o emprego da flexão verbal e sua concordância com o sujeito e com o tempo;
- (2) Registrar e quantificar o emprego de pronomes pessoais, bem como as omissões nas posições de sujeito e objeto;
- (3) Registrar e quantificar o emprego do Caso nos pronomes pessoais nas posições de sujeito e objeto;
- (4) Observar os contextos da realização de argumentos nulos;
- (5) Observar os contextos das expressões pronominais.

Objetivo da Pesquisa:

Não há riscos previstos à medida que a pesquisa será realizada em um Corpus já coletado e já antes utilizado.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não há riscos aparentes previstos à medida que a pesquisa será realizada em um Corpus já coletado e já antes utilizado.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Este trabalho está sendo desenvolvido na convergência da Linguística com a Psicologia Experimental. Trata-se de uma investigação da aquisição inicial de formas léxico-semânticas e sintáticas do português brasileiro como língua materna. Entram em diálogo também as áreas de Psicolinguística, Cognição e evolução das capacidades linguísticas. O estudo proposto consiste na observação empírica de produção de linguagem por crianças em idade de aquisição, falantes de

Endereço: Av. Ipiranga, 6681

Bairro:

CEP: 90.619-900

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (513)320--3345

Fax: (513)320--3345

E-mail: cep@pucrs.br

português brasileiro, doravante PB. As análises serão baseadas na quantificação dos usos de pronomes pessoais, dos empregos e omissões de sujeitos e objetos e do adequado ou equívoco licenciamento de Caso nos pronomes pessoais.

Serão discutidos os processos cognitivos, psicolinguísticos, bem como os fatores maturacionais envolvidos na aquisição dos pronomes e sua sintaxe.

Este estudo traz contribuições às áreas da Aquisição da Linguagem, da Teoria Gerativa e da Linguística Cognitiva. Por ser um estudo de continuidade, promete beneficiar a comunidade acadêmica com respostas a questões já levantadas em sua primeira versão, publicada em 2009. Outras áreas como as que tratam dos distúrbios e patologias da linguagem também são beneficiadas à medida que o mapeamento detalhado dos processos de aquisição da linguagem servem de base não só para as análises particulares de casos como também para a elaboração de testes diagnósticos para a detecção e avaliação de disfunções da linguagem. Já foram realizadas, pela doutoranda, as pesquisas bibliográficas e cumpridas as etapas de avaliação de estudos antecedentes e de escritura dos primeiros capítulos teóricos que servem de base para este estudo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

As pesquisadoras apresentaram suas ponderações sobre o Parecer emitido pelo CEP e reenviaram o projeto para o Comitê.

Recomendações:

Reelaborar o cronograma.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Parecer anterior deste Comitê entendia que as pesquisadoras deveriam apresentar Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e/ou Termo de Assentimento dos pais. Tendo em vista de que, à época, se tratava de crianças pequenas, evidentemente que caberia apenas o Termo de Assentimento, já que as crianças não tinham condições de compreender e, por conseqüência, de assinarem elas próprias o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

As pesquisadoras - a doutoranda Juliane Pohlmann Bulla e a orientadora, Profa. Dra. Lilian Cristine Scherer, tentaram, inclusive com a colaboração da pesquisadora Denise Issler, localizar os pais ou as crianças, da época (1995 e 1997), hoje já adolescentes e adultos, sem resultado, pelo decurso de tempo.

Ocorre que, como afirma a professora orientadora, à época inexistia a exigência desse tipo de documento. Assim, e porque o atual projeto vai utilizar como corpus o banco de dados já existente, e que foi doado pela então pesquisadora Denise Issler à Faculdade de Letras da PUCRS, entendemos ser impossível atender a esta recomendação do CEP, cabendo-lhes, pois, duas

Endereço: Av.Ipiranga, 6681

Bairro:

CEP: 90.619-900

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (513)320--3345

Fax: (513)320--3345

E-mail: cep@pucrs.br

opções: a) trazer aos autos uma autorização formal daquela pesquisadora, Denise Issler; ou b) apresentar o Termo de Compromisso de Utilização de dados, que garanta o anonimato das pessoas pesquisadas. Pessoalmente, este Relator entende que a última perspectiva é a mais recomendável, uma vez que são as atuais pesquisadoras que se devem responsabilizar pela utilização dos dados armazenados, justamente porque eles foram doados e se encontram sob a responsabilidade do Centro de Estudos Lingüísticos da PUCRS (CELING).

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

PORTO ALEGRE, 15 de Março de 2013

Assinador por:
Rodolfo Herberto Schneider
(Coordenador)

Endereço: Av.Ipiranga, 6681

Bairro:

CEP: 90.619-900

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (513)320--3345

Fax: (513)320--3345

E-mail: cep@pucrs.br